

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

ALANNA DELLA POSSA CONTADOR

**OS DESAFIOS DA PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO: ENTREVISTAS
COM PROFESSORES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

PONTA GROSSA

2024

ALANNA DELLA POSSA CONTADOR

**OS DESAFIOS DA PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO: ENTREVISTAS
COM PROFESSORES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme
Carvalho

PONTA GROSSA

2024

Aos quatro dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e quatro realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante **ALANNA DELLA POSSA CONTADOR**, portador do Registro Uninter **3771113** do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título “OS DESAFIOS DA PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO: ENTREVISTAS COM PROFESSORES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO” e orientação do/a professor/a Doutor Guilherme Carvalho, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dr. Josenildo Guerra

Examinador/a 2: Dr. Alexsandro Ribeiro

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10,0

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:  Documento assinado digitalmente
GUILHERME GONCALVES DE CARVALHO
Data: 09/12/2024 11:28:18 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 1:  Documento assinado digitalmente
JOSENILDO LUIZ GUERRA
Data: 12/12/2024 17:18:41 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 2:  Documento assinado digitalmente
ALEXSANDRO TEIXEIRA RIBEIRO
Data: 09/12/2024 11:41:30 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Estudante:  Documento assinado digitalmente
ALANNA DELLA POSSA CONTADOR GOLTZ
Data: 13/12/2024 16:58:35 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

E lá se vão mais quatro anos de graduação, desta vez para realizar o sonho daquela menina que não perdia uma edição do *Jornal Nacional*, daquela menina que adorava ler o jornal impresso aos domingos, que o pai comprava na banca mais perto de casa. Chego ao fim de mais um ciclo que mudou minha vida em todos os aspectos: de professora a jornalista; de admiradora a profissional; de “será que eu faço?” a “eu fiz!”.

Sem o apoio incondicional de algumas pessoas, certamente não teria conseguido, e aqui vão meus agradecimentos: primeiramente ao meu marido, Royther. Lembro-me bem de suas palavras quando pedi sua opinião sobre fazer uma nova graduação: “É melhor se arrepender por ter feito e não ter valido a pena do que se lamentar depois. Quatro anos passam rápido”. Obrigada por essas palavras. Foi o empurrão que eu precisava para seguir em frente com essa decisão. Agradeço por todo o apoio, paciência e amor em cada etapa da minha vida.

À minha mãe, minha maior apoiadora, que sempre confiou em todas as decisões que tomei, e nesta não foi diferente. Obrigada pelo suporte incondicional, por todos os episódios do *Uninter Informa* que ouviu aguardando minha participação e por sempre me deixar sonhar!

Ao Guilherme Carvalho, meu orientador, que, em todos esses anos, acompanhou minha trajetória, seja no projeto de extensão, na iniciação científica ou na orientação. Obrigada por me apresentar à pesquisa aplicada. Sem isso, este trabalho não existiria. Agradeço pela paciência e por todo o conhecimento compartilhado. Não poderia ter tido um mentor melhor nesta nova etapa.

Aos meus colegas de projeto, que, mesmo à distância, compartilharam alegrias, preocupações, artigos, prazos apertados, congressos e tantas memórias. Em especial à Emanuela Gueiros, minha amiga pernambucana, com quem troquei tantas conquistas e angústias durante o manejo deste trabalho.

Às professoras entrevistadas para este trabalho: Paula Melani, Cíntia Xavier, Raquel Longhi, Rita Paulino, Paula Paes e Kellyanne Alves. Agradeço pelo tempo concedido para que eu pudesse ouvir suas considerações e experiências, essenciais para a conclusão deste trabalho.

Pai, esse trabalho é para você!
Onde quer que esteja, sei que está feliz e orgulhoso.

*A imprensa pode causar mais danos que a bomba
atômica. E deixar cicatrizes no cérebro.*
(Noam Chomsky)

RESUMO

Esse trabalho busca compreender a importância da pesquisa aplicada para o jornalismo a partir da apresentação de referencial teórico, buscando autores como Franciscato e Santos. Apresentamos um panorama atual desse tipo de pesquisa no Brasil ao mapear as produções dos três programas de pós-graduação (*stricto sensu*) em jornalismo oferecidos no Brasil. Diante dos baixos resultados, também buscamos entender quais as principais dificuldades enfrentadas por essas universidades brasileiras na realização da pesquisa aplicada. No que tange à pesquisa quantitativa, foram utilizados dados extraídos do Observatório da Pesquisa Aplicada no Brasil (OPAJor), e considerou-se o recorte temporal de 2010 a 2024. Já a problemática qualitativa foi feita através de entrevistas com professores dos três programas de pós-graduação em jornalismo supracitados (UEPB, UEPG, UFSC).

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa aplicada; pesquisa em jornalismo; mapeamento; OPAJor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de pesquisa aplicada em jornalismo.....	23
Figura 2 – O quadrante de Pasteur.....	24
Figura 3 – Dissertações totais UEPG.....	28
Figura 4 – Dissertações totais UFSC.....	30
Figura 5 – Teses totais UFSC.....	31
Figura 6 – Lista de Teses UFSC.....	32
Figura 7 – Lista de dissertações UFSC.....	33
Figura 8 – Dissertações totais UFPB.....	34
Figura 9 – Lista de dissertações UFPB.....	35
Figura 10 – Quadro comparativo.....	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 METODOLOGIA.....	13
3 A PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO.....	19
3.1 PESQUISA BÁSICA E PESQUISA APLICADA.....	21
4 ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA:O CENÁRIO DAS PÓS- GRADUAÇÕES EM JORNALISMO NO BRASIL.....	25
4.1 UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS.....	26
4.1.1 Universidade Federal de Ponta Grossa.....	28
4.1.2 Universidade Federal de Santa Catarina.....	29
4.1.3 Universidade Federal da Paraíba.....	33
4.2 DAS DIFICULDADES.....	37
4.2.1 Panorama geral das entrevistas.....	41
4.2.2 Paula Melani e Cintia Xavier (UEPG).....	43
4.2.3 Raquel Longhi e Rita Paulino (UFSC).....	51
4.2.4 Paula Paes e Kellyanne Alves (UFPB).....	62
4.2.5 Perspectivas e desafios da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil: uma análise comparativa entre UEPG, UFSC e UFPB.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85

1 INTRODUÇÃO

Carvalho *et al* (2023) revelam que no contexto contemporâneo do jornalismo a busca por uma sinergia mais eficaz entre os domínios do ensino e do mercado incita a adoção de uma abordagem renovada no âmbito da pesquisa em comunicação. Este cenário exige uma reavaliação constante das metodologias e práticas utilizadas, de modo a assegurar que o ensino do jornalismo esteja em sintonia com as demandas e transformações do mercado. Nesse sentido, a pesquisa aplicada emerge como uma ferramenta crucial, pois vai além da mera descrição dos fenômenos, buscando soluções práticas para os desafios enfrentados pela profissão.

Conforme apontado por Santaella (2001), a pesquisa aplicada (PA) assume uma relevância ímpar, ao contribuir não somente para a resolução de problemas específicos, mas também ao instigar a formulação de novas indagações que ampliam o horizonte de investigação científica. Este tipo de pesquisa, ao se engajar diretamente com questões práticas e imediatas, promove uma interação fecunda entre teoria e prática, enriquecendo tanto o conhecimento acadêmico quanto a prática jornalística. A capacidade da pesquisa aplicada de abordar questões concretas e proporcionar *insights* acionáveis sublinha sua importância no desenvolvimento de um jornalismo mais adaptado às realidades contemporâneas e preparado para enfrentar os desafios futuros.

Assim como elucidado por Assis (2018), o conceito de pesquisa aplicada remete à utilização direta da própria investigação em algum aspecto tangível da realidade, caracterizando-se pelo envolvimento direto com o *locus*, por excelência, do objeto de estudo enquanto ela se desenvolve. Em síntese, a pesquisa aplicada é validada apenas quando sua implementação resulta em conquistas palpáveis, ou seja, quando suas descobertas e inovações passam a integrar de forma efetiva o fluxo produtivo do campo jornalístico, proporcionando melhorias práticas e concretas. A capacidade da pesquisa aplicada em gerar resultados imediatos e utilitários sublinha sua importância, pois contribui diretamente para a resolução de problemas específicos e para a otimização de processos dentro do jornalismo.

A pesquisa aplicada em jornalismo, portanto, tem se revelado crescentemente crucial para enfrentar os desafios de um campo temático que ocasionalmente se situa numa encruzilhada entre as ciências humanas e as ciências sociais aplicadas. Este posicionamento interdisciplinar requer uma abordagem metodológica que não apenas observe e analise os fenômenos jornalísticos, mas que também intervenha ativamente, promovendo mudanças e inovações que respondam às necessidades práticas do setor. Assim, a pesquisa aplicada assume um papel fundamental ao possibilitar que teorias e metodologias acadêmicas sejam testadas e validadas no cotidiano das práticas jornalísticas, fortalecendo a conexão entre o universo acadêmico e o mercado de trabalho. Dessa maneira, ela contribui para a evolução contínua do jornalismo, adaptando-se às novas demandas e desafios impostos pela sociedade contemporânea e pela constante transformação tecnológica. Como bem explica Franciscato:

[...] o jornalismo é uma atividade social prática que necessita da pesquisa aplicada para o seu desenvolvimento. A atividade jornalística é um corpus de conhecimentos e procedimentos individuais, coletivos e organizacionais que exigem um contínuo aperfeiçoamento tanto para corresponder às exigências sociais quanto para dar conta das transformações sociais no campo da tecnologia, economia, política e cultura, bem como estimulam a busca de inovações de processos e produtos jornalísticos. (FRANCISCATO, 2007, p.2)

A monografia em questão pretende analisar dois lados da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil. O primeiro deles, de natureza mais quantitativa, onde se pretende fazer um levantamento quantitativo profundo dos trabalhos publicados pelas universidades que oferecem pós-graduação (*stricto sensu*) em jornalismo no Brasil: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB); juntamente com dados provenientes do Observatório da Pesquisa Aplicada no Brasil, o OPAJor, que é fruto do projeto intitulado "Tecnologias da comunicação e a formação em jornalismo", vinculado ao grupo de pesquisa denominado Comunicação, Tecnologia e Sociedade do Centro Universitário Internacional Uninter. Este projeto, do qual fazemos parte, tem como desígnio central investigar a interseção entre a formação de estudantes de jornalismo e a utilização de ferramentas das Tecnologias da Informação em

Comunicação (TICs), tendo em perspectiva a rápida evolução dessas ferramentas no contexto profissional cotidiano.

O segundo recorte se trata de uma pesquisa mais qualitativa que busca responder alguns questionamentos referentes as dificuldades em se fazer pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil. Para isso, entrevistaremos dois professores de pós-graduação (*stricto sensu*) das três universidades brasileiras supracitadas.

A problemática da nossa pesquisa se centrará na seguinte pergunta: Quais são os problemas e empecilhos mais comuns que tornam a pesquisa aplicada uma temática ainda pouco presente nessa área?

Para chegarmos aos resultados, levantaremos os dados da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil através da plataforma online OPAJor, e traçaremos um panorama específico que inclui as universidades já citadas, além da indicação de seus tipos de pesquisa e veículo de publicação. Ademais, para levantar as hipóteses dos principais problemas, produziremos uma entrevista semiestruturada e a aplicaremos em professores das instituições analisadas para compreender de forma mais aprofundada os motivos pelos quais essas produções estão ou não enraizadas nos programas de pós-graduação de jornalismo no Brasil.

A hipótese é de que o baixo número de trabalhos publicados se deva a falta de recursos financeiros e apoio institucional, a atual desconexão entre a academia e o mercado de trabalho e a falta de colaboração interdisciplinar.

As entrevistas serão realizadas com pelo menos dois professores de cada um dos três programas de pós-graduação *stricto sensu* em jornalismo no Brasil: UEPG, UFSC e UFPB. O questionário será conduzido de forma síncrona e de dois modos: online e/ou presencial, em horário combinado por ambas as partes. O questionário abordará seis questões permitindo compreender um pouco mais sobre a relação dos programas de pós-graduação oferecido nessas instituições com a pesquisa aplicada, possível existência de grupos de estudos ligados à PA em jornalismo, se o professor em questão já orientou algum trabalho na área supracitada, e no caso de respostas positivas, indagações mais profundas sobre a(s) pesquisa(s) em questão. E, em caso negativo, entender os motivos pelos quais os professores acreditam que não tiveram contato com a pesquisa aplicada

em jornalismo. Além disso, outras perguntas sobre a temática aplicada e sua essencialidade no campo do jornalismo também serão exploradas.

Neste trabalho, a metodologia é descrita de forma detalhada, apresentando os métodos utilizados, além de uma definição aprofundada sobre pesquisa aplicada e sua importância no campo do jornalismo. No primeiro capítulo teórico, abordamos os conceitos centrais de pesquisa aplicada, distinguindo-a da pesquisa básica. Em seguida, realizamos um recorte das três universidades brasileiras que oferecem mestrado em jornalismo, analisando os dados disponíveis no OPAJor e comentando sobre as publicações científicas dessas instituições. Por fim, traremos os resultados das entrevistas semiestruturadas conduzidas com professores dessas universidades, oferecendo uma reflexão sobre os desafios enfrentados pela pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil.

2 METODOLOGIA

A intenção dessa monografia é de se aprofundar na atual situação da pesquisa aplicada no Brasil, e entender os motivos pelos quais esse tipo de pesquisa não é tão relevante no campo acadêmico do jornalismo, no que tange a indicação dos números encontrados. Para tal, faremos nosso levantamento completo em dois momentos. O primeiro, de natureza quantitativa, levará em consideração os números da pesquisa aplicada em um intervalo de tempo de quatorze anos (2010 – 2024). Nossa base de dados será retirada do Observatório da Pesquisa Aplicada no Brasil, o OPAJor (www.opajor.br) que se baseia na observação do estado da arte ao fazer relatórios anuais com os resultados dos objetos de pesquisa, e é feito anualmente pelo grupo supracitado para descrição dos números de pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil.

As pesquisas do observatório respeitam objetos fixos de pesquisa (84 revistas científicas listadas pela Compós; teses e dissertações em 64 programas de pós-graduação listados também pela Compós e anais de eventos relevantes no campo do jornalismo e comunicação: (Intercom, Compós, SBPJor, Abej e Alcar). O procedimento de levantamento foi conduzido por estudantes de iniciação científica que integram ativamente o projeto.

Após a conclusão da fase inicial dessa busca, os documentos resultantes foram submetidos a uma avaliação minuciosa, que englobou análise dos resumos, palavras-chave e introduções. Adicionalmente, com base na bibliografia de referência relacionada ao tema, foi empregado um processo adicional de filtragem. Nessa etapa, as produções foram categorizadas em três grupos distintos: pesquisa bibliográfica, que busca coletar material já publicado sobre determinado tema para analisar e problematizar; pesquisa descritiva, que trabalha sobre dados e fatos que são retirados da realidade, mas que não propõe uma mudança, de fato; e pesquisa experimental, que é a qual propõe um produto que posa resolver uma lacuna, um problema. Essa abordagem sistemática permitiu uma triagem criteriosa e uma classificação precisa das obras identificadas, contribuindo para a qualidade e a confiabilidade dos resultados da pesquisa. Todos os dados encontrados podem ser filtrados pelo portal e podem

apontar indicativos como: instituição, autores, estado de origem, tipo de pesquisa e onde a pesquisa foi publicada.

Já o segundo enfoque será de natureza qualitativa, buscando analisar através de entrevistas semiestruturadas feitas com dois professores das três instituições que oferecem mestrado acadêmico (caso da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Universidade Federal de Santa Catarina) e profissional (Universidade Federal da Paraíba) em jornalismo no Brasil. Por meio dessa entrevista, queremos entender se, e como é incentivada a pesquisa aplicada em jornalismo e em caso negativo, entender os empecilhos para fomentação desse tipo de pesquisa que se mostra tão necessário no campo jornalístico atual.

A escolha pelas entrevistas semiestruturadas vai de encontro com a necessidade de nos ajudar a entender de forma objetiva os motivos pelos quais ainda produzimos baixos números em pesquisa aplicada e os estudantes optam pela pesquisa básica ou até mesmo na produção de produtos jornalísticos. Duarte explicita a importância de se utilizar das entrevistas para se obter um resultado prático que vai além do esperado:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p. 215)

Ao optarmos por uma entrevista semiestruturada, esperamos que os questionamentos básicos, que estarão apoiados nos dados previamente encontrados, possam dar frutos a novas hipóteses surgidas através das respostas dos informantes (MANZINI, 2004). Além disso, as informações surgem com maior liberdade, e não estão condicionadas a nenhum tipo de resposta padrão.

Segundo Triviños (1987), existem dois tipos de perguntas possíveis nesse tipo de entrevista: a fenomenológica e a histórico-estrutural (dialética). A primeira tem por objetivo atingir clareza na descrição de fenômenos sociais; já a segunda, determina razões imediatas de um fenômeno social. Como queremos entender e

levantar hipóteses da baixa produção de pesquisa aplicada no Brasil, seguiremos com perguntas dialéticas avaliativas e hipotéticas.

Com relação aos entrevistados, pretendeu-se entrevistar docentes das universidades já citadas que podiam estar ligados ao tema da pesquisa aplicada, seja por já terem sido orientadores de trabalhos presentes nos resultados das buscas de repositório no Observatório da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil, ou por seguirem linhas de pesquisa conectadas ao tema, mediante pesquisa em site oficial do programa de pós-graduação.

A escolha por dois professores de cada programa de pós-graduação se deu pela possibilidade de analisar dois vieses diferentes do mesmo programa. O intuito não é investigar o histórico em pesquisa aplicada do profissional, mas sim ter um panorama sobre a postura do programa perante a pesquisa aplicada e/ou seus incentivos e fomentos para que elas estejam mais presentes dentro das universidades, além da citação dos desafios e dificuldades para os números que se apresentam atualmente tão baixos.

Na universidade paranaense as entrevistadas foram Paula Melani Rocha, que está listada como autora de um artigo na revista Ícone, de natureza descritiva sobre pesquisa aplicada no ano de 2019 intitulado “@transmidia: potencialidades das redes sociais digitais na produção jornalística com perspectiva de gênero”¹ em coautoria com André Luiz Lucas da Luz. A entrevista ocorreu de forma presencial no dia 22 de outubro de 2024 na Universidade Estadual de Ponta Grossa e teve duração de 10 minutos e 24 segundos. A segunda professora entrevistada foi Cíntia Xavier da Silva Pinto, que também está listada como autora de uma tese de doutorado de natureza descritiva publicada em 2011 pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS) intitulada “O documentário como produção jornalística: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo”². A entrevista ocorreu de forma presencial no dia 25 de outubro de 2024 na Universidade Estadual de Ponta Grossa e teve duração aproximada de 12 minutos e 04 segundos. As entrevistas dessa universidade transcorreram de forma presencial pelo fato de estarem na mesma cidade de nossa residência.

¹ Artigo disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/237948>

² Tese disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3048>

Na universidade catarinense as entrevistadas foram Raquel Ritter Longhi, que está listada como coautora de um livro lançado em 2021 pela Universidade Federal do Amapá, em colaboração com outros autores (Marcelo Ruschel Träsel; Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco; Walter Teixeira Lima Junior), chamado “Pensar em rede: pesquisa aplicada em jornalismo e tecnologias digitais”³. A entrevista aconteceu de forma remota através da plataforma Google Meet no dia 25 de outubro de 2024 e teve duração aproximada de 20 minutos e 45 segundos. Rita de Cássia Romeiro Paulino foi a segunda entrevistada pela UFSC. A professora tem vasta experiência com publicações em pesquisa aplicada, sendo uma das maiores autoras (em números) de acordo com o OPAJor. Uma participação em anais de eventos, em 2023 na SBPJor, com uma pesquisa de natureza experimental intitulada “Municipa 2030, uma proposta de *newsgame* para ampliar o conhecimento sobre a Agenda 2030”⁴ com outros coautores (Carlos Marciano; Roberto Pacheco; Monica Carneiro), e seis artigos publicados em revistas: na Extraprensa em 2014, em parceria com Vivian Rodrigues Oliveira “Uma proposta de categorias de qualidade e avaliação para interfaces jornalísticas em tablets”⁵; na Comunicação & Inovação em 2020 juntamente com Carlos Nascimento Marciano “Aplicação do *Game Design Document* para *Newsgames* (GDDN) como metodologia ativa no curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)”⁶; na Revista Observatório em 2021 com a publicação “Técnicas de Análise de Redes Sociais (ARS): um método de pesquisa aplicada para investigar atuação do Ministério da Saúde do Canadá no combate a Covid19”⁷; outra na revista Comunicação & Inovação em 2021 em parceria com outros coautores (Marcos César da Rocha Seruffo, Marina Lisboa Empinotti, Kennedy Edson Silva de Souza, Ana Carla Pimenta) “Análise da Experiência do Usuário (UX) de Narrativa Transmídia

³ Livro disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2021/07/pensar-em-rede.pdf>

⁴ Artigo disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/municipa-2030-uma-proposta-de-newsgame-para-ampliar-o-conhecimento-sobre-a-agend?lang=pt-br>

⁵ Artigo disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/EPX14-R1>

⁶ Artigo disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6256

⁷ Artigo disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11955>

através de *Mouse-Tracking*⁸; na REBEJ com outros coautores (Cárlida Emerim; Valci Zuculoto) “#Jorconvergente: teoria e prática aplicada em tecnologia *progressive web apps*”⁹; e pela Cambiassú em 2023 também em parceria (Carlos Marciano; Roberto Pacheco; Monica Carneiro; Ivone Rocha) com o trabalho “Turma Municipa 2030 e o álbum dos ODS: um *newsgame* para ampliar o conhecimento sobre a Agenda 2030”¹⁰. A entrevista realizou-se de forma remota através de plataforma Google Meet e teve duração aproximada de 36 minutos e 12 segundos.

Da universidade paraibana, a princípio tínhamos apenas uma professora com publicação em pesquisa aplicada no repositório do OPAJor: Patrícia Monteiro Cruz Mendes, que tem um artigo na revista Âncora juntamente com Luís Augusto Mendes, uma pesquisa de natureza experimental intitulada “Radiojornalismo universitário no contexto do rádio expandido e do jornalismo multiplataforma: práticas de ensino no programa Espaço Experimental da UFPB”¹¹ publicado em 2020. Porém, após contato via e-mail e *Whatsapp*, não obtivemos nenhuma resposta. Desse modo, entramos em contato com a Professora Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho, atual coordenadora do programa de pós-graduação em jornalismo da UFPB que gentilmente nos concedeu o contato de outras duas professoras do programa: Paula de Souza Paes e Kellyanne Carvalho Alves, ambas não possuem nenhuma publicação em PA segundo dados do OPAJor. A entrevista com a professora Paula ocorreu de forma online através da plataforma Google Meet no dia 08 de novembro de 2024 e teve duração de aproximadamente 26 minutos. Com Kellyanne, usamos a mesma plataforma no dia 12 de novembro de 2024 e teve duração de aproximadamente 35 minutos e 15 segundos.

A escolha da entrevista semiestruturada, se caracterizou pela possibilidade de questionamentos básicos sustentados por teorias e hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa, conforme relatado por Triviños (1987). Esses questionamentos têm o potencial de gerar novas hipóteses a partir das respostas

⁸ Artigo disponível em:

https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7893

⁹ Artigo disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/327>

¹⁰ Artigo disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/22778/12207>

¹¹ Artigo disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/53828>

dos informantes, permitindo uma investigação mais profunda e dinâmica. Nesse contexto, o foco principal é definido pelo investigador-entrevistador, que conduz a entrevista de maneira a explorar e desenvolver os tópicos de interesse emergentes durante a conversa.

De acordo com Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada foca-se em um assunto específico para o qual se elabora um roteiro com perguntas principais. Estas são complementadas por outras questões que surgem conforme as circunstâncias momentâneas da entrevista. Para Manzini (1990/1991) esse formato permite que as informações emergjam de maneira mais livre, já que as respostas não são condicionadas a uma padronização de alternativas. Isso proporciona uma maior espontaneidade e profundidade na coleta de dados.

Sobre as questões, seguimos uma linha descritiva, a fim de descobrir a compreensão de cada um dos entrevistados sobre os significados por trás dos baixos números da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil. Iniciamos com algumas perguntas básicas de compreensão do tema; partimos para a participação de cada entrevistado na área pesquisada, e, por fim, abordamos algumas hipóteses para o ainda baixo número encontrado. O roteiro da entrevista está anexado como apêndice no final deste trabalho, assim como a transcrição completa das entrevistas. As transcrições foram feitas por meio da plataforma online *Clipto.AI*. As entrevistas em sua íntegra tiveram pequenos reajustes para identificação dos falantes. No entanto, quando houve necessidade de citação de trechos da entrevista neste trabalho, fizemos as adequações necessárias em pontuações para melhor compreensão e leitura.

3 A PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO

A definição conceitual da pesquisa aplicada em jornalismo exige uma perspectiva crítica apurada, que possa diferenciar claramente entre o objeto de estudo e a "ação" prática. Até mesmo a pesquisa teórica precisa se apoiar em elementos da realidade, e a criação de um produto jornalístico no contexto acadêmico é vista de forma reflexiva. Portanto, à primeira vista, a distinção do que constitui pesquisa aplicada em jornalismo pode parecer confusa.

Conforme Carvalho *et al.* (2024a), a maioria dos trabalhos científicos na área se baseia em objetos empíricos jornalísticos, o que, de certa forma, é um alívio para aqueles que defendem uma maior interação entre a academia e o mercado. Nesses casos, a análise, muitas vezes sustentada pela teoria e metodologia jornalísticas, tende a estabelecer conexões reflexivas importantes, podendo oferecer contribuições por meio da indicação de exemplos ou problemas. Por outro lado, esse tipo de pesquisa, também conhecida como pesquisa básica (GIL, 2008; ARENDT, 1996) ou erroneamente chamada de "pesquisa teórica", oferece poucas soluções, inovações ou alternativas, o que, do ponto de vista mercadológico, é pouco valorizado e, frequentemente, rejeitado, pois aponta críticas sobre questões técnicas, éticas ou estéticas no mundo dos negócios, onde o principal interesse é o lucro.

Franciscato (2007) demonstrava preocupação com essa questão, enriquecendo o debate sobre a necessidade de reconhecimento do campo científico do Jornalismo, que estaria desafiado por duas questões centrais. Em primeiro lugar, a dependência de áreas associadas das ciências humanas e sociais frequentemente faz com que as questões específicas do jornalismo sejam relegadas a um segundo plano. Em segundo lugar, essa dependência de outras ciências gerou, segundo ele, um aparato conceitual insuficiente para explicar o jornalismo.

Tal movimento redundando, pela própria natureza de rigor disciplinar da tradição, em uma exigência de o pesquisador em jornalismo dar conta dos problemas (epistemológicos inclusive) destas disciplinas, e tal enfrentamento lhe faz tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo. (FRANCISCATO, 2007, p.1-2)

O segundo aspecto envolve a ligação do jornalismo com uma área científica mais ampla. Apesar de seu caráter prático, ou seja, um conjunto de habilidades e técnicas executadas pelos jornalistas e das normas, valores e conhecimentos que orientam a produção, a maioria das teorias e metodologias utilizadas nas pesquisas em jornalismo encontra suas bases nas Ciências Humanas, onde a reflexão teórica predomina. Em contrapartida, os aspectos práticos do pensamento são mais comuns nas Ciências Sociais Aplicadas. Por outro lado, ao comparar com as Ciências Naturais e o desenvolvimento da pesquisa experimental, percebe-se a defasagem também nas Ciências Sociais Aplicadas. Nas Ciências Naturais, o experimento é a base do conhecimento científico, especialmente através do uso de laboratórios. Já nas Ciências Sociais Aplicadas, a pesquisa experimental é considerada inaplicável ou tem pouca tradição, priorizando-se a pesquisa que parte de quadros teóricos interpretativos (FRANCISCATO, 2007).

Santos (2018) acredita que a baixa produção de pesquisa aplicada em jornalismo se dá pela conexão entre a Comunicação com as Humanidades, Letras e Artes:

As atividades de descrição e, principalmente, interpretação, amplamente utilizadas nos estudos científicos encontrados em revistas e eventos acadêmicos da área, refletem também um direcionamento claro de programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e formação de pesquisadores em geral para abordagens que normalmente não tem a intenção de propor coisas ou prescrever soluções para problemas reais; práticas tão comuns em outras áreas do conhecimento, e que, a princípio, deveriam ser essenciais numa ciência, pelo menos, oficialmente, social aplicada. (SANTOS, 2018, p.19)

Outro ponto importante a ser questionado sobre a escassez de pesquisa aplicada no campo do jornalismo se dá pela falta de recursos não apenas financeiros, mas também de uma tradição em conexões interdisciplinares na academia jornalística.

Outro ponto que pode inviabilizar esse tipo de aplicação da ciência é a carência de recursos para o desenvolvimento de soluções a partir dos

conhecimentos gerados através da pesquisa teórica e empírica. Em muitos casos, há a necessidade de profissionais capacitados e do envolvimento de outras áreas do conhecimento para trabalhar nos projetos, o que pode inibir a proposição de pesquisas de formato aplicado. [...] Destacamos o potencial de a universidade ser o espaço para o desenvolvimento de pesquisas aplicadas, adotando uma postura proativa em relação ao mercado e propondo soluções para problemas que afetam a sociedade. Em tese, a academia não está atrelada ao ritmo e às lógicas mercadológicas, o que permite dedicar tempo para o aprofundamento teórico-metodológico. Também, reúne especialistas de distintas áreas, os quais podem trabalhar coletivamente a partir das abordagens e dos interesses de cada ciência. (ALEXANDRE; AQUINO, 2021, p.19)

Vemos de modo conceitual que a pesquisa aplicada enfrente muitos empecilhos para ser reproduzida com maior frequência, o que já pode pressupor, segundo Santos (2018) um dos maiores desafios contemporâneos da área, justamente por ter que enfrentar as necessidades de um jornalismo acostumado a somente interpretar as formas de comunicação no dia a dia, mas adicionando a capacidade de prever problemas, diagnosticá-los e a capacidade de providenciar soluções através de revisão e atualização de metodologias, ferramentas e técnicas de pesquisa.

3.1 PESQUISA BÁSICA E PESQUISA APLICADA

A pesquisa acadêmica pode ser classificada quanto à sua natureza, pelos métodos abordados, pelos objetivos propostos e pelos procedimentos escolhidos. Olhando para a questão da natureza, temos dois tipos de pesquisa: a básica e a aplicada. Segundo Nascimento (2016) a pesquisa básica, ou pesquisa fundamental “tem por objetivo gerar conhecimento novo para o avanço da ciência, busca gerar verdades, ainda que temporárias e relativas, de interesses mais amplos, não localizados”. Esse tipo de pesquisa, portanto, não tem nenhum compromisso com a habilidade prática de uma pesquisa, segundo Gil (2008), a pesquisa básica deve ser impulsionada pela curiosidade, e suas descobertas devem ser compartilhadas com toda a comunidade, possibilitando a transmissão e o debate do conhecimento.

Por outro lado, a pesquisa de natureza aplicada se dedica a produzir conhecimento para solucionar problemas específicos, para ser aplicada à realidade, uma situação específica.

A motivação principal das pesquisas aplicadas, por seu lado, está na contribuição para resolver um problema. Para tal, ela aplicará

conhecimentos já disponíveis, mas das aplicações podem resultar não apenas a resolução do problema que a motivou, mas também a ampliação da compreensão que se tem do problema, ou ainda a sugestão de novas questões a serem investigadas. (SANTAELLA, 2001, p. 140)

Assim, uma pesquisa voltada para problemas práticos pode levar à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa teórica pode fornecer conhecimentos que possam ser aplicados imediatamente na prática (GIL, 2002).

Franciscato (2007, p. 6) propõe que a pesquisa aplicada em jornalismo “não nos conduz à rejeição das teorias sobre a sociedade e a comunicação construídas na tradição do pensamento social”. Sendo a partir deles o início da criação de um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. O autor também prevê algumas tipologias preliminares nas áreas jornalísticas, nos permitindo visualizar possíveis modalidades onde a pesquisa aplicada pode ser desenvolvida: gerenciamento de organizações jornalísticas; desenvolvimento de técnicas de apuração jornalísticas; arquitetura da informação; desenvolvimento de novos gêneros formatos e linguagens dos mídias jornalísticos; definição de estratégias de atuação das organizações jornalísticas; desenvolvimento visual de formatos gráficos e design de jornais.

Sobre o problema de ação da pesquisa aplicada jornalística, Franciscato (2007, p. 11-12) conceitua:

Formular um “problema de ação” em jornalismo significa desenvolver pesquisa aplicada na qual sua construção seja partilhada entre pesquisador e membros do ambiente 11 da atividade jornalística. A formulação do problema pressupõe, então, que as questões relevantes a guiar o pesquisador no seu trabalho respondam a preocupações tanto do pesquisador acadêmico quanto dos atores do mundo profissional. Competirá ao pesquisador tornar as preocupações de ordem prática destes atores, baseadas no senso comum de sua vivência na atividade, em um problema científico.

Com base em Rudio (1986), Franciscato (2007, p. 9) elabora um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo, que serviria como “esquema inicial que possibilita pensar uma montagem articulada de teoria e método em uma proposta de pesquisa aplicada em jornalismo”.

Figura 1 – Modelo de pesquisa aplicada em jornalismo.

Etapas do Modelo de Pesquisa Aplicada:

1. Etapa Preparatória à Pesquisa

- Formulação do problema
- Definição do quadro teórico e identificação do contexto
- Enunciação da hipótese
- Definição do experimento e escolha do fenômeno a ser observado

2. Etapa de Desenvolvimento da Pesquisa

- Pré-teste: uso de método descritivo
- Aplicação do fator experimental
- Utilização de método de escritura crítica (reflexão)

3. Etapa de Análise dos Resultados

- Caracterização final
- Desenvolvimento de trabalho conceitual
- Discussão metodológica e elaboração conceitual

Fonte: Franciscato (2007, p. 14)

Stokes (2005) propõe uma nova forma de classificar pesquisas relacionando ciência e tecnologia, a fim de que os laços entre a comunidade científica e a política pudessem se estreitar, dando fim a alguns problemas, como o repasse de verbas, por exemplo. Segundo o autor, a nova classificação das pesquisas relacionadas à inovação percorreria duas coordenadas: o potencial avanço de conhecimento, *versus* a sua aplicabilidade.

Figura 2 – O quadrante de Pasteur.



Fonte: <https://galoa.com.br/blog/pesquisa-basica-e-pesquisa-aplicada-o-que-sao-e-suas-importancias/> Acesso em: 29 jul. 2024.

De acordo com a figura, podemos perceber que a pesquisa básica que não apresenta aplicabilidade, representada pelo trabalho de Bohr e sua pesquisa sobre o átomo, ocupa o quadrante superior esquerdo; já o quadrante inferior esquerdo, representado pela pesquisa de iluminação elétrica de Edison, representa a pesquisa aplicada que visa um grande desenvolvimento tecnológico imediato; no quadrante superior direito, está a pesquisa de Pasteur na área de microbiologia, que tem potencial para avançar o conhecimento específico, ao mesmo tempo que também tem potencial para a pesquisa aplicada e prática. O autor deixa o quadrante inferior esquerdo para as pesquisas atreladas a curiosidade do pesquisador, localizadas em âmbito particular de cada um.

4 ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: O CENÁRIO DAS PÓS-GRADUAÇÕES EM JORNALISMO NO BRASIL

As pós-graduações no Brasil apresentam diferentes formatos, cada um com características e finalidades específicas que buscam atender às demandas de formação e mercado. Divididas em modalidades *lato sensu* e *stricto sensu*, essas categorias abrangem desde programas voltados para a especialização prática até aqueles destinados à pesquisa acadêmica e científica. No campo do jornalismo, a oferta de programas *stricto sensu* é particularmente escassa, destacando-se apenas três instituições no país com mestrados dedicados exclusivamente à área: a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (única a ofertar também o doutorado em jornalismo), e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Cada uma dessas universidades oferece abordagens distintas, refletindo tanto o desenvolvimento acadêmico quanto as demandas do mercado profissional.

Enquanto os programas da UEPG e da UFSC operam na modalidade acadêmica, com foco na formação de pesquisadores e no aprofundamento teórico, a UFPB se destaca ao oferecer um mestrado profissional em jornalismo. Essa modalidade enfatiza a aplicação prática do conhecimento, voltando-se para a criação de soluções inovadoras e produtos que atendam às necessidades organizacionais e sociais. Tal proposta é especialmente relevante em um contexto em que o jornalismo enfrenta desafios impostos pela transformação digital e pela crise de credibilidade (GUERRA, 2023).

Apesar de sua relevância, a produção de pesquisa aplicada ainda é incipiente nos programas de pós-graduação em jornalismo no Brasil. Dados coletados pelo Observatório da Pesquisa Aplicada em Jornalismo (OPAJor) revelam que, entre os trabalhos publicados nos programas das três universidades, a pesquisa aplicada representa uma pequena fração da produção total. Este capítulo busca mapear e analisar as características, demandas e desafios dessas modalidades de pós-graduação, com foco na presença da pesquisa aplicada em

seus programas, contribuindo para a compreensão de como cada instituição aborda a formação e a inovação no jornalismo.

4.1 UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS

Existem duas modalidades de pós-graduações no Brasil. Segundo o Portal do Ministério da Educação¹² as pós-graduações *lato sensu* englobam programas de especialização, incluindo os cursos conhecidos como MBA (*Master of Business Administration*), que têm duração mínima de 360 horas. Ao concluir esses cursos, os alunos recebem um certificado, e não um diploma, sendo destinados a candidatos que já possuem diploma de nível superior e que atendem às exigências das instituições de ensino, conforme previsto na Lei nº 9.394/1996. Já as pós-graduações *stricto sensu*, como mestrados e doutorados, também são voltadas a diplomados em cursos superiores, mas concedem diploma ao final, atendendo tanto às exigências institucionais quanto aos critérios de seleção estabelecidos em edital.

A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) atualmente reúne um total de 63 programas de pós-graduação *stricto sensu* na área de comunicação no Brasil. Contudo, desse total, apenas três programas são dedicados especificamente ao jornalismo: o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Enquanto a UEPG e a UFSC oferecem programas de pós-graduação em jornalismo na modalidade acadêmica, a UFPB disponibiliza um programa na modalidade profissional. Essa distribuição evidencia a escassez de programas voltados exclusivamente à formação acadêmica e profissional em jornalismo, em contraste com a abrangência mais geral da área de comunicação.

De acordo com os Requisitos para apresentação de propostas de novos cursos (APCN), a modalidade profissional:

[...] prima pela formação de profissionais qualificados para o exercício da prática profissional, visando ao atendimento das demandas sociais,

¹² <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu> (acesso em 16 de out. 2024).

organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho; à produção e aplicação de conhecimentos para a sociedade; à adequação da formação profissional a diferentes tipos de entidades. Ela objetiva melhorar a eficácia e a eficiência das organizações públicas e privadas por meio da solução de problemas, da geração de processos de inovação e transformação social, contribuindo para agregar competitividade e ampliar a produtividade¹³.

Tais modalidades ainda contam com particularidades de demandas e processos em detrimento das modalidades acadêmicas, e aqui destacamos a produção do produto final:

[...] a formação profissional caracteriza-se pela produção de pesquisas aplicadas por meio do desenvolvimento de produtos. Recomenda-se para produto final de programas profissionais: relatório técnico-científico seguido de produto; dissertação agregada com a formulação de um produto. São indicados os seguintes tipos de produtos agregados para os trabalhos finais dos programas profissionais: patentes e registros de propriedade intelectual e de softwares, inclusive depósito de software livre em repositório reconhecido ou obtenção de licenças alternativas ou flexíveis para produção intelectual, desde que demonstrado o uso pela comunidade acadêmica ou pelo setor produtivo; desenvolvimento de aplicativos e materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia; editoria; composições e concertos; relatórios conclusivos de pesquisa aplicada; manuais de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação ou adequação tecnológica; protótipos para desenvolvimento de equipamentos e produtos específicos; projetos de inovação tecnológica; produção artística; manuais, guias, cartilhas e tutoriais; outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso¹⁴.

Desse modo, espera-se que o programa de pós-graduação profissional em jornalismo da UFPB contemple uma ampla gama de projetos de pesquisa aplicada. Esses projetos devem ser orientados para a prática profissional e voltados para atender às demandas do mercado de trabalho e da sociedade, promovendo inovações e soluções para problemas organizacionais e sociais. Além disso, o desenvolvimento de produtos finais, como patentes, registros de softwares, aplicativos, e outros formatos que agreguem valor tanto à comunidade acadêmica quanto ao setor produtivo, é um componente central dessa modalidade, reforçando seu caráter aplicado e prático.

¹³ <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/comunicacao-pdf> (acesso em 16 de out. 2024)

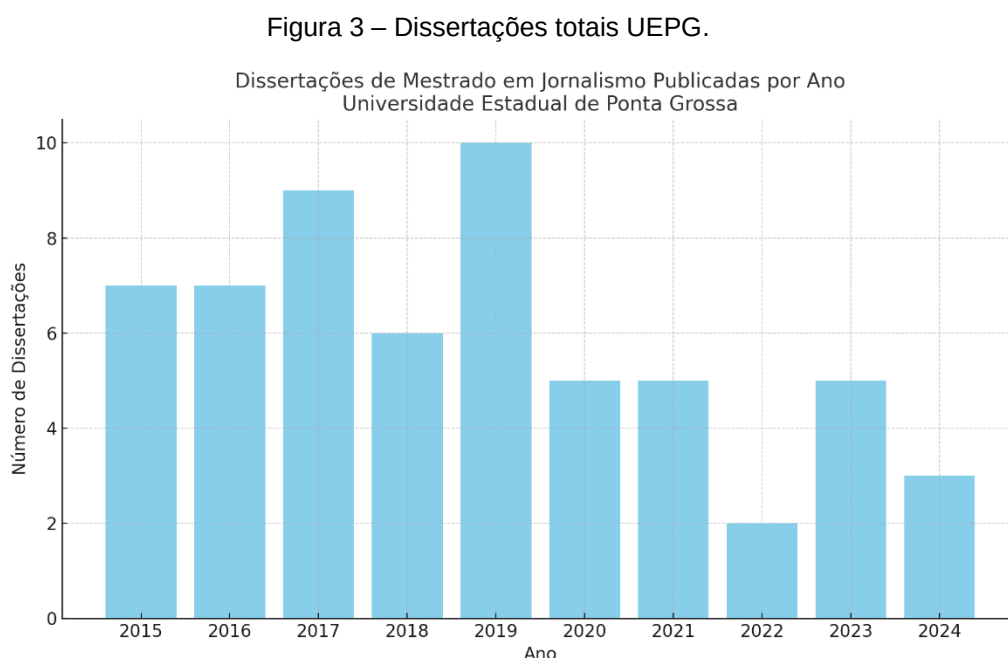
¹⁴ <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/comunicacao-pdf> (acesso em 16 de out. 2024)

Após uma análise dos dados disponíveis nos sites dos programas de pós-graduação das três universidades que oferecem mestrado em jornalismo, tivemos os resultados conforme abaixo.

4.1.1 Universidade Estadual de Ponta Grossa

O Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) concentra-se em Processos Jornalísticos, dividido em duas linhas de pesquisa: Processos de Produção Jornalística e Processos Jornalísticos e Práticas Sociais. Criado em 2012 e iniciado em 2013, o programa integra pesquisa e extensão, promovendo uma abordagem teórica e prática sobre o jornalismo e sua relação com os campos sociais. Além disso, o programa edita três periódicos especializados, destacando-se a Revista Internacional de Folkcomunicação, Revista Pauta Geral, e a Revista Brasileira de História da Mídia¹⁵.

A UEPG disponibiliza dados de dissertações desde o ano de 2015 até 2024 em seu site. Foram 59 trabalhos no total, com a seguinte evolução:



Fonte dos dados: <https://www2.uepg.br/ppgjor/dissertacoes/> (acesso em 16 de out. 2024)

Fonte da figura: autor

¹⁵ <https://www2.uepg.br/ppgjor/> (acesso em 30 de set. 2024).

Desse total, nenhuma dissertação se classificou como pesquisa aplicada em jornalismo, segundo dados do OPAJor.

A instituição possui apenas 3 publicações de participação em anais de evento. São elas: “Pesquisa aplicada e as possibilidades para uma formação propositiva em jornalismo”¹⁶, uma pesquisa bibliográfica em parceria com a UNINTER e a Universidade de Coimbra em Portugal para o EREJOR de 2024 com autoria de Guilherme Carvalho, Alexsandro Teixeira Ribeiro e João Figueira; em 2023 outra participação no EREJOR novamente em parceria com a UNINTER, “Os desafios para a pesquisa aplicada em jornalismo: dados de entrevistas com pesquisadores”¹⁷ de autoria de Guilherme Carvalho, Jeferson Ferro e Alexsandro Teixeira Ribeiro; uma participação na SBPJor de 2023 com a UNINTER como parceira, “Funcionalidades do OPAJor: plataforma de publicações de pesquisa aplicada em jornalismo”¹⁸ mesmos autores citados acima; e finalmente uma participação na COMPÓS em 2023, novamente com a UNINTER e os mesmos autores “Pesquisa aplicada em jornalismo: um retrato quantitativo dos últimos 10 anos”¹⁹.

A UEPG também conta com um artigo na revista Ícone, publicado em 2019, de natureza descritiva, de Paula Melani, entrevistada para esse trabalho, e André Luiz Lucas da Luz.

Portanto, em relação à produção de trabalhos sobre pesquisa aplicada em jornalismo na pós-graduação na UEPG, a porcentagem ao longo dos seus 9 anos de existência é de 0%.

4.1.2 Universidade Federal de Santa Catarina

¹⁶ Artigo disponível em: https://repositorio.abejor.org.br/wp-content/uploads/2024/06/Pesquisa-aplicada-e-formacao-enejor_com-autores.pdf

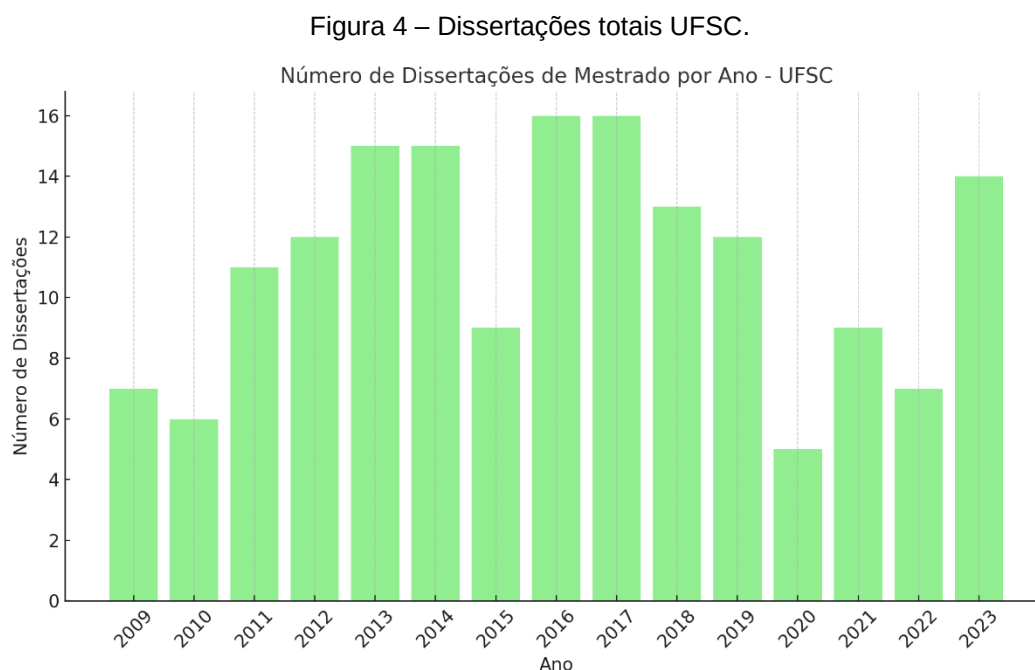
¹⁷ Artigo disponível em: <https://repositorio.abejor.org.br/?anal=os-desafios-para-a-pesquisa-aplicada-em-jornalismo-dados-de-entrevistas-com-pesquisadores>

¹⁸ Artigo disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/funcionalidades-do-opajor-plataforma-de-publicacoes-de-pesquisa-aplicada-em-jorn?lang=pt-br>

¹⁹ Artigo disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/pesquisa-aplicada-em-jornalismo-um-retrato-quantitativo-dos-ultimos-10-anos?lang=pt-br>

O Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina oferece cursos de Mestrado e Doutorado, com foco na área de estudos específicos do jornalismo. Criado em 2007, o programa reflete o amadurecimento acadêmico da instituição, que já contava com três décadas de experiência no ensino de jornalismo. O mestrado é avaliado com conceito 4 pela CAPES, sinalizando sua relevância científica e acadêmica. O doutorado, aprovado em 2013, visa formar pesquisadores e profissionais altamente qualificados na área, reforçando o papel da UFSC como referência na pesquisa em jornalismo²⁰.

O site da UFSC disponibiliza dados de dissertação entre os anos de 2009 e 2023 e teses entre os anos de 2017 e 2023. São 167 trabalhos de conclusão de mestrado e 37 conclusões de doutorado:

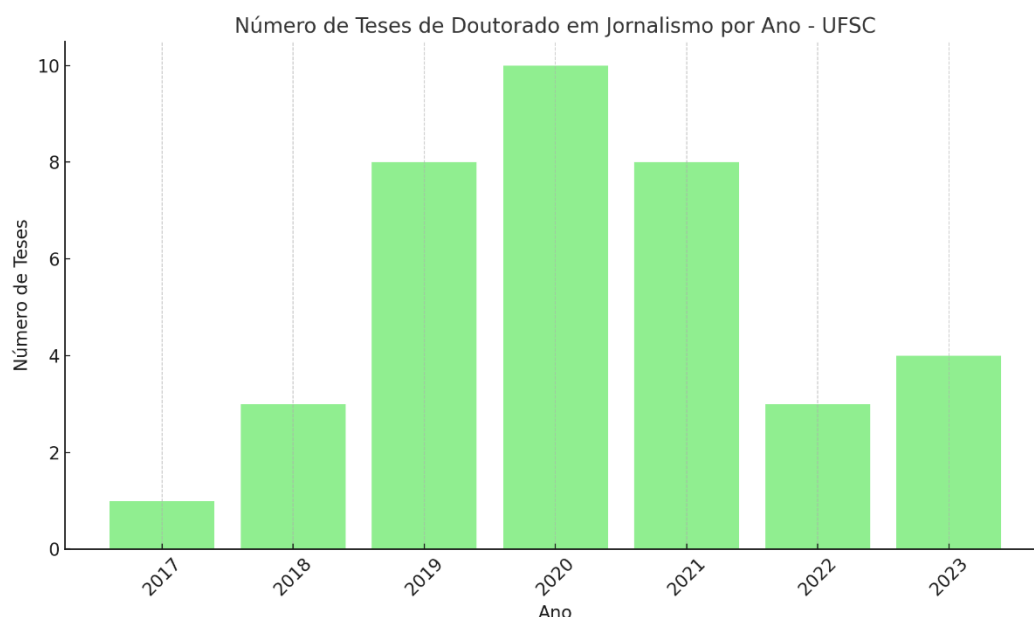


Fonte dos dados: <https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/> (acesso em 16 de out. 2024)

Fonte da figura: autor

²⁰ <https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/> (acesso em 30 de set. 2024)

Figura 5 – Teses totais UFSC.



Fonte dos dados: <https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/> (acesso em 16 de out. 2024)

Fonte da figura: autor

Desse total, segundo dados do OPAJor, foram 7 dissertações de pesquisa aplicada em jornalismo (o recorte temporal do Observatório da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil é de 2010 a 2024), e de 2 teses. As dissertações em PA, portanto, representam apenas 4,19% do total da universidade, enquanto as teses em PA representam 5,40%.

Figura 6 – Teses de PA da UFSC.

Pesquisa experimental	Jornalismo de inovação: os Estudos de Tendências como ferramenta de pesquisa	Acessar	2019	Ana Marta Moreira Flores	UFSC	SC	PPG/UFSC	Tese
Pesquisa experimental	Da pauta ao play: proposta metodológica para o planejamento e desenvolvimento de newsgames	Acessar	2020	Carlos Nascimento Marciano	UFSC	SC	PPG/UFSC	Tese

Fonte: OPAJor

As teses provenientes da Universidade Federal de Santa Catarina são ambas de natureza experimental e tiveram suas publicações entre 2019 e 2020.

O trabalho de Carlos Marciano²¹, teve orientação da professora Rita Paulino, e coorientação da professora Raquel Longhi, ambas entrevistadas para este trabalho. A pesquisa explora o uso de *newsgames* como uma nova linguagem no jornalismo, destacando seu potencial para atrair leitores migrando para mídias online e responder aos desafios econômicos do setor. O estudo propõe uma metodologia para desenvolver *newsgames*, incluindo um *Game Design Document* (documento de design de jogo) baseado no lide jornalístico e um manual com dez passos para criação desses jogos. Além de diferenciar *newsgames* de Jogos Embasados em Notícias, a pesquisa sugere oficinas para aplicação prática da metodologia, visando capacitar profissionais a desenvolver habilidades em codificação e explorar novas oportunidades no mercado de Jogos Digitais.

Já o trabalho de Ana Flores²² teve Raquel Longhi como orientadora e o professor Nelson Gomes como coorientador. A pesquisa enfatiza a importância da inovação no jornalismo e propõe um modelo de pesquisa de tendências, chamado *Trends for Journalism* (T4J) (tendências para o jornalismo), para alinhar práticas jornalísticas às tendências do setor. O modelo é dividido em três etapas: Segmentação, Validação e Apropriação. Aplicando o T4J, foram identificadas três tendências principais para o jornalismo — *Transfluency* (transparência e fluência de notícias), *Data Polarity* (dados polarizados) e *Centripetal Demands* (demandas centrípetas) — além do conceito de *Discomfort Innovation* (inovação pelo desconforto). A pesquisa também desenvolveu um mini dossiê para comunicar essas tendências, exemplificando a aplicação com casos de jornalismo tradicional (Folha de S. Paulo) e nativo digital (Nexo).

²¹ Tese disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216047>

²² Tese disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214947>

Figura 7 – Dissertações de PA da UFSC.

Pesquisa descritiva	Jornalismo, Comunicação Organizacional E Parques Tecnológicos: Análise Da Comunicação Sobre O Sapiens Parque	Acessar	2018	Ana Luísa Funchal de Oliveira	UFSC	SC	UFSC	Dissertação
Pesquisa descritiva	Drones no telejornalismo e a proposta de uma gramática de uso aplicada às imagens	Acessar	2022	Carlos Henrique Guião Coelho	UFSC	SC	PPG/UFSC	Dissertação
Pesquisa descritiva	Jogando Ética: Newsgames De Letramento No Ensino De Deontologia Jornalística	Acessar	2016	Carlos Nascimento Marciano	UFSC	SC	PPG/UFSC	Dissertação
Pesquisa descritiva	Jornalismo Imersivo De Realidade Virtual: Aspectos Teóricos E Técnicos Para Um Modelo Narrativo	Acessar	2017	Luciano Costa	UFSC	SC	PPG/UFSC	Dissertação
Pesquisa descritiva	Segunda Tela: Indicativos Para Um Aplicativo Jornalístico	Acessar	2016	Mariane Pires Ventura	UFSC	SC	PPG/UFSC	Dissertação
Pesquisa experimental	Telemobile: indicativos para um modelo de telejornal para dispositivos móveis	Acessar	2016	Tássia Becker Alexandre	UFSC	SC	PPG/UFSC	Dissertação
Pesquisa experimental	Interfaces jornalísticas em tablets: o design digital da informação nos aplicativos móveis	Acessar	2013	Vivian Rodrigues de Oliveira	UFSC	SC	PPG/UFSC	Dissertação

Fonte: OPAJor

As dissertações em pesquisa aplicada em jornalismo da UFSC foram publicadas entre 2016 e 2022 e são de natureza descritiva e experimental.

Desses trabalhos, dois foram orientados pela professora Rita Paulino, dois pela professora Cárilda Emerim, um pelo professor Antônio Brasil, um pelo professor Rogério Christofolletti e finalmente um pelo professor Carlos Locatelli, coorientado pelo professor Luiz Gomez.

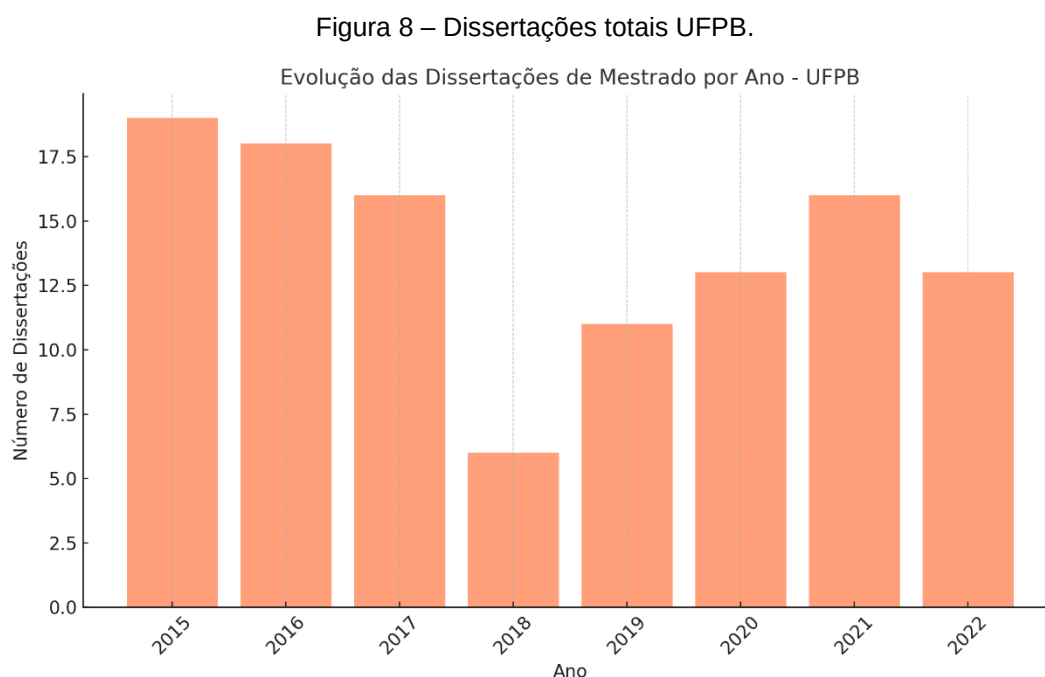
As demais publicações são: 7 publicações em anais de eventos (Intercom e SBPJor); e 8 artigos em revistas.

4.1.3 Universidade Federal da Paraíba

O Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba visa capacitar profissionais para atuar em atividades jornalísticas, alinhado às exigências do MEC e regulamentação da CAPES. O programa tem como área de concentração a Produção Jornalística, abordando a midiatização e suas implicações, assim como as transformações causadas pelas tecnologias digitais. A linha de pesquisa Processos, Práticas e Produtos Jornalísticos explora o impacto

dessas mudanças na produção e nas práticas jornalísticas, tanto em empresas de mídia quanto em outras organizações²³.

A Universidade Federal da Paraíba é a única das citadas neste trabalho que oferece mestrado profissional em jornalismo no Brasil. O site do programa de pós-graduação oferece dados entre os anos de 2015 e 2022.



Fonte dos dados: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj> (acesso em 16 de out. 2024)

Fonte da figura: autor

Desse total de 112 trabalhos somados ao longo dos sete anos de existência do programa, são 9 dissertações de pesquisa aplicada em jornalismo provenientes da UFPB, segundo dados do OPAJor, o que representa 8,04% de publicações em PA.

²³ <http://www.ccta.ufpb.br/ppj> (acesso em 30 de set. 2024)

Figura 09 – Dissertações de PA da UFPB.

Pesquisa experimental	Livro-reportagem mães na dor: mulheres órfãs de filhos	Acessar	2017	Bruna Vieira de Oliveira	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Livro-reportagem: uma proposta de criação de perfis de artistas paraibanos a partir do jornalismo literário	Acessar	2016	Cibelly Correia dos Santos	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Livro-reportagem: Bom Dia Paraíba, a história de um telejornal que já nasceu político	Acessar	2021	Felipe Nunes	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Plano de comunicação em jornalismo científico para a assessoria de imprensa / CODECOM da UEPB	Acessar	2017	Giuliana Batista Rodrigues de Queiroz	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Conteúdos digitais interativos para pessoas idosas: uma proposta para o telejornal da tv UFPB	Acessar	2016	Maria Alice de Carvalho Correia	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Suporte informacional (aplicativo) de apoio aos usuários de crack, dependentes e codependentes: projeto Hope	Acessar	2020	Maria Laura de Luna Lucena	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Arruar: a produção de um site de jornalismo independente utilizando a estética do jornalismo literário	Acessar	2016	Rafaela Alves Nobrega Gambarra	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Arruar: a produção de um site de jornalismo independente utilizando a estética do jornalismo literário	Acessar	2016	Rafaela Alves Nobrega Gambarra	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Manual de relacionamento de magistrados com a imprensa	Acessar	2015	Rosa Dalva Cabral de Aguiar	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação
Pesquisa experimental	Livro-reportagem "Paraíba no Prato, Orgulho no Peito": a gastronomia armorial paraibana e a trajetória do chef Onildo Rocha	Acessar	2021	Tatiana Ramalho Barbosa	UFPB	PB	PPG/UFPB	Dissertação

Fonte: OPAJor

Todos os trabalhos têm natureza experimental e foram publicadas entre 2015 e 2021. Uma das dissertações foi orientada pela professora Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho, uma pelo professor David Fernandes, uma outra por Thiago Soares, uma por Guido Lemos de Souza Filho, uma por Sandra Regina Moura, uma por Felipe da Silva Nunes, outra por Hidelberto Barbosa de Araújo Filho e suas por Luiz Custódio da Silva.

Das demais publicações, o OPAJor identificou dois artigos em revista. A primeira lançada na revista Âncora em 2020 por Patrícia Monteiro e Luis Augusto Mendes, de natureza experimental "Radiojornalismo universitário no contexto do rádio expandido e do jornalismo multiplataforma: práticas de ensino no programa

Espaço Experimental da UFPB”²⁴; e outra pela revista REBEJ publicada em 2022 por Laura Rayssa de Andrade Cabral; Fabiana Cardoso de Siqueira, de natureza descritiva “Inteligência artificial no jornalismo: um estudo do robô Corona Repórter”²⁵.

Segundo os dados disponibilizados pela plataforma OPAJor, foram identificadas, entre os anos de 2010 e 2024, um total de 48 dissertações em programas de pós-graduação vinculados à Compós com temáticas relacionadas à pesquisa aplicadas. Destas, 37 classificam-se como de natureza experimental, enquanto 11 são de natureza descritiva. O ano de 2021 destacou-se como o período de maior produção, com sete dissertações em pesquisa aplicada em jornalismo.

Ao somarmos as dissertações oriundas das três instituições analisadas neste estudo (UEPG, UFSC e UFPB), chegamos a um total de 16 trabalhos, o que corresponde a 33,3% de todas as dissertações em pesquisa aplicada em jornalismo registradas na plataforma OPAJor. Este dado reforça a relevância dessas instituições no cenário nacional, ainda que a produção em pesquisa aplicada permaneça limitada frente ao panorama geral.

No que diz respeito às teses de doutorado, o OPAJor registra 15 classificadas como pesquisa aplicada em jornalismo dentro do mesmo recorte temporal de 14 anos. Dessas, sete são de natureza experimental, sete descritivas e apenas uma bibliográfica. Entre as instituições analisadas, apenas a UFSC oferece doutorado em jornalismo, contabilizando duas teses em pesquisa aplicada, o que representa 13,3% do total nacional. Esses números evidenciam tanto o potencial quanto os desafios para a ampliação da pesquisa aplicada no âmbito dos programas de pós-graduação.

²⁴ Artigo disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/53828>

²⁵ Artigo disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/483/347>

4.2 DAS DIFICULDADES

Arendt (1996) aborda a polarização entre pesquisa básica e pesquisa aplicada na psicologia social, destacando como a "estrutura institucional universitária" no Brasil impõe desafios para o desenvolvimento da pesquisa científica, enfatizando duas questões principais. Em primeiro lugar, há uma preocupação com o excesso de responsabilidades que recaem sobre os pesquisadores, em contraste com a ausência de um papel acadêmico dedicado exclusivamente à pesquisa nas instituições brasileiras. Como a maioria das atividades de pesquisa ocorre em instituições de ensino superior, e a carreira acadêmica está fortemente vinculada à docência, os pesquisadores acabam dividindo seu tempo entre ensino, extensão e pesquisa, o que dificulta um foco mais aprofundado nas atividades de investigação científica (ARENDT, 1996).

Por outro lado, indivíduos com uma maior inclinação para o ensino também enfrentam a pressão de atender às exigências da produção científica, pautadas pelos critérios da avaliação institucional voltados para o produtivismo científico. Esse modelo de avaliação privilegia a quantidade de publicações, frequentemente em detrimento de uma análise mais aprofundada da qualidade. A ausência de uma distinção clara entre pesquisadores e professores faz com que o sistema nivele a produção científica no Brasil a um padrão inferior, pois tanto aqueles dedicados à pesquisa quanto os focados no ensino enfrentam obstáculos para realizar investigações de alta qualidade (CARVALHO, 2024b).

De acordo com a análise de Arendt (1996), esses fatores, combinados à falta de recursos voltados para a pesquisa no Brasil, desempenham um papel crucial na formulação de projetos que frequentemente carecem de planejamento adequado. Isso resulta em uma trajetória histórica marcada pela dependência de fontes externas e pela presença de elementos autoritários e exclusivistas na produção científica nacional.

Franciscato (2007) aponta que a evolução da pesquisa no campo do jornalismo enfrenta dois desafios centrais. Em primeiro lugar, há uma interdependência com disciplinas das ciências humanas e sociais que, em alguns casos, pode levar à diluição das características específicas do jornalismo, relegando suas particularidades a um plano secundário. Essa vinculação com

outras áreas resultou na construção de um arcabouço conceitual insuficiente para abordar plenamente os aspectos próprios do jornalismo.

Tal movimento redundava, pela própria natureza de rigor disciplinar da tradição, em uma exigência de o pesquisador em jornalismo dar conta dos problemas (epistemológicos inclusive) destas disciplinas, e tal enfrentamento lhe faz tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo. (FRANCISCATO, 2007, p.1-2)

O segundo elemento crítico refere-se à inserção do jornalismo em um contexto científico mais amplo. Embora o jornalismo possua uma natureza prática, representada por habilidades, técnicas, normas, valores e conhecimentos que guiam a atuação dos profissionais, a maioria das teorias e metodologias adotadas nas pesquisas jornalísticas provém das Ciências Humanas, onde o enfoque teórico predomina. Em contrapartida, as Ciências Sociais Aplicadas, às quais o jornalismo se alinha devido aos aspectos práticos e concretos, apresentam um descompasso em relação ao desenvolvimento da pesquisa experimental quando comparadas às Ciências da Natureza. Enquanto os experimentos laboratoriais constituem a base do conhecimento nas Ciências da Natureza, a pesquisa experimental nas Ciências Sociais Aplicadas é frequentemente considerada inviável ou pouco explorada, predominando abordagens que emergem de quadros teóricos interpretativos (FRANCISCATO, 2007).

Uma possível solução para esse desafio pode estar na superação da dicotomia entre Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, reconhecendo as interconexões entre as áreas e abordando a tecnologia sob uma perspectiva transversal na pesquisa.

Santos (2018, p.19) argumenta que a limitada produção de pesquisa aplicada no campo do jornalismo é resultado da conexão histórica entre os estudos em Comunicação e as áreas de Humanidades, Letras e Artes.

As atividades de descrição e, principalmente, interpretação, amplamente utilizadas nos estudos científicos encontrados em revistas e eventos acadêmicos da área, refletem também um direcionamento claro de programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e formação de pesquisadores em geral para abordagens que normalmente não tem a intenção de propor coisas ou prescrever soluções para problemas reais; práticas tão comuns em outras áreas do conhecimento, e que, a princípio, deveriam ser essenciais numa ciência, pelo menos, oficialmente, social aplicada. (SANTOS, 2018, p.19)

É necessário estabelecer na metodologia utilizada não apenas estratégias para a coleta de dados e sua posterior análise, mas também, caminhos para testar, mesmo que em caráter exploratório, o potencial de validação e adoção do que se está propondo. Traduzindo, não basta apenas desenvolver a solução, é preciso também pensar em algum tipo de cenário para um ou mais testes efetivos de utilização no ambiente ou contexto mais próximo possível daquele que identificamos no início da jornada. (SANTOS, 2018, p. 116)

Segundo Santos (2018), a pesquisa aplicada deve incluir em sua metodologia a possibilidade de realizar testes com os futuros usuários do produto ou serviço em desenvolvimento, visando assegurar a eficácia da abordagem proposta.

Além do âmbito epistemológico, a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil também enfrenta desafios palpáveis e significativos que dificultam sua consolidação e impacto no campo profissional. De acordo com Carvalho e Ribeiro (2024)²⁶, um dos principais obstáculos é a desconexão entre a academia e o mercado, com muitos pesquisadores priorizando estudos teóricos e distantes das práticas jornalísticas cotidianas. Essa lacuna limita o desenvolvimento de soluções práticas e inovadoras que poderiam atender às demandas e transformações constantes do setor, especialmente em um contexto de rápidas mudanças tecnológicas e sociais. Além disso, a falta de incentivo institucional e a escassez de recursos para apoiar iniciativas de pesquisa aplicada agravam o problema, dificultando a construção conjunta de soluções que aliem a teoria à prática, essencial para o avanço e a relevância do jornalismo no cenário brasileiro.

Assis (2018) argumenta que um dos principais entraves está na construção do próprio objeto de estudo, o que exige um distanciamento crítico e uma base epistemológica sólida para evitar a simples replicação de demandas mercadológicas. Além disso, a pesquisa aplicada deve ir além da descrição de fenômenos, engajando-se diretamente com problemas práticos e propondo soluções para a realidade profissional do jornalismo. Contudo, segundo o autor, há uma baixa adesão a esse tipo de pesquisa, em parte devido à falta de financiamento e à dificuldade de integrar as demandas acadêmicas e de mercado. Para que a

²⁶ Artigo disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/pesquisas/com-a-pratica-a-teoria-e-outra/#:~:text=Em%20partes%2C%20os%20desafios%20para,a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20conjunta%20de%20solu%C3%A7%C3%B5es>. (acesso em 07 nov.2024)

pesquisa aplicada em jornalismo avance, é fundamental que ela adote uma postura crítica e que o campo acadêmico reconheça sua importância na formação de novos jornalistas e na adaptação das práticas jornalísticas às novas realidades sociais e tecnológicas.

Uma série de razões poderia ser apontada como motivos, principalmente as de natureza econômica. Afinal, a produção de conhecimento é dependente das suas condições de produção, o que inclui financiamento. Fazer pesquisa aplicada é algo dispendioso, e para tanto necessitaria de recursos do próprio mercado destinados a esse fim, uma vez que direcionar verba pública para solucionar questões do setor produtivo pode, em certos casos, incidir em impasse ético e confundir interesses. É uma conta difícil de fechar. (ASSIS, 2018, p. 141)

A discussão sobre as causas para os baixos índices de pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil vai além da causa financeira e frequentemente recai sobre a falta de integração entre academia e mercado. De um lado, as empresas jornalísticas, especialmente aquelas de grande porte, têm buscado apoio acadêmico para enfrentar os desafios impostos pelas rápidas transformações culturais, sociais e tecnológicas. Entretanto, elas frequentemente encontram resistência ou falta de capacitação adequada para estabelecer parcerias eficazes (CARVALHO et al. 2023).

Por outro lado, a universidade, muitas vezes, ainda adota uma postura mais teórica e distanciada da prática, impedindo que o jornalismo seja tratado como uma "ciência social aplicada" em toda a sua potencialidade. Essa desconexão reflete uma percepção histórica de que o saber jornalístico é essencialmente prático, sendo aprimorado dentro das próprias rotinas do mercado, o que dificulta uma colaboração mais profunda com a academia. Assim, o debate sobre a responsabilidade por essa lacuna permanece, revelando um cenário em que ambos os lados precisam superar barreiras ideológicas e metodológicas para promover uma pesquisa aplicada que verdadeiramente atenda às demandas contemporâneas do jornalismo. Eduardo Meditsch (2004) argumenta em favor do mercado e seu interesse em encontrar na academia uma parceria que supra suas necessidades:

[...] há algum tempo tem buscado o apoio da universidade para a solução de seus problemas, sem encontrar interlocutor interessado ou capacitado para essas parcerias. As empresas se deram conta de que a profissão já não pode se produzir "na prática" como antigamente; a mutação cultural,

social e tecnológica obriga a uma compreensão científica do que está ocorrendo. [...], Mas a universidade não tem assumido o seu papel em nosso campo, porque não conseguimos ser uma “ciência social aplicada” como deveríamos. E não conseguimos porque somos um campo colonizado intelectualmente. Não apenas colonizados em termos culturais [...], mas também colonizados enquanto disciplina, pois somos controlados ideologicamente pela área de ciências humanas, que também não é a nossa. (MEDITSCH, 2004, p.99)

Assis (2018), entretanto, faz ressalvas a essa aproximação, considerando que o conhecimento técnico da academia não é exatamente o que o mercado realmente necessita:

O embate entre “academia” e “mercado” no contexto do jornalismo é histórico, cimentado basicamente na percepção de que o saber jornalístico é oriundo da própria prática, sendo ali mesmo revisitado e aprimorado no correr do tempo. Além disso, nossa própria experiência no diálogo com as empresas jornalísticas é reveladora de que há muito a se fazer no sentido de romper a barreira que separa os dois setores, principalmente no que diz respeito às empresas integrantes da chamada “grande imprensa” ou “grande mídia”. O interesse da maioria delas pelas contribuições que a academia pode oferecer é ainda de ordem técnica – especialmente no tangente ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento de suportes e sistemas (MACHADO, 2003, p. 44-48) – e direcionado a outros campos do conhecimento, havendo pouca demonstração de interesses em pesquisas que possam agir em seus modos de produção e no conteúdo gerado. (MACHADO, 2003, p. 44-48 apud ASSIS, 2018)

Uma terceira problemática sobre pesquisa aplicada se dá na falta de estrutura laboratorial e de recursos humanos. Machado (2005) lista, além da falta de recursos financeiros, a desconexão de mercado e a academia, a questão estrutural:

ao contrário da pesquisa teórica em que, desde que a instituição conte com pesquisadores qualificados, pode ser feita com recursos muito menores, a pesquisa aplicada exige pesados investimentos na criação da infraestrutura laboratorial necessária para dar continuidade aos projetos. E mais: os resultados práticos da pesquisa aplicada podem ser melhor aferidos pelos órgãos financiadores. (MACHADO, 2005)

4.2.1 Panorama geral das entrevistas

As entrevistas realizadas com dois docentes de cada um dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em jornalismo oferecidos no Brasil trouxeram um panorama que corrobora com a hipótese levantada por essa monografia: a de que os baixos números da pesquisa aplicada em jornalismo no país se dão por falta de

recursos financeiros e a atual desconexão entre a academia e o mercado de trabalho.

As perguntas direcionadas às professoras foram estruturadas (apêndice A) para explorar tanto perspectivas individuais quanto institucionais sobre a pesquisa aplicada no campo do jornalismo. Inicialmente, abordamos aspectos pessoais de cada professora, buscando entender suas visões e experiências sobre o papel da pesquisa aplicada em suas práticas acadêmicas. Em seguida, as perguntas enfocaram os potenciais fomentos que cada programa de pós-graduação poderia oferecer para estimular a produção de pesquisa aplicada no Brasil, investigando iniciativas e estratégias que poderiam aumentar a relevância e o volume desse tipo de pesquisa no país. Por fim, também questionamos as entrevistadas sobre as principais dificuldades que, em sua opinião, contribuem para os baixos índices de publicação de pesquisa aplicada, visando identificar os obstáculos mais cruciais que dificultam o desenvolvimento e a consolidação dessa área no contexto acadêmico e profissional brasileiro.

De maneira geral, as seis professoras concordaram, em diferentes graus, sobre o potencial da pesquisa aplicada para enfrentar os desafios contemporâneos do jornalismo. Todas destacaram que, embora ainda haja obstáculos a serem superados, a pesquisa aplicada oferece uma abordagem prática que pode responder de maneira eficaz às demandas do campo, especialmente diante das rápidas transformações tecnológicas e sociais. As entrevistadas também foram unâimes ao reconhecer o crescimento dessa temática nos últimos anos no Brasil, indicando um movimento positivo e crescente de valorização da pesquisa aplicada nas discussões acadêmicas e na formação de novos profissionais de jornalismo.

Diante das perguntas sobre as dificuldades, as professoras concordaram com algumas hipóteses já levantadas para os baixos índices de publicações sobre pesquisa aplicada em jornalismo, e trouxeram outros pontos relevantes que contribuem para essa realidade. Elas destacaram a pouca procura dos alunos por esse tipo de pesquisa, o que limita a quantidade de estudos aplicados desenvolvidos nos programas de pós-graduação. Além disso, mencionaram a falta de conhecimento específico por parte dos professores para orientar adequadamente trabalhos de pesquisa aplicada, o que dificulta o avanço nessa área.

Outro obstáculo apontado foi a escassez de recursos humanos, o que impede que a demanda complexa das pesquisas aplicadas seja plenamente atendida. As professoras também ressaltaram que o professor universitário, ao precisar se dividir entre várias funções, como ensino, orientação e administração, não consegue dedicar-se exclusivamente às pesquisas, o que torna desafiador o desenvolvimento de estudos longos e complexos, como os aplicados. Por fim, apontaram a necessidade de uma interlocução mais robusta entre os programas de pós-graduação de diferentes áreas, de modo a formar equipes multidisciplinares que possam suprir as demandas tecnológicas e práticas que as pesquisas aplicadas exigem.

Entretanto, o aspecto que mais surpreendeu nas entrevistas foi a postura divergente dos programas de pós-graduação em relação à influência do mercado de trabalho no ambiente acadêmico. Alguns programas adotam uma posição mais conservadora quanto à interligação entre mercado e academia, argumentando que essa aproximação poderia resultar em uma transferência de conhecimento gerado na universidade para o setor privado, retirando da academia o controle sobre seu próprio saber. Por outro lado, outros programas acreditam que o verdadeiro obstáculo é a falta de interesse do mercado em estabelecer uma parceria com a universidade para atender suas próprias demandas. Essa diferença de postura evidencia a complexidade do debate sobre a pesquisa aplicada em jornalismo, onde as percepções sobre o papel da academia e sua interação com o mercado ainda são marcadas por tensionamentos e visões contrastantes.

4.2.2 Paula Melani e Cíntia Xavier (UEPG)

As professoras escolhidas para responderem à entrevista na UEPG foram Paula Melani Rocha e Cíntia Xavier. As entrevistas com ambas aconteceram no mês de outubro de 2024 de modo presencial nas dependências da UEPG.

Paula Melani possui formação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1991) e em Jornalismo pela Faculdade Casper Líbero (1990), com mestrado (1997) e doutorado (2004) em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e pós-doutorado em Jornalismo pela Universidade Fernando Pessoa, em Portugal. Com especialização em Multimeios pela Universidade de

Harvard (1996), é atualmente professora associada do Programa de Pós-Graduação e da graduação em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordena os grupos de pesquisa "O Conhecimento no Jornalismo" e "Jornalismo e Gênero", ambos registrados no CNPq. Em 2020, integrou a equipe do Atlas da Notícia como coordenadora da equipe de Jornalismo da UEPG. Atua como conselheira da Fundação Educacional de Ponta Grossa (FUNEPO), integra a Comissão Permanente de Acompanhamento e Avaliação de Cotas da UEPG desde 2020 e representa a UEPG no Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Ponta Grossa para o biênio 2024-2026. Além disso, exerce o cargo de Diretora de Relações Institucionais na Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) e é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - PQ2 (2023-2026)²⁷.

A entrevista com a professora Paula, oferece uma visão detalhada sobre os desafios e a escassez da pesquisa aplicada no contexto acadêmico do jornalismo no Brasil. Quando questionada sobre a relação do programa com a pesquisa aplicada, a entrevistada rapidamente esclarece que há pouca produção nesse sentido. Ela explica que a orientação para pesquisas aplicadas é praticamente inexistente no programa de pós-graduação da UEPG, sendo mais comum na graduação. Esse cenário, segundo Paula, decorre das linhas de pesquisa e do perfil dos professores que priorizam abordagens mais teóricas.

Eu acho que primeiro são os grupos, as linhas de pesquisas e dos pesquisadores, e das pesquisadoras que compõem o nosso programa. Nós tínhamos uma professora que fazia, que era a professora Maria Lúcia, ela estava, inclusive, no nosso programa. Ela estava na área de pós-graduação, mas ela aposentou, saiu. E ficou muito tempo na pós porque pegou justamente o período de aposentadoria dela. Então, eu acho que é mais pelas linhas de pesquisa dos professores e das professoras, né, do que qualquer outra coisa, né? Por isso que eu acho que tem pouca outra orientação de trabalho nesse sentido na pós-graduação. (MELANI, 2024)

Melani (2024) aponta que, no Brasil, a pesquisa aplicada em jornalismo ainda é pouco explorada, embora veja esse campo como essencial, dada a natureza prática e teórica do jornalismo, que é uma Ciência social aplicada. Essa carência é paradoxal para ela, pois o jornalismo tem o potencial de se beneficiar da pesquisa aplicada para gerar conhecimento prático e contribuir com soluções

²⁷ Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6167780482628027>

concretas para a área. No entanto, ela observa que o desenvolvimento de pesquisa aplicada em programas de pós-graduação no Brasil está mais vinculado aos interesses e perfis específicos dos professores, e não a uma cultura institucional de incentivo a esse tipo de pesquisa.

Eu acho que a nossa área, o que é um paradoxo, paradoxal, porque ela tem, como é uma ciência social aplicada, como o nosso, o fazer jornal, o conhecimento do fazer jornalístico envolve conhecimento teórico e prático. Eu acho que há um campo aí que deveria ser mais explorado. Inclusive para trazer contribuições, né, e gerar tecnologias. (MELANI, 2024)

A professora explora ainda um dos fatores que, segundo ela, limita a produção de pesquisa aplicada no programa: o receio de que esse tipo de pesquisa possa ser influenciada pelo mercado. Melani (2024) revela que alguns professores temem que a pesquisa aplicada em jornalismo se torne uma extensão das demandas mercadológicas, como ocorre em outras áreas, onde empresas financiam pesquisas que beneficiam seus interesses comerciais. Para ela, essa é uma linha tênue que a universidade precisa equilibrar para não comprometer seu papel enquanto geradora de conhecimento em benefício da sociedade.

Houve uma discussão aqui no nosso programa (e uma das fortes) aqui que foi colocada pelos professores: era o receio de virar mercadológico, ou seja, fazer pesquisas em parcerias com as necessidades do mercado. [...] Eu cito muito a área da agronomia. Então, o que significa? A universidade desenvolve pesquisas sobre adubos, venenos, que são úteis para o plantio. Porque as empresas financiam. Só que isso tem danos. Então você acaba, a universidade acaba trabalhando para a empresa. Desenvolvendo o interesse da empresa. E não um interesse pensando na sua área. Na sociedade. Nas funções que você tem que exercer ali. É nesse sentido. (MELANI, 2024)

Outro aspecto relevante discutido é a continuidade dos projetos de pesquisa aplicada. À sugestão de que projetos de pesquisa aplicada iniciados na graduação poderiam ser desenvolvidos no mestrado ela explica que, frequentemente, os alunos que começam com esse foco acabam migrando para projetos teóricos na pós-graduação. Esse fenômeno evidencia uma lacuna de continuidade na formação em pesquisa aplicada dentro do programa, indicando uma falta de incentivo e estrutura para que os alunos aprofundem suas pesquisas em níveis mais avançados.

Em conclusão, a entrevistada reflete os desafios que o programa da UEPG enfrenta para integrar pesquisa aplicada no contexto da pós-graduação em jornalismo. Paula Melani (2024) reconhece o valor da pesquisa aplicada para responder aos desafios contemporâneos do jornalismo, mas ressalta que é necessário cautela para evitar que o conhecimento gerado na academia seja utilizado exclusivamente para atender demandas mercadológicas, o que poderia comprometer o papel acadêmico da universidade.

A segunda entrevistada, Cíntia Xavier é doutora em Comunicação pela Unisinos, é Professora Associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Mestrado) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde coordenou o Mestrado entre 2020 e 2024. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UEPG (1995) e mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (2004), possui experiência na área de Jornalismo, com ênfase em televisão, dedicando-se a temas como teorias do jornalismo, agendamento temático, documentário e ética. Atuou como vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) na gestão 2021-2023²⁸.

Xavier (2024) oferece uma análise detalhada sobre os desafios e limitações para o desenvolvimento da pesquisa aplicada no campo do jornalismo no Brasil. Inicialmente, a professora destaca que certas áreas, como saúde, engenharia e tecnologia, têm mais facilidade em implementar pesquisas aplicadas, pois apresentam problemas concretos que incentivam o desenvolvimento de soluções práticas. Esse tipo de pesquisa conta com maior apoio institucional e parcerias com o setor privado, o que não ocorre na mesma medida na área de jornalismo.

Bom, a gente tem algumas áreas do país que têm uma facilitação maior para esse tipo de desenvolvimento de pesquisa, algumas áreas ligadas especialmente à saúde, a empresas de tecnologia do campo e essas dimensões. A gente costuma ver com mais frequência, né, até mesmo a área de engenharia de materiais, a gente vê com mais frequência a pesquisa aplicada. Por quê? Porque, de certa maneira, é mais comum ver problemas na hora de,

²⁸ Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0837873107772226>

ou deficiências ou faltas, mais concretas, na forma de algum tipo de material, algum tipo de técnica, algum tipo de produto, e aí a universidade é acessada para fazer esse tipo de atividade de pesquisa, né. Então, elas são pesquisas que a gente pode dizer que são pesquisas [inaudível], ou seja, é desenvolvida dentro da universidade, mas também tem o incentivo da iniciativa privada para fazer esse desenvolvimento. (XAVIER, 2024)

A professora aponta uma questão relevante sobre a autonomia e a divulgação dos resultados em pesquisas aplicadas que envolvem financiamento do setor privado. Segundo Xavier (2024), quando essas pesquisas são desenvolvidas em parceria com empresas, os resultados geralmente não são disponibilizados ao público, pois a propriedade intelectual pertence ao financiador. Ela considera isso problemático, pois acredita que o conhecimento científico produzido pela universidade deve servir ao bem comum e ser acessível a todos. Além disso, Xavier (2024) ressalta a perda de autonomia do pesquisador nesses casos, já que a necessidade de apresentar resultados satisfatórios para as empresas pode limitar a liberdade acadêmica e a possibilidade de redirecionar ou interromper a pesquisa caso os resultados não sejam os esperados.

A grande questão da pesquisa aplicada, Alanna, está nessa associação entre aquilo que o mercado precisa e aquilo que a universidade consegue produzir em termos de pesquisa. E aí uma coisa que eu não falei quando estava te respondendo na pergunta anterior é daquilo que eu observo como uma certa problemática das pesquisas aplicadas, que tem essa parceria com as empresas. O que eu percebo em alguns casos? Bom, primeiro, quando essas pesquisas são aplicadas são trabalhadas de maneira associada, ou seja, que tem financiamento externo de iniciativa privada, em geral, aquilo que é produzido dentro da instância da universidade não é público. Ou seja, a empresa que financia detém a patente. Isso já é um problema, porque a gente tem aqui uma visão de que aquilo que a gente produz em termos de ciência, deve ser posto para o bem comum. Outra questão que eu considero bastante complicada e complexa é a autonomia nos resultados da pesquisa. Ou seja, se eu não tiver um resultado necessariamente satisfatório, bom, naquela pesquisa, no caso de uma autonomia do pesquisador que está trabalhando sem estar associado com a empresa, ele pode abandonar, ele pode rever, ele pode reconduzir os seus dados. No caso, às vezes, da iniciativa privada, isso fica muito mais difícil, porque a iniciativa privada está esperando algum resultado. Então eu considero isso um problema também. (XAVIER, 2024)

Outro ponto levantado pela professora é a falta de interesse dos professores pela pesquisa aplicada no programa de pós-graduação da UEPG. Ela menciona que há poucos docentes interessados em desenvolver pesquisas aplicadas e que essa prática não faz parte da cultura acadêmica da instituição. Na UEPG, a

pesquisa aplicada em jornalismo é pouco explorada, e o professor Guilherme Carvalho é uma das poucas exceções que realiza esse tipo de trabalho. Além disso, Xavier (2024) aponta que, para a pesquisa aplicada prosperar, é necessário haver uma demanda por parte do mercado, mas observa que as empresas frequentemente resistem à colaboração com a academia, preferindo buscar soluções internamente. Segundo ela, esse distanciamento dificulta a implementação de projetos práticos, uma vez que o mercado nem sempre vê a academia como uma parceira potencial para resolver problemas específicos.

A professora também aborda a tradição histórica da pesquisa em jornalismo no Brasil, que é predominantemente voltada para a pesquisa básica e para abordagens teóricas. Ela observa que a pesquisa aplicada em comunicação e jornalismo não possui uma cultura consolidada no país, o que limita a adoção de metodologias voltadas para a prática. Xavier (2024) sugere que essa herança teórica dificulta a incorporação de pesquisas práticas que poderiam oferecer soluções mais concretas para o setor.

[...] é um histórico de uma tradição. Quer dizer, há pesquisa em comunicação e há pesquisa em jornalismo no país e não tem essa tradição de fazer pesquisa aplicada. Então, sem se vislumbrar esse tipo de situação, fica muito complicado mesmo desenvolver. (XAVIER, 2024)

Por fim, Xavier (2024) reflete sobre o potencial da pesquisa aplicada para oferecer respostas práticas e inovadoras para o jornalismo. Ela acredita que, embora existam pesquisadores com interesse em realizar pesquisa aplicada, faltam oportunidades e incentivos para que essa prática se torne mais comum. A professora sugere que o isolamento entre a academia e o mercado prejudica o desenvolvimento de projetos colaborativos. Segundo Xavier (2024), essa resistência do setor privado em estabelecer um diálogo com a academia impede que a pesquisa aplicada alcance todo o seu potencial e contribua de forma mais significativa para a evolução do jornalismo no Brasil.

A entrevista com a professora Xavier (2024) revela uma série de fatores que dificultam o crescimento da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, desde a falta de interesse e especialização dos docentes até a resistência das empresas em colaborar com a academia. Apesar desses desafios, Xavier (2024) reconhece o valor da pesquisa aplicada para o avanço do jornalismo e destaca a necessidade

de superar barreiras estruturais e culturais para que essa vertente de pesquisa possa se consolidar e oferecer contribuições mais relevantes para o campo.

Um ponto de convergência entre ambas as entrevistadas é o reconhecimento de que a pesquisa aplicada em jornalismo é pouco explorada no Brasil e enfrenta uma série de desafios estruturais e culturais. As duas professoras mencionam que, embora o jornalismo seja uma Ciência Social Aplicada, as pesquisas na área ainda são predominantemente teóricas e distantes das práticas de mercado. Xavier e Melani compartilham a percepção de que a falta de interesse por parte dos docentes e a ausência de uma tradição consolidada de pesquisa aplicada contribuem para essa lacuna. Ambas indicam que a pesquisa aplicada é vista como uma prática pontual, sustentada, muitas vezes, pela iniciativa individual de alguns professores, mas sem um suporte institucional abrangente.

No entanto, as professoras divergem em suas interpretações sobre o papel do mercado e a interação entre academia e empresas na promoção da pesquisa aplicada. Melani (2024) demonstra uma postura mais crítica e cautelosa quanto à interferência do mercado na pesquisa acadêmica. Ela expressa preocupações sobre a possibilidade de que parcerias com empresas possam “mercantilizar” a pesquisa, tornando-a subserviente aos interesses privados e desviando-a de sua função social e acadêmica. Essa visão está alinhada com uma perspectiva mais tradicional, na qual a autonomia da pesquisa universitária, desenvolvida em entidades públicas, deve ser preservada frente aos interesses do mercado, para evitar que a produção científica seja monopolizada por empresas, como ocorre em outras áreas, como a agronomia, nas quais Melani (2024) acredita que as pesquisas acadêmicas muitas vezes acabam servindo aos interesses comerciais de financiadores, em detrimento do bem público.

Xavier (2024), por outro lado, aborda a questão com uma postura um pouco menos restritiva, reconhecendo tanto os benefícios quanto as limitações das parcerias com o setor privado. Ela aponta que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores na área de jornalismo é, justamente, a resistência das empresas em colaborar com a academia. Para Xavier (2024), o mercado ainda

não percebe o potencial de colaboração com as universidades para a solução de problemas práticos, e essa barreira torna a pesquisa aplicada mais desafiadora. Segundo ela, a resistência não é apenas do lado acadêmico, mas também do próprio setor privado, que tende a enxergar a universidade de forma isolada e a preferir resolver seus problemas de forma interna, sem estabelecer uma troca de conhecimentos com a academia. Em sua visão, essa falta de diálogo restringe o desenvolvimento da pesquisa aplicada e impede que ela ofereça contribuições mais significativas para o campo do jornalismo. Carvalho *et al.* (2023) corroboram com esse distanciamento entre mercado e academia, e incluem a falta de parcerias como ferramenta fundamental para alimentar o sistema da pesquisa aplicada: a apresentação de demandas reais para investigação e desenvolvimento de soluções.

Outro ponto de divergência entre as professoras reside na percepção das condições internas das universidades para fomentar a pesquisa aplicada. Melani (2024) acredita que a ausência de professores especializados e a falta de uma cultura de pesquisa aplicada em programas de pós-graduação são fatores determinantes para o baixo número de publicações. Ela também menciona que o histórico e a trajetória dos programas e de seus pesquisadores estão mais alinhados a uma abordagem teórica, o que dificulta a implementação de pesquisas voltadas para a prática. Já Xavier (2024), embora também destaque a falta de interesse de alguns professores, aponta que as agências de fomento poderiam desempenhar um papel mais ativo, incentivando diretamente a pesquisa aplicada. Ela observa que, embora algumas agências demonstrem um interesse inicial nesse tipo de pesquisa, a falta de recursos financeiros e de estruturas adequadas nas universidades ainda é um entrave significativo.

Por fim, ambas as professoras concordam que a pesquisa aplicada em jornalismo poderia oferecer respostas mais concretas para os desafios enfrentados pelo setor, especialmente no contexto das rápidas transformações tecnológicas e das mudanças nos modelos de negócios jornalísticos. No entanto, enquanto Melani (2024) Melani adota uma postura mais conservadora quanto à aproximação com o mercado, Xavier (2024) aponta a necessidade de superar o isolamento entre academia e empresas como um passo fundamental para o avanço da pesquisa aplicada. Esse contraste reflete diferentes interpretações sobre a autonomia

universitária e o papel do mercado na pesquisa, destacando, assim, as nuances e complexidades do debate sobre a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil.

Em suma, as entrevistas com Melani e Xavier revelam que, apesar das dificuldades e da escassa tradição de pesquisa aplicada no jornalismo, existe uma consciência comum sobre sua importância e potencial para o campo. Ambas defendem a necessidade de expandir essa prática, mas divergem sobre o grau de envolvimento com o setor privado e as melhores estratégias para superar os desafios existentes. Esses pontos de vista complementares destacam a complexidade da implementação da pesquisa aplicada em jornalismo e apontam para a necessidade de um diálogo mais profundo entre academia e mercado para que essa modalidade de pesquisa se consolide e traga benefícios concretos para o setor.

4.2.3 Raquel Longhi e Rita Paulino (UFSC)

As professoras escolhidas para responderem à entrevista na UFSC foram Raquel Ritter Longhi e Rita Paulino. As entrevistas com ambas aconteceram no mês de outubro de 2024 de modo online síncrono via plataforma *Google Meet*. Ambas as professoras receberam durante a entrevista o mesmo questionário semiestruturado. Cabe salientar que ambas as professoras da universidade catarinense são membros da Rede de Pesquisa aplicada em Jornalismo e Tecnologias²⁹ (JorTec), grupo criado em 2008 com a finalidade de debater a produção de pesquisa aplicada visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais nos processos de captação, produção, empacotamento, transmissão e distribuição de conteúdos jornalísticos nas convergentes plataformas comunicacionais.

Raquel Ritter Longhi é docente do programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com uma atuação de destaque em pesquisa nas áreas de narrativas ciberjornalísticas, plataformação do jornalismo, jornalismo imersivo e ciberjornalismo, incluindo novos formatos expressivos como grandes reportagens

²⁹ <http://jortec.ufpr.br/portal/>

multimídia e narrativas imersivas. Além de ministrar disciplinas sobre jornalismo online, jornalismo gráfico e gêneros e formatos jornalísticos, ela edita a Revista Estudos em Jornalismo e Mídia (EJM) desde 2022 e integra o Conselho Editorial da Editora Luiz Gonzaga Motta/SBPJor.

A docente possui experiência internacional, incluindo pós-doutorados no Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade da Universidade Autônoma de Barcelona (2019), e no Centro de Investigação em Mídia e Jornalismo (CIMJ) da Universidade Nova de Lisboa (2013-2014). Entre 2020 e 2022, coordenou a Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec), afiliada à Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Ela organizou obras de referência, como “Jornalismo Convergente: reflexões, apropriações e experiências” (2012), “Gêneros e Formatos no Ciberjornalismo” (2016) e “Jornalismo e Plataformização: Abordagens investigativas contemporâneas” (2021). A professora possui graduação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1985), mestrado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Ela lidera o Grupo de Pesquisa Hipermídia e Linguagem/CNPq e o Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor) na UFSC³⁰.

A entrevista com Longhi (2024), revela aspectos centrais sobre os desafios e a situação atual da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, especialmente no contexto do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ela reconhece que, embora o número de pesquisas aplicadas em jornalismo tenha crescido nos últimos anos, ainda há desafios significativos para a consolidação desse tipo de pesquisa no país. Segundo a professora, a visibilidade desses trabalhos está aumentando, como evidenciado pela criação de uma categoria de premiação específica para pesquisa aplicada pela SBPJOR (Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo)³¹, mas que os projetos indicados ainda são relativamente poucos. Ela acredita, no entanto, que o aumento

³⁰ Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4649814099154237>

³¹ A entrevistada se refere aqui ao Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo. Criado pela SBPJOR em 2004 reconhece a qualidade dos trabalhos acadêmicos realizados nas universidades e/ou centros de pesquisas. Atualmente o prêmio conta com cinco categorias: Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado, Pesquisa Aplicada e Sênior (<https://site.sbpjor.org.br/premio-agf/>)

do reconhecimento institucional e a dedicação contínua dos pesquisadores nessa área tendem a consolidar a pesquisa aplicada no campo do jornalismo em breve.

Eu acho que nos últimos anos tem crescido o número de colegas pesquisadores que têm feito pesquisa aplicada, mas tem crescido também a visibilidade desses trabalhos. A gente viu, por exemplo, a SBPJOR recentemente, de alguns anos para cá, colocou uma categoria de premiação em pesquisa. Em pesquisa aplicada, né? O que se viu também é que ainda são poucos trabalhos que concorrem nessa categoria, porque não são muitos, mas efetivamente esse crescimento certamente vai dar frutos daqui uns anos. Provavelmente a gente vai ter um cenário com um número bem maior e mesmo esse reconhecimento que creio que vai só se fortalecer. Porque o trabalho na pesquisa aplicada, especialmente dos colegas, continua, né, e está sendo reconhecido e o pessoal tem trabalhado bastante nisso. Então, acho que vejo com um olhar bem positivo. (LONGHI, 2024)

No que tange ao programa de pós-graduação da UFSC, ela explica que a instituição possui algumas iniciativas em pesquisa aplicada, especialmente por meio do grupo de pesquisa Hipermídia e Linguagem, coordenado pela própria professora e que conta com a colaboração de outras docentes, como Rita Paulino. Ela menciona que a professora Rita Paulino, em particular, tem sido uma das principais responsáveis por conduzir e incentivar a pesquisa aplicada no programa, inclusive promovendo eventos e colaborações com outros departamentos, como o de Engenharia e Gestão do Conhecimento. Isso ressalta uma tentativa de integrar áreas e conhecimentos, o que enriquece as perspectivas metodológicas e a troca de conhecimentos entre diferentes setores do conhecimento.

Então, eu acho que a gente tem um trabalho bem importante, o programa dá todo o apoio e percebe como fundamental também no nosso programa esse trabalho em pesquisa aplicada, sabe? Isso é muito importante também. (LONGHI, 2024)

Apesar dos esforços individuais, Longhi (2024) aponta que o número de publicações de dissertações e teses em pesquisa aplicada ainda é baixo, constituindo uma pequena porcentagem do total de trabalhos realizados no programa. Ela atribui essa limitação principalmente à falta de recursos humanos especializados e à baixa quantidade de professores que se dedicam especificamente à pesquisa aplicada. A professora também destaca que a demanda por esse tipo de orientação é limitada pela própria capacidade da

universidade em ofertar essa especialização, considerando o número reduzido de professores e a divisão em três linhas de pesquisa.

Eu acho que tem duas coisas aí: nós temos poucos professores que orientam pesquisa aplicada [...] a nossa demanda é a demanda de acordo com o que a gente oferece, né. Nesse sentido, o número é o número que a gente conseguiu, né, definir até agora, a partir dessa relação entre oferta e procura. A gente, como tem poucos recursos humanos oferecendo orientação em pesquisa aplicada, os interesses também que vêm de fora, né, eles são de acordo com o que a gente pode oferecer, né. À medida que a gente tiver mais professores que se dediquem à pesquisa aplicada, nós teremos, certamente, mais capacidade de responder a uma determinada demanda. (LONGHI, 2024)

Outro ponto relevante abordado na entrevista foi a questão financeira, onde menciona a escassez de financiamento para a pesquisa aplicada. Ela observa que muitos professores enfrentam dificuldades para obter recursos de agências de fomento e, em alguns casos, acabam financiando seus próprios projetos. A alta carga administrativa e a exigência de atividades de ensino na graduação e na pós-graduação também impactam negativamente a capacidade dos professores de se dedicarem plenamente à pesquisa, dificultando o avanço de iniciativas inovadoras e limitando o desenvolvimento de projetos aplicados.

A questão financeira sempre vai fazer diferença, né? A gente tem pouco apoio das agências de pesquisa. Muitos de nós, por exemplo, entram em editais que a gente tem o mérito, mas não consegue a bolsa no caso, isso obviamente que impacta. Eu mesma nas minhas pesquisas sobre jornalismo imersivo, eu paguei do meu bolso, eu investi em câmeras 360 porque por mais que eu tivesse mérito no meu projeto que eu mandei para o CNPq em algumas tentativas eu não tive dinheiro [...] E nós temos uma alta carga na graduação também, isso é, a gente na pós-graduação, a gente não pode pensar que a gente está só numa pós-graduação e que pode só fazer pesquisa e dar aula, e mesmo assim esse só fazer pesquisa e só dar aula não é só como a gente sabe, a nossa carga realmente administrativa é muito grande e isso não nos dá muito fôlego para desenvolver muitas coisas que a gente não pode fazer a gente gostaria a gente muitas vezes não tem condições de desenvolver muito, que a gente tem ideias de fazer e não consegue porque a nossa carga especialmente a administrativa, nós somos professores. Tem uma diferença entre universidades particulares e universidades públicas: na particular você tem servidor, você tem técnicos, você tem gestores que são contratados. Nós temos que fazer gestão, muitas vezes nós temos que fazer serviço também de servidores porque a gente fica sem servidor e a universidade não nos coloca outros. Então isso tudo aumenta a nossa carga e prejudica muito o nosso trabalho como pesquisador então isso afeta a nossa produção científica. (LONGHI, 2024)

Arendt (1996) vai além e tenta explicar os motivos pelos quais a universidade tem deixado menos latente a questão da pesquisa entre professores e alunos.

A institucionalização da pesquisa torna-se um fato. O que ocorre com a paixão pela pesquisa? Como pode ela libertar-se das pressões míticas do *curriculum vitae*, julgamento último do estatuto de pesquisador? O sistema favorecerá mais suas qualidades de gestor de recursos do que sua paixão pela descoberta. Na universidade humboldtiana, tornada universidade de massa, não é simples ensinar a uma multidão de alunos os rudimentos da postura do pesquisador. Tarefa sofrida e muitas vezes vã, observa Lourau, pois a maioria destes estudantes não se destina nem à pesquisa nem ao ensino, mas busca uma inserção profissional numa sociedade que nega a contradição, o devir, institucionalizando as categorias do desemprego, da exclusão ou da marginalidade. As ciências do homem estão fortemente implicadas nesta institucionalização cega, o que não facilita a formação em pesquisa. A paixão do pesquisador torna-se um luxo [...] (ARENDR, 1996)

Conforme destacado, a universidade enfrenta desafios ao equilibrar a formação de docentes entre atividades de ensino e pesquisa, resultando em tensões que impactam o aprofundamento do trabalho acadêmico. Isso reflete uma arquitetura institucional que, ao buscar evitar feudos, muitas vezes os reforça (ARENDR, 1996).

Longhi (2024) também reflete sobre o papel do mercado e a relação deste com a pesquisa aplicada. Ela aponta que, no Brasil, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, a tradição de parcerias entre o mercado e a academia ainda é incipiente, especialmente no campo do jornalismo. A professora acredita que essa resistência do mercado limita as possibilidades de desenvolvimento da pesquisa aplicada, pois as empresas não demonstram tanto interesse em colaborar com a universidade para solucionar problemas práticos do setor.

Nós não temos essa tradição no jornalismo, na comunicação no Brasil, isso ainda está, vamos dizer, engatinhando. Então, eu acho que sim, nós temos dificuldades nesse sentido, pela falta de tradição, mas nós temos também iniciativas que estão, que podem tentar mudar esse quadro. Nas áreas mais de exatas, por exemplo, da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente na engenharia mecânica, isso é uma realidade já há alguns anos e o curso é um dos, se não for o melhor do Brasil, enfim, e tem essa parceria com empresas muito, muito forte. Então, eu acho que, claro que depende de todo um contexto, talvez essa tradição universidade, talvez da própria pesquisa em comunicação e jornalismo com o mercado, ainda precise ser mais trabalhada, enfim, mas realmente é uma tradição que a gente se tem ainda, é muito pouca. Então, é algo que teria, vamos dizer, é um desafio. (LONGHI, 2024)

Por fim, ela considera que a pesquisa aplicada tem um grande potencial para contribuir com o jornalismo, especialmente diante de desafios contemporâneos como o uso da inteligência artificial e o impacto das redes sociais. Segundo ela, estudos sobre essas áreas são essenciais para adaptar o jornalismo às novas realidades e promover uma prática mais alinhada às transformações tecnológicas e sociais. Ela defende que pesquisas em temas como análise de redes sociais e *newsgames* são relevantes para o desenvolvimento e fortalecimento do jornalismo, demonstrando uma visão otimista em relação à contribuição que a pesquisa aplicada pode oferecer ao campo.

Rita Paulino, a segunda entrevistada da UFSC, é Pós-Doutora e ex-bolsista do CNPq no *Social Media Lab* da Universidade de Ryerson, Canadá, onde esteve em 2020. Concluiu seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, com foco em Mídia e Conhecimento, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2011. Atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOMPro) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), além de colaborar com o Programa de Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento (EGC) na UFSC.

Na graduação em Jornalismo da UFSC, ministra disciplinas como *WebDesign* e realiza pesquisa experimental em áreas como Conteúdo Interativo Multiplataforma, Aplicativos PWA (*Progressive Web Apps*), Métodos Digitais, Análise de Redes Sociais e Jornalismo de Dados. Com experiência profissional como jornalista diagramadora e *web designer*, colaborou em projetos governamentais como a Plataforma Lattes e o Portal Inovação. É membro da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) e integra o Nephi-Jor, núcleo de estudos em hipermídia aplicado ao jornalismo no Grupo de Pesquisa Hipermídia e Linguagem (CNPq). Entre suas publicações destacam-se os livros “Comunicação e Comunidades Virtuais – Participação e Colaboração” (2012) e “Noções Básicas de *WebDesign*” (2014), além da organização de obras

como “Jornalismo e Plataformização” (2021) e “Jornalismo para Tablets: Pesquisa e Prática” (2013)³².

A entrevista com Paulino (2024) aborda de forma detalhada os desafios e as perspectivas da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, especialmente no contexto da pós-graduação. Rita destaca que, embora o cenário para a pesquisa aplicada tenha melhorado, ele ainda permanece limitado em relação ao potencial que possui para contribuir com a área. A professora argumenta que, enquanto a pesquisa aplicada em jornalismo poderia proporcionar avanços significativos em termos de produtos e processos, há uma tendência na pós-graduação de priorizar pesquisas mais teóricas e empíricas. Ela expressa uma preocupação de que essa ênfase na teoria limita o potencial inovador do campo, que poderia se beneficiar de abordagens mais práticas e voltadas para a resolução de problemas concretos.

Para tudo que a gente pode conseguir de ganhos para a área, em termos não só de produto, como de processo, na resolução de problemas da área também, eu acho que a gente poderia, no caso da pós-graduação, focar mais, talvez assim, colocar mais energia na pesquisa aplicada para que a gente possa entender de forma mais aprofundada. [...] Na pós-graduação, eu acho mais devagar, assim, eu acho que as pessoas se prendem, muito, às pesquisas mais teóricas, empíricas, nada contra, mas eu acho que, assim, acho que a gente teria que ir um pouco mais adiante, sabe, já que a gente está mergulhado em fazer análise do que já tem, pelo menos que a gente tivesse, né, alguma, algo a oferecer, olha, eu estou vendo isso aqui, não é possível que eu não veja algo um pouco mais além, né. Mas as pessoas estão muito acostumadas, eu acho, sabe, acomodadas, eu acho que eu tenho, não sei, inquieta, isso, sabe. (PAULINO, 2024)

No contexto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a professora observa que a pesquisa aplicada não é amplamente disseminada, mas existe algum espaço para essa prática, principalmente em projetos que ela mesma coordena, como os experimentos com tablets e o desenvolvimento de aplicativos. Rita menciona que, apesar do apoio institucional para alguns projetos, os desafios são inúmeros, especialmente relacionados à falta de infraestrutura e à carência de parcerias com o mercado. Ela também comenta que, embora os alunos na graduação demonstrem interesse em projetos aplicados, os estudantes de pós-

³² Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7783801662264275>

graduação frequentemente hesitam em se engajar nesse tipo de pesquisa devido à exigência de uma formação multidisciplinar, o que demanda tempo e esforço adicionais para o domínio de novas ferramentas e métodos, além de parceiros especializados em tecnologia e computação.

Franciscato (2007) e Santos (2018) também demonstram essa preocupação sobre a multidisciplinaridade necessária para a construção da PA em jornalismo. Santos (2018) vê a necessidade de mudanças ou reformulações na maneira como se faz pesquisa atualmente, o autor sugere a abertura para uma expansão, um renovamento e maior liberdade para explorar e experimentar novas conexões com áreas até então pouco usuais, como Ciência da Computação, Design, Engenharias e Ciências Cognitivas, entre outras. Franciscato ressalta a importância de uma perspectiva transversal de outros campos do conhecimento como forma de agregar a PA em jornalismo.

O esforço é, então, sistematizar e construir um modelo que apresente capacidade de articular fundamentações teóricas a aplicações práticas no jornalismo, possibilitando diálogo interdisciplinar no interior das ciências humanas e destas com as aplicadas, introduzindo, se possível, as engenharias e ciências da computação como disciplinas de base tecnológica. Neste caso, quando nos referimos à tecnologia estamos tratando de um fenômeno que é estruturante da atividade jornalística, seja no seu aspecto da prática da atividade quanto na compreensão teórica da própria atividade. A tecnologia deve ser, então, percebida em uma perspectiva transversal aos demais campos do conhecimento. (FRANCISCATO, 2007, p. 6-7)

Paulino (2024) também aborda o desafio de publicação de pesquisas aplicadas em veículos acadêmicos da área de jornalismo. Ela relata que muitas vezes encontra resistência de revistas científicas da área, que demandam mais fundamentação teórica e acabam rejeitando trabalhos que focam em processos e produtos. Para contornar essa dificuldade, a professora busca publicar em periódicos de outras áreas, como a computação, onde há maior abertura para estudos experimentais e aplicados. Além disso, Rita enfatiza a importância de uma maior interação entre a academia e o mercado, prática comum em países como os Estados Unidos, mas que ainda enfrenta barreiras no Brasil. Segundo ela, a ausência dessa integração enfraquece o potencial da pesquisa aplicada para gerar inovações que possam realmente impactar o campo jornalístico.

[...] a gente acaba procurando às vezes outras áreas de publicação porque a gente tem maior visibilidade lá e tem aceites lá, né. Às vezes a mesma pesquisa você submete, “numa” Compós você não consegue, aí submete numa revista conceituada da área multidisciplinar, você é aceita. (PAULINO, 2024)

A professora destaca a importância de incentivar uma postura investigativa e prática nos alunos e menciona que a falta de estrutura financeira é uma barreira significativa para o desenvolvimento de pesquisas mais aplicadas e inovadoras. Ela sugere que o apoio de agências de fomento e parcerias com empresas poderia oferecer aos pesquisadores os recursos necessários para experimentar e desenvolver novas metodologias e tecnologias para o jornalismo. Em sua visão, o incentivo à pesquisa aplicada é essencial para enfrentar desafios atuais, como a desinformação e o uso de inteligência artificial no jornalismo, que demandam soluções tecnológicas e práticas mais sofisticadas.

Por fim, Paulino (2024) defende que a pesquisa aplicada é fundamental para o avanço do jornalismo como campo acadêmico e prático e sugere que a inclusão de projetos como o OPAJOR, que mapeia a produção de pesquisa aplicada no Brasil, é um passo importante para dar visibilidade a esses trabalhos e incentivar sua continuidade. A entrevista com Rita oferece uma visão crítica e esperançosa sobre os caminhos e desafios da pesquisa aplicada em jornalismo, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de uma mudança de cultura na academia e na relação com o mercado para fortalecer essa área de investigação.

As entrevistas com as professoras da UFSC fornecem uma visão abrangente e contrastante sobre o desenvolvimento e as limitações da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, especialmente no contexto dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ambas as professoras compartilham uma postura crítica em relação aos obstáculos enfrentados por essa área de pesquisa, mas apresentam perspectivas e experiências distintas que refletem suas trajetórias e enfoques específicos.

Elas concordam que a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil é um campo que, embora tenha crescido em visibilidade e reconhecimento, ainda

enfrenta uma série de limitações que inibem seu pleno desenvolvimento. No entanto, enquanto Longhi (2024) destaca o aumento de iniciativas e o prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo, criado pela SBPJOR (Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo) como um sinal positivo, Paulino (2024) enfatiza que o progresso é insuficiente diante do potencial transformador que essa modalidade de pesquisa oferece. Ela argumenta que a pesquisa aplicada poderia trazer inovações tanto em produtos quanto em processos jornalísticos, enquanto Longhi (2024) vê o crescimento como um processo gradual, impulsionado por esforços isolados e ainda longe de atingir um impacto expressivo no panorama nacional.

Um ponto de divergência significativo entre as duas professoras diz respeito à postura da academia em relação ao mercado. Longhi (2024) demonstra certa reserva em relação a parcerias com o setor privado, considerando que elas podem comprometer a autonomia dos pesquisadores e direcionar a pesquisa para interesses específicos das empresas, desviando-se da função social da academia. Esse receio de "mercadologização" da pesquisa acadêmica é um aspecto que ela associa a uma cultura historicamente presente no campo de estudos de jornalismo no Brasil.

Em contrapartida, Paulino (2024) enxerga o diálogo com o mercado como uma oportunidade potencial para resolver problemas práticos do jornalismo e para enriquecer a pesquisa aplicada com demandas reais. Ela observa que, em outros países, parcerias entre universidades e empresas são mais comuns e se tornam fontes de inovação. Para Paulino (2024), a ausência desse tipo de interação no Brasil representa uma lacuna que enfraquece a capacidade da academia de gerar impacto direto no mercado jornalístico e na sociedade. Sua experiência pessoal na criação de produtos, como jogos educativos e aplicações interativas, reforça essa visão, pois ela percebe que tais iniciativas podem ser benéficas para o campo ao conectar teoria e prática.

Ambas as professoras relatam desafios na estrutura acadêmica que impactam a produção e a visibilidade da pesquisa aplicada. Longhi (2024) observa que há poucos professores na UFSC que se dedicam à pesquisa aplicada e menciona que a orientação de dissertações e teses com esse foco é limitada pelo perfil teórico e tradicional do programa. Ela atribui essa configuração ao histórico

do curso, que, por ser o primeiro de mestrado e doutorado em jornalismo na América Latina, consolidou-se como referência em pesquisa teórica. Esse contexto, segundo Longhi (2024), cria uma resistência cultural à pesquisa aplicada, que ainda luta para ganhar espaço dentro do programa.

Paulino (2024), por sua vez, discute as dificuldades que enfrenta ao submeter pesquisas aplicadas para publicação em revistas científicas da área de jornalismo, que frequentemente exigem fundamentação teórica mais robusta e menos ênfase nos aspectos experimentais e práticos. Ela relata que, para contornar essa limitação, muitas vezes opta por publicar em periódicos de outras áreas, como computação, onde há maior receptividade a estudos focados em processos e produtos. Esse desafio ilustra um paradoxo: enquanto a pesquisa aplicada busca criar soluções inovadoras e práticas para o jornalismo, as barreiras de publicação em revistas da própria área limitam seu alcance e visibilidade. Segundo dados do OPAJor, entre 2010 e 2024, foram publicados 71 trabalhos sobre pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil. O volume de publicações vem aumentando ao longo dos anos, nos anos de 2011 e 2012 somente um artigo foi publicado entre os 84 periódicos listados pela Compós. O ano de maior produção foi 2023 com 13 artigos publicados.

Ambas as professoras identificam a falta de recursos humanos e financeiros como entraves importantes para o desenvolvimento da pesquisa aplicada. Elas comentam que a estrutura limitada de financiamento e a carga administrativa dos professores tornam difícil a dedicação exclusiva à pesquisa, especialmente a aplicada, que exige tempo e investimento em novas ferramentas e tecnologias. Paulino (2024) ressalta que a capacitação contínua dos professores é essencial, pois a pesquisa aplicada em jornalismo frequentemente demanda conhecimentos técnicos e multidisciplinares. Ela menciona, por exemplo, o uso de ferramentas para análise de redes sociais e a necessidade de colaboração com áreas como a computação, para lidar com o volume de dados e a complexidade das metodologias envolvidas. Longhi (2024), apesar de reconhecer esses desafios, não aborda com a mesma ênfase a necessidade de colaborações interdisciplinares, focando mais na dificuldade de integrar pesquisa aplicada em um ambiente de orientação predominantemente teórica. Em contraste, Paulino (2024) é mais enfática na defesa de parcerias com outras disciplinas, especialmente computação, para

fortalecer a pesquisa aplicada. Ela compartilha suas experiências pessoais em que colaborou com pesquisadores de áreas distintas para superar limitações técnicas, demonstrando a importância da interdisciplinaridade para que a pesquisa aplicada avance de forma mais significativa.

Ambas as professoras acreditam que a pesquisa aplicada tem um papel fundamental na resposta aos desafios contemporâneos do jornalismo, mas suas visões para o futuro diferem em nuances. Longhi (2024) vê a pesquisa aplicada como um campo que continuará crescendo, mas enfatiza a importância de preservar a autonomia acadêmica e evitar uma dependência excessiva do mercado. Ela enxerga o futuro com cautela, esperando que o crescimento seja equilibrado e que a pesquisa aplicada encontre seu espaço sem comprometer os princípios da academia.

Paulino (2024), em contrapartida, demonstra uma visão mais otimista e engajada. Ela acredita que, com mais incentivo e abertura para parcerias interdisciplinares e com o mercado, a pesquisa aplicada pode se tornar um motor de inovação para o jornalismo brasileiro. Para Paulino (2024), a adoção de novas tecnologias, como a inteligência artificial, e a experimentação com formatos interativos e de análise de dados são oportunidades que a academia deveria explorar com mais ousadia. Ela defende que a pesquisa aplicada pode e deve contribuir ativamente para a evolução do jornalismo, ajudando a área a enfrentar problemas como a desinformação e a adaptar-se às novas dinâmicas digitais.

As entrevistas com as professoras da UFSC revelam que, embora ambas compartilhem uma preocupação comum com o desenvolvimento da pesquisa aplicada, suas abordagens diferem substancialmente em relação à integração com o mercado, à interdisciplinaridade e às estratégias para superar os desafios institucionais. As declarações indicam que o avanço da pesquisa aplicada no Brasil depende de uma combinação de esforços para ampliar o apoio estrutural e financeiro, promover uma mudança cultural na academia e construir pontes entre a universidade e o mercado. As contribuições de ambas as professoras apontam para a complexidade desse campo e a necessidade de estratégias adaptativas para que a pesquisa aplicada no jornalismo brasileiro atinja seu potencial pleno.

4.2.4 Paula Paes e Kellyanne Alves (UFPB)

A professora Paula de Souza Paes, a primeira entrevistada da UFPB, atua no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde coordena dois projetos de pesquisa com financiamento público (2021-2024) nas áreas de memória do jornalismo e governança da internet. Também orienta um projeto de Iniciação Científica com apoio da UFPB. Foi professora visitante na UFPB (2018-2020), onde coordenou o Periódico Científico Âncora (Qualis B2) e o LAJE (Laboratório de Jornalismo e Editoração). Possui experiência docente na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e desenvolveu pós-doutorado na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), onde também foi professora colaboradora. Doutora e mestre em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Grenoble-Alpes, na França, onde recebeu o prêmio de melhor tese pela Escola Doutoral LLSH e foi a primeira colocada no concurso para docência e financiamento de pesquisa. É membro do Conselho Científico da Revista Iniciacom (Intercom) e vice coordenadora do Intercom Júnior para Estudos Interdisciplinares da Comunicação³³.

A entrevista apresenta reflexões importantes sobre os desafios e as características do desenvolvimento de pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, especialmente no contexto de um mestrado profissional, único do gênero no país. A conversa traz à tona aspectos relacionados à infraestrutura, à falta de integração multidisciplinar e à resistência cultural que dificultam a consolidação dessa modalidade de pesquisa no cenário acadêmico brasileiro.

A professora Paes (2024) destaca, logo de início, que uma das principais limitações para a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil é a escassez de financiamentos específicos para essa área dentro das ciências humanas e sociais. Em muitos casos, os pesquisadores da área de jornalismo precisam adaptar suas propostas a editais mais gerais, o que dificulta a obtenção de financiamento adequado para desenvolver projetos que envolvam a produção de produtos jornalísticos inovadores. A professora exemplifica essa limitação com o caso de uma aluna que produziu um mesacast sobre esportes regionais com recursos

³³ Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6904213635273735>

próprios, ressaltando a dificuldade de manter esses projetos após a conclusão da pesquisa.

Essa questão da viabilidade econômica dos projetos reflete a necessidade de financiamento contínuo para a manutenção dos produtos desenvolvidos no âmbito da pesquisa aplicada. Além disso, Paes (2024) menciona que a pesquisa aplicada demanda recursos e equipamentos especializados, como estúdios e microfones para podcasts e videocasts, o que representa um desafio considerável para programas com infraestrutura limitada. A dependência de financiamento, seja ele público ou privado, surge como um dos principais gargalos para o desenvolvimento de pesquisas aplicadas de impacto duradouro.

Ela aponta também para a importância de uma abordagem multidisciplinar na pesquisa aplicada, algo essencial para projetos que envolvem tecnologia e inovação em jornalismo. Ela observa que a pesquisa aplicada exige colaboração com áreas como ciência da computação, design e ciências de dados, já que muitas vezes é necessário desenvolver softwares, aplicativos ou algoritmos. No entanto, ela também relata a dificuldade de integrar essas diferentes áreas de conhecimento, uma vez que, historicamente, o jornalismo tem mantido uma postura relativamente isolada no contexto acadêmico.

Então, acho que a grande dificuldade é a viabilidade mesmo. Porque a gente precisa sair um pouco do jornalismo, né. A gente precisa enfrentar com a galera da computação, ou com o design, ou com a galera das ciências de dados também, enfim, a gente tem que sair um pouco da área do jornalismo. E isso acaba sendo difícil, às vezes. Até que aqui a gente tem, igual eu falei, tem o LAViD, que desenvolve muita coisa. A gente fez parceria já com eles lá, o programa já fez. Mas aí, depois, como manter esse produto? (PAES, 2024)

Exemplos de iniciativas multidisciplinares, como a parceria entre o programa de jornalismo da UFPB e o laboratório LAViD (Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital), são citados como casos pontuais de sucesso. Contudo, a professora observa que a continuidade desses projetos depende de editais específicos e, após o término do financiamento, muitas dessas iniciativas não se sustentam. A ausência de uma cultura institucional mais robusta de interdisciplinaridade torna-se, assim, um obstáculo para a pesquisa aplicada, limitando seu potencial de inovação.

Outro ponto central abordado na entrevista é a influência do conhecimento e da experiência dos professores na atração de alunos para a pesquisa aplicada. Paes (2024) reconhece que professores com formação em áreas técnicas, como engenharia ou ciência da computação, possuem um diferencial que os torna mais capacitados para orientar pesquisas aplicadas que envolvem tecnologia. Ela menciona a professora Rita Paulino, da UFSC, que possui formação em engenharia, como exemplo de uma pesquisadora que consegue atrair alunos interessados em desenvolver produtos jornalísticos inovadores.

No entanto, Paes (2024) também argumenta que, embora a formação do professor possa ser um atrativo, isso não é um fator impeditivo para os demais, pois é possível estabelecer parcerias com profissionais de outras áreas. Ela menciona o exemplo de um projeto de *fact-checking* realizado na UFPB que envolveu colaboração entre jornalistas, cientistas da computação e outros profissionais, graças ao financiamento de um edital público. Esse caso ilustra que, embora o conhecimento técnico do professor seja um diferencial, a disposição para parcerias pode compensar essa lacuna em certos contextos.

A questão mercadológica é outro aspecto crucial abordado por Paes (2024), que discute a resistência e o ceticismo em relação à entrada do mercado na academia. Ela menciona que o programa de jornalismo da UFPB considera parcerias com o setor privado, mas adota uma postura cautelosa para evitar interferências nos temas e na rotina acadêmica dos alunos e professores. Essa prudência reflete uma preocupação ética com a independência da universidade e a preservação do conhecimento produzido internamente.

É, porque algumas pessoas torcem um pouco o nariz para a questão da pesquisa aplicada justamente porque talvez uma empresa traga seus problemas para dentro da universidade, a universidade desenvolve um produto e leva uma tentativa de resolução e daí eles, vamos dizer assim, não fica dentro da universidade esse conhecimento, né, ele vai para o mercado, então eu percebo que algumas pessoas podem até torcer o nariz por essa questão, né. (PAES, 2024)

Contudo, ela observa que algumas iniciativas buscam aproximar a universidade do mercado, como a proposta de envolver o SEBRAE em premiações para trabalhos de conclusão de curso. Ela identifica uma falta de interesse por parte do mercado em investir na pesquisa aplicada em jornalismo, o que, segundo ela,

pode ser motivado pela percepção de que o retorno para as empresas não é evidente. Isso sugere que ainda há uma barreira cultural e estrutural que impede uma colaboração mais fluida entre a academia e o mercado, o que limita as possibilidades de financiamento e a sustentabilidade de projetos de pesquisa aplicada.

Paes (2024) vê a pesquisa aplicada como uma área com potencial para oferecer respostas aos desafios contemporâneos do jornalismo, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de novos modelos de negócio e arranjos econômicos. Ela ressalta a importância de pensar em produtos e serviços que possam ajudar empresas jornalísticas a enfrentar questões como a desinformação e a perda de receitas publicitárias. Contudo, ela aponta que desenvolver um produto sólido e funcional em apenas dois anos de mestrado é uma tarefa desafiadora, especialmente para alunos que não têm experiência prática significativa.

Além disso, Paes (2024) sugere que, em vez de focar exclusivamente em produtos, a pesquisa aplicada poderia explorar mais a oferta de serviços. Ela argumenta que serviços desenvolvidos pela academia, como ferramentas de curadoria de informações ou algoritmos de recomendação, poderiam ser mais sustentáveis e úteis para empresas jornalísticas. Essa abordagem, segundo a professora, permitiria que as universidades contribuíssem com o jornalismo de forma mais prática, sem a necessidade de manutenção intensiva e de financiamento constante.

Eu vejo com bons olhos, assim, essa coisa, né, de se imaginar produtos, né, pensar em modelos, de negócio, arranjos econômicos novos, né, eu só acho, assim, realmente difícil fazer isso em dois anos, eu acho isso complicado, tem que ser uma pessoa que já tem uma experiência no jornal muito grande e que já tenha pensado nisso há muitos anos, aí já chega, aí eu acho que consegue sair algo mais de ponto, assim, né, algo que realmente nos ajude a responder algumas questões, né. Mas, de toda forma, eu acho que todo debate, toda discussão, ela passando pela pesquisa aplicada ou não, mas talvez principalmente pela aplicada, ela levanta questões [...] Talvez a gente não pensar necessariamente em produtos, pensar em serviços, eu fico pensando nisso, assim, serviços que ajudem as empresas jornalísticas, aí eu acho que talvez possa ser interessante também, porque às vezes o produto você vai ter que como manter, o serviço você pode oferecer, se você realmente for de ponta, como cientistas de todas as áreas, ele pode interessar, sei lá, no Folha de São Paulo, como conseguir assinantes, ou repensar o *paywall*, por exemplo, como ele pode ser aplicado. (PAES, 2024)

Paes (2024) revela que, embora a pesquisa aplicada em jornalismo esteja ganhando espaço, ainda há obstáculos significativos para seu desenvolvimento sustentável no Brasil. Questões como a falta de financiamento, a dificuldade de integrar áreas do conhecimento e a resistência a parcerias com o mercado surgem como fatores que dificultam a consolidação dessa modalidade de pesquisa. A professora vê com bons olhos o aumento do interesse e das discussões em torno da pesquisa aplicada, mas destaca a necessidade de repensar o formato dos projetos, talvez priorizando serviços e parcerias interdisciplinares que possam garantir uma maior continuidade e impacto prático.

Em síntese, a análise de Paes (2024) aponta para uma área de pesquisa em crescimento, mas que precisa de apoio estrutural e de uma mudança cultural que permita a integração de diferentes disciplinas e a aproximação com o mercado de forma ética e equilibrada. A pesquisa aplicada em jornalismo, para a professora, possui o potencial de contribuir significativamente para a inovação e a resolução de problemas no campo jornalístico, mas para isso, necessita de condições mais favoráveis e de uma visão mais ampla sobre o papel da universidade no contexto contemporâneo de transformações tecnológicas e de consumo de informação.

Kellyanne Carvalho Alves foi a segunda entrevistada da UFPB, Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde atua também na Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) do Centro de Comunicação, Turismo e Artes. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com estágio doutoral na *Universitat Pompeu Fabra*, em Barcelona. É pesquisadora do Laboratório de Aplicações Digitais (LAViD) da UFPB e líder do Grupo de Pesquisa PLIM - Políticas e Linguagens das Indústrias de Mídias. Participa da Rede Telejor e do GP Estudos de Televisão e Televisualidades da Intercom. Possui mestrado em TV Digital pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com foco em Gestão da Informação e Comunicação para TV Digital, e duas graduações em Comunicação Social pela UFPB, nas áreas de Radialismo e Jornalismo. Suas áreas de pesquisa incluem televisão, audiências ativas, convergência, produção audiovisual, inteligência artificial e jornalismo

audiovisual. É autora do livro “Fontes Ativas: colaboração das audiências ativas nos telejornais do Brasil e Espanha”³⁴.

Alves (2024) traz à tona um panorama abrangente e crítico sobre a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, com ênfase na experiência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e nos desafios específicos enfrentados pela área. Com um tom reflexivo, a professora destaca as dificuldades inerentes à pesquisa aplicada, especialmente no contexto do jornalismo, onde os desafios estruturais, tecnológicos e mercadológicos influenciam profundamente o desenvolvimento e a implementação de produtos inovadores.

Alves (2024) inicia abordando sua experiência pessoal e profissional na área de pesquisa aplicada. Desde sua graduação, a professora teve envolvimento com o LAViD, um núcleo de pesquisa em aplicações digitais, o que a ajudou a construir uma trajetória interdisciplinar e orientada a soluções práticas. Um exemplo significativo de sua contribuição foi o desenvolvimento do “Telejornal Futura Interativo”, um protótipo inovador que buscava integrar interatividade e televisão, e o projeto *J-Collab*, uma ferramenta de jornalismo colaborativo. Essas experiências demonstram como a pesquisa aplicada, embora desafiadora, possui grande potencial para transformar práticas jornalísticas.

Ao comentar sobre o cenário atual da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, ela observa que esta é uma área em crescimento, impulsionada pelo avanço do ecossistema midiático digital e pelas necessidades do mercado, que cada vez mais requer soluções inovadoras e tecnológicas. A professora sublinha a importância de equipes multidisciplinares para a pesquisa aplicada, mencionando que parcerias com áreas como a informática são essenciais, pois a criação de ferramentas tecnológicas exige conhecimentos específicos que vão além da formação tradicional em jornalismo. Essa perspectiva revela uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores: a necessidade de recursos humanos e financeiros para viabilizar projetos complexos.

Daqui um tempo, acredito eu que os próximos, futuros né jornalistas, já vão vir com um mínimo de programação de conhecimento sobre alguma programação sobre linguagem [...] É isso, pesquisa aplicada requer uma equipe multidisciplinar então por isso que eu acho que a minha vinda né, [...]

³⁴ Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7531831883198430>

Tentando já perceber já entrar em contato com meus colegas que tem também outros orientando de mestrado ou doutorado na informática para que a gente possa por exemplo, as duas pesquisam possam caminhar juntas. Ele faz na parte que é do jornalismo que vai né que requer todo nosso know-how enquanto do jornalista e eles também, e junto se faz essas pesquisas mestrado junto com mestrado e doutorado e assim a gente vai desenvolvendo até mesmo buscando editais de projetos para que essa pesquisa continue. Vamos dizer assim nesse ambiente você pode até se descobrir também como um pesquisador né assim como um pesquisador de inovação. (ALVES, 2024)

Dentro do programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da UFPB, que é o único programa profissional em jornalismo no Brasil, Alves (2024) destaca a importância da pesquisa aplicada e aponta que há uma intenção de fortalecer essa vertente com a criação de um laboratório dedicado à pesquisa aplicada “E uma das questões que foram sugeridas é justamente a criação de um laboratório de jornalismo aplicado” (ALVES, 2024). Esse passo é uma resposta à autocrítica realizada pelo programa, que identificou uma baixa proporção de pesquisas aplicadas, resultando em apenas 8% dos trabalhos voltados para produtos e soluções práticas. Essa autocrítica demonstra a consciência do programa sobre a necessidade de evoluir e se alinhar às demandas do campo e do mercado, especialmente considerando que, por ser profissional, o PPJ deveria ter uma proporção maior de pesquisas aplicadas.

A professora também destaca a relevância do financiamento para o sucesso da pesquisa aplicada. Ela menciona a importância de editais e parcerias, como aquelas promovidas pela agência de inovação Inovatec, que financia projetos voltados para a televisão 3.0, visando o desenvolvimento de funcionalidades interativas para educação e saúde. No entanto, ela enfatiza que ainda é preciso avançar no campo do jornalismo, onde as parcerias com empresas de comunicação ainda são incipientes. A professora compara essa realidade com a de outras áreas, como a informática, onde a colaboração com o setor privado é mais frequente e facilita o desenvolvimento de soluções aplicáveis e sustentáveis.

Eu coordeno um projeto com a Inovatec, a agência de inovação aqui de João Pessoa. A gente está fazendo dois, a gente está fazendo aplicativos para a TV 3.0 que é a televisão que está vindo aí que ainda está sendo finalizada a escrita da norma e a partir dessa escrita da norma em 2025 o ministério das comunicações vai chancelar, vai virar norma da ABNT e aí todas as TVs que começarem a serem produzidas no Brasil vão ter que vir nesse padrão e a gente já está antes já fazendo e testando essas

funcionalidades interativas para educação, saúde e educação e saúde dentro aqui com a parceria com a TV Cidade também. (ALVES, 2024)

Ela reconhece a necessidade de um maior engajamento das empresas de comunicação para que a pesquisa aplicada em jornalismo avance no país. Ela argumenta que, além de valorizar o conteúdo, as empresas deveriam buscar as universidades para soluções inovadoras que possam melhorar suas rotinas produtivas. A visão da professora é de que as empresas locais deveriam enxergar as universidades como potenciais laboratórios de inovação, colaborando em projetos que possam beneficiar tanto o mercado quanto a academia.

No final da entrevista, a professora afirma que a pesquisa aplicada em jornalismo é essencial para responder às demandas do novo ecossistema midiático digital, destacando que o mercado está cada vez mais interessado em contratar profissionais com essa expertise. Ela defende que a formação acadêmica em jornalismo, tanto na graduação quanto na pós-graduação, deve estimular a pesquisa aplicada, preparando futuros jornalistas para resolver problemas complexos e para o desenvolvimento de produtos e serviços inovadores.

Em sua entrevista, Alves (2024) apresenta uma análise abrangente sobre as potencialidades e os desafios da pesquisa aplicada em jornalismo, destacando o papel das universidades como centros de inovação e a relevância de parcerias entre a academia e o mercado. Segundo a professora, a interdisciplinaridade, juntamente com o apoio institucional e mercadológico, é essencial para que a pesquisa aplicada possa abordar problemas práticos do jornalismo, ao mesmo tempo em que impulsiona o avanço do conhecimento na área e contribui para a formação de profissionais mais preparados para atender às novas demandas do mercado.

Ambas as professoras compartilham uma visão otimista em relação ao crescimento da pesquisa aplicada no jornalismo brasileiro, mas trazem experiências e abordagens diferentes. Paes (2024), com uma trajetória mais voltada ao desenvolvimento de projetos que buscam financiamento de agências públicas, destaca as limitações e desafios financeiros para a implementação de

pesquisas aplicadas, apontando a viabilidade e a sustentabilidade dos produtos como principais dificuldades. Ela cita exemplos de alunos que, apesar de criarem produtos interessantes, como podcasts e rádios web, enfrentam dificuldades para mantê-los após a finalização de suas pesquisas devido à falta de financiamento contínuo.

Alves (2024), por outro lado, traz uma perspectiva mais tecnológica e interdisciplinar, em parte devido à sua experiência com o LAViD e com o desenvolvimento de ferramentas digitais voltadas para a inovação em televisão e jornalismo. Ela enfatiza a necessidade de equipes multidisciplinares e do envolvimento com áreas como a ciência da computação para viabilizar a pesquisa aplicada. Alves (2024) vê a pesquisa aplicada como um campo em expansão e afirma que, com o avanço das tecnologias digitais, o jornalismo precisa adaptar-se e incorporar novas práticas, defendendo que a pesquisa aplicada é um meio de trazer inovação e soluções práticas para a rotina jornalística.

Paes (2024 e Alves (2024) reconhecem o papel da UFPB como uma instituição pioneira ao oferecer um mestrado profissional em jornalismo, mas demonstram diferentes graus de preocupação com a estrutura atual. Paes (2024) destaca uma autocrítica do programa, mencionando uma análise interna que revelou a baixa proporção de pesquisas aplicadas (cerca de 8% dos trabalhos finais) e apontando a necessidade de criar um ambiente mais propício para o desenvolvimento de produtos. Para Paes (2024), a criação de um laboratório de pesquisa aplicada poderia ser um passo importante para estimular o desenvolvimento de soluções práticas e alinhar o programa às expectativas de um curso profissional.

Alves (2024) complementa essa visão, relatando que o programa está, de fato, passando por um processo de reavaliação para corrigir essas lacunas e fortalecer a pesquisa aplicada. Ela traz uma perspectiva mais técnica sobre como essa estrutura poderia se consolidar, enfatizando a importância de parcerias com o setor de informática e com outras áreas da tecnologia. Em sua visão, uma infraestrutura robusta e interdisciplinar, como a oferecida pelo LAViD, é essencial para que o PPJ possa alcançar seu potencial como um centro de inovação e pesquisa aplicada. Alves (2024), portanto, vê no fortalecimento dessas parcerias

um caminho para superar a falta de um ambiente específico voltado para a pesquisa aplicada.

Ambas as professoras identificam desafios semelhantes, mas abordam os obstáculos sob ângulos distintos. Paes (2024) enfatiza as dificuldades financeiras e estruturais, como a ausência de financiamentos específicos para o jornalismo, o que leva muitos alunos a desenvolverem projetos sem garantias de continuidade. Ela também comenta sobre o perfil dos alunos, indicando que muitos optam por dissertações teóricas devido à falta de recursos ou de formação técnica para criar produtos aplicáveis, sugerindo que essa limitação impacta a proporção de pesquisas aplicadas no programa.

Alves (2024), por outro lado, destaca a necessidade de uma equipe multidisciplinar como o principal desafio, especialmente para pesquisas aplicadas que envolvem o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas. Segundo ela, a complexidade do desenvolvimento de produtos aplicados, como aplicativos e ferramentas digitais, requer habilidades que os alunos de jornalismo geralmente não possuem, como programação. Alves (2024) aponta que, para que os alunos se sintam confiantes em desenvolver produtos, o programa precisa oferecer suporte técnico e interdisciplinar, seja através de parcerias com departamentos de informática ou pela formação de equipes mistas que possam trabalhar de forma colaborativa.

A interação entre academia e mercado também é abordada de formas diferentes pelas duas professoras. Paes (2024) entende essa relação como um desafio e sugere que o mercado ainda não enxerga a universidade como uma parceira para o desenvolvimento de soluções jornalísticas. Ela menciona que existe uma resistência entre algumas empresas para estabelecer parcerias que possam trazer problemas do mercado para serem resolvidos pela academia, algo que ela acredita ser fundamental para o fortalecimento da pesquisa aplicada em jornalismo. A professora ressalta, entretanto, que algumas tentativas de aproximação, como a parceria com o SEBRAE para financiar prêmios para pesquisas aplicadas, estão sendo consideradas.

Alves (2024), em contraste, apresenta uma perspectiva mais pragmática e otimista. Ela destaca exemplos de colaborações que ocorrem em outros departamentos da UFPB, como o centro de informática, onde empresas

frequentemente buscam o LAViD para resolver problemas específicos. Alves (2024) acredita que o jornalismo poderia adotar um modelo semelhante, estabelecendo laboratórios que possam funcionar como polos de inovação e solução de problemas para o mercado jornalístico. Ela acredita que essa abertura é uma tendência e que, à medida que o mercado jornalístico perceba a relevância de inovações aplicadas, as parcerias com a universidade tendem a aumentar.

Ambas as professoras acreditam no potencial da pesquisa aplicada para responder aos desafios contemporâneos do jornalismo, mas têm enfoques distintos. Paes (2024) entende que a pesquisa aplicada tem o potencial de desenvolver produtos que dialoguem com as necessidades da sociedade, mas ressalta que isso demanda uma infraestrutura e financiamento adequados. Ela vê o desenvolvimento de pesquisas aplicadas como um processo emergente e acredita que ainda há um caminho a ser percorrido para que essa prática se consolide.

Alves (2024), por sua vez, apresenta uma visão mais técnica e orientada para a inovação. Ela acredita que a pesquisa aplicada deve ser vista como um espaço para a experimentação de novas tecnologias, como inteligência artificial e ferramentas de verificação de informações. A professora menciona a TV 3.0 como um exemplo de inovação que está sendo trabalhada e que, quando implementada, pode transformar a forma como o conteúdo jornalístico é produzido e consumido. Para Alves (2024), o foco em produtos tecnológicos e soluções práticas é fundamental para que o jornalismo continue relevante em um cenário mediático em constante transformação.

A comparação entre as visões das professoras da UFPB sobre a pesquisa aplicada no jornalismo revela uma complementaridade nas abordagens, com Paes (2024) enfatizando a necessidade de uma estrutura de financiamento e infraestrutura institucional robusta e Alves (2024) destacando a importância da interdisciplinaridade e da integração tecnológica. Ambas concordam que a pesquisa aplicada é essencial para a evolução do jornalismo e que a UFPB, como programa pioneiro, tem a responsabilidade de liderar esse movimento, mas apontam que o caminho para a consolidação dessa prática requer o enfrentamento de barreiras financeiras, estruturais e culturais.

Enquanto Paes (2024) enfatiza a criação de uma base de apoio que permita aos alunos desenvolverem produtos sustentáveis, Alves (2024) propõe uma visão mais orientada para a inovação tecnológica e a colaboração interdisciplinar. Essa dualidade reflete as complexidades e as potencialidades da pesquisa aplicada em jornalismo, destacando tanto os desafios quanto as oportunidades que o campo oferece. A partir dessas entrevistas, fica claro que, para que o jornalismo avance como uma prática inovadora e relevante, é necessário um esforço conjunto de professores, alunos e mercado para criar um ambiente onde a pesquisa aplicada possa prosperar de forma plena.

4.2.5 Perspectivas e desafios da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil: uma análise comparativa entre UEPG, UFSC e UFPB

A análise das entrevistas realizadas com as professoras Paula Melani e Cíntia Xavier, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Raquel Longhi e Rita Paulino, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e Paula Paes e Kellyanne Alves, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), permite uma compreensão mais ampla das perspectivas sobre a pesquisa aplicada em jornalismo nos diferentes contextos institucionais e geográficos. Ao mesmo tempo, revela tanto as convergências quanto as particularidades nas abordagens desses programas de pós-graduação, evidenciando os desafios, as potencialidades e as direções que a pesquisa aplicada em jornalismo tem tomado no Brasil. Esta análise se divide em alguns eixos principais: a visão sobre a pesquisa aplicada, os desafios e limitações enfrentados, o papel do mercado e das parcerias, e as perspectivas sobre a interdisciplinaridade.

Em linhas gerais, todas as professoras entrevistadas reconhecem a importância crescente da pesquisa aplicada em jornalismo, especialmente em um contexto de rápidas mudanças tecnológicas e midiáticas. Contudo, a forma como cada instituição e programa lida com essa prática varia significativamente, como pode ser verificado na figura 10.

Figura 10 – Quadro comparativo

Quadro Comparativo: Problemáticas nos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo				
Universidade/Professoras	Questões Mercadológicas	Financiamento	Equipes Multidisciplinares	Recursos Humanos
UEPG - Paula Melani	Pouca interação com o mercado, o que dificulta o desenvolvimento e a aplicação prática de produtos.	Ausência de recursos financeiros específicos para pesquisa aplicada dificulta o desenvolvimento de produtos.	Falta de integração com outras áreas, como informática e design, limita o desenvolvimento de produtos.	Perfil dos docentes é voltado para a teoria, dificultando o incentivo à pesquisa aplicada.
UEPG - Cintia Xavier	Reconhece a distância entre academia e mercado, mas acredita que poderia haver maior integração para fortalecer a pesquisa.	Falta de financiamento é um dos principais desafios, especialmente para projetos práticos.	Dificuldade em estabelecer colaborações interdisciplinares dentro da própria universidade.	Docentes têm pouca tradição em pesquisa aplicada, o que reduz o suporte aos alunos interessados.
UFSC - Raquel Longhi	Relutância em abrir o programa para o mercado, priorizando uma abordagem mais crítica e teórica.	Limitações financeiras para pesquisas aplicadas são um entrave significativo.	Reconhece a interdisciplinaridade e como uma possibilidade, mas a estrutura atual do programa não favorece isso.	Corpo docente prioriza a produção teórica e crítica, com pouca ênfase em práticas aplicadas.
UFSC - Rita Paulino	Reconhece o valor das parcerias mercadológicas, mas o foco principal ainda é acadêmico e teórico.	Aponta a carência de fundos específicos para pesquisa aplicada e a necessidade de maior apoio financeiro.	A interdisciplinaridade é vista como necessária, mas ainda é pouco explorada no programa.	Os professores têm um foco maior na pesquisa teórica, o que limita a produção de produtos aplicados.
UEPB - Paula Paes	Tenta estabelecer conexões com o mercado, mencionando propostas como prêmios financiados para incentivar a pesquisa.	Desafios relacionados à obtenção de recursos para garantir a continuidade dos produtos desenvolvidos.	Reconhece a importância de equipes multidisciplinares, mas aponta a ausência de laboratórios que facilitem essas colaborações.	Aponta a necessidade de maior capacitação dos docentes para orientar projetos aplicados.
UEPB - Kellyanne	Defende parcerias com empresas jornalísticas, destacando o potencial de laboratórios e núcleos para aproximar academia e mercado.	Necessidade de financiamento contínuo para sustentar produtos aplicados e laboratórios.	Defende fortemente a interdisciplinaridade, mencionando experiências com áreas como ciência da computação e design.	Enfatiza a formação de equipes técnicas e docentes mais preparados para atender às demandas da pesquisa aplicada.

Fonte: Autor

Melani (2024), por exemplo, mostra uma visão crítica em relação ao desenvolvimento da pesquisa aplicada no programa, observando que, apesar do potencial, a abordagem ainda é amplamente acadêmica, com foco em dissertações teóricas. Ela vê a pesquisa aplicada como uma área emergente, mas enfatiza que as estruturas atuais ainda não estão preparadas para apoiar plenamente esse tipo de pesquisa. Xavier (2024) compartilha uma perspectiva semelhante, salientando que a pesquisa aplicada pode trazer uma contribuição prática valiosa, mas que enfrenta limitações devido a uma falta de tradição no programa e à predominância de uma mentalidade mais voltada para a teoria.

Longhi (2024) e Paulino (2024), da UFSC, reforçam essa visão, indicando que o foco do programa acadêmico não necessariamente prioriza a pesquisa aplicada, mas reconhecendo o valor de produções que possam ter um impacto direto no mercado jornalístico. Rita, por exemplo, vê com bons olhos a pesquisa aplicada e ressalta o papel da UFSC em fomentar discussões teóricas que podem, eventualmente, levar a aplicações práticas. No entanto, Longhi (2024) indica que o programa ainda está distante de ter uma infraestrutura ou uma mentalidade de pesquisa aplicada consolidada.

Paes (2024) e Alves (2024), da UFPB, apresentam uma visão um pouco diferente, considerando que a UFPB é a única instituição entre as analisadas que oferece um programa de mestrado profissional em jornalismo, o que pressupõe um enfoque mais direcionado para a prática e a produção de produtos jornalísticos. Ambas as professoras veem a pesquisa aplicada como essencial, destacando que, embora ainda enfrentem desafios estruturais, o programa da UFPB busca explorar produtos e soluções que dialoguem diretamente com o mercado. Alves (2024), em particular, demonstra um entusiasmo pelas possibilidades da pesquisa aplicada, especialmente em relação ao desenvolvimento de ferramentas tecnológicas que possam transformar as rotinas produtivas do jornalismo.

Os desafios enfrentados na implementação de pesquisas aplicadas emergem de maneira marcante nas falas das professoras, com foco em questões estruturais, financeiras e culturais.

Para Melani (2024) e Xavier (2024), da UEPG, um dos principais obstáculos está na ausência de financiamento e de uma cultura de pesquisa aplicada

consolidada. As professoras indicam que, mesmo quando há interesse dos alunos em desenvolver produtos práticos, a estrutura da universidade e o foco do programa dificultam a realização desse tipo de pesquisa. A UEPG enfrenta um contexto em que os alunos, em sua maioria, optam por dissertações teóricas, devido tanto à falta de recursos quanto à ausência de suporte técnico para o desenvolvimento de produtos aplicados.

Na UFSC, as professoras apontam para uma situação semelhante, embora reconheçam um crescimento do interesse por pesquisa aplicada nos últimos anos. Longhi (2024) destaca que a estrutura do programa e o perfil do corpo docente acabam por direcionar a produção para um enfoque mais acadêmico, ainda que a pesquisa aplicada seja valorizada. A falta de uma cultura interdisciplinar consolidada e de recursos financeiros específicos para pesquisa aplicada são mencionados como entraves significativos.

Já na UFPB, onde existe uma expectativa institucional mais voltada para a pesquisa aplicada devido ao caráter profissional do programa, Paes (2024) e Alves (2024) observam desafios relacionados à viabilidade e à sustentabilidade dos produtos desenvolvidos. Paula menciona que muitos projetos aplicados esbarram na falta de continuidade após o término do mestrado, especialmente pela dificuldade em obter financiamento para a manutenção dos produtos. Alves (2024), que traz uma experiência mais próxima de áreas tecnológicas, aponta para a necessidade de equipes multidisciplinares e de parcerias com outras áreas, como informática e design, para que os produtos jornalísticos desenvolvidos tenham a complexidade necessária e possam realmente ser aplicados.

A interação com o mercado jornalístico é vista de forma distinta nas diferentes instituições, com percepções variando de acordo com o perfil e os objetivos de cada programa.

Na UEPG, as professoras percebem uma certa distância entre a academia e o mercado, com pouca interação e suporte para que os produtos desenvolvidos cheguem ao público ou tenham aplicabilidade prática. A ideia de estabelecer parcerias com o mercado ainda parece distante, e as professoras expressam um desejo de que essa conexão possa ser fortalecida, principalmente para facilitar o desenvolvimento e a continuidade dos produtos criados pelos alunos.

Na UFSC, as professoras relatam uma visão mais cautelosa sobre a interação com o mercado. Embora reconheçam a importância da pesquisa aplicada e das possíveis parcerias, elas indicam que o programa ainda está voltado para uma abordagem mais acadêmica. Essa postura reflete uma certa resistência ou hesitação em abrir o programa de jornalismo para uma maior influência do mercado, priorizando, em vez disso, uma produção crítica e teórica que contribua para o campo jornalístico de forma indireta.

Em contraste, Paes (2024) e Alves (2024), da UFPB demonstram um interesse mais ativo em construir parcerias com o mercado, especialmente devido ao caráter profissional do programa de mestrado. Paula menciona tentativas de colaboração, como a proposta de um prêmio financiado pelo SEBRAE para incentivar a pesquisa aplicada. Alves (2024) enfatiza a importância de estabelecer laboratórios e núcleos de pesquisa que possam trabalhar diretamente com empresas jornalísticas, inspirando-se em modelos de parcerias tecnológicas desenvolvidos por outros centros de pesquisa da UFPB, como o LAViD. Ela vê a pesquisa aplicada como uma oportunidade para que o jornalismo se mantenha relevante e alinhado às inovações do mercado, especialmente na era digital.

Um dos pontos centrais destacados nas entrevistas é a interdisciplinaridade, especialmente em relação ao desenvolvimento de produtos aplicados que exigem conhecimentos técnicos além do jornalismo. A falta de integração com outras áreas, como ciência da computação e design, é vista como um dos principais obstáculos para a consolidação da pesquisa aplicada.

Na UEPG, tanto Melani (2024) quanto Xavier (2024) mencionam a dificuldade em estabelecer parcerias com outras áreas dentro da própria universidade, o que limita a possibilidade de desenvolvimento de produtos que demandam habilidades técnicas. As professoras expressam a necessidade de uma maior interdisciplinaridade, mas apontam que essa integração ainda é um desafio institucional.

Na UFSC, há uma visão semelhante, observando que a interdisciplinaridade poderia enriquecer o desenvolvimento de produtos aplicados, mas que a estrutura do programa ainda não facilita esse tipo de colaboração. Essa limitação reflete a orientação acadêmica do programa, que prioriza a produção teórica e crítica em detrimento de uma abordagem prática e colaborativa.

Na UFPB, Alves (2024) traz uma visão mais prática sobre a interdisciplinaridade, destacando suas próprias experiências com o LAViD e com projetos de inovação que envolvem ciência da computação. Para ela, a pesquisa aplicada em jornalismo depende fundamentalmente de equipes multidisciplinares, e ela vê a criação de parcerias e laboratórios como uma solução viável para superar as limitações do programa. Paula também reconhece essa necessidade e sugere que a criação de um laboratório de pesquisa aplicada no programa de pós-graduação poderia ser um passo importante para viabilizar colaborações interdisciplinares e facilitar o desenvolvimento de produtos jornalísticos inovadores.

A análise que, embora a pesquisa aplicada em jornalismo seja amplamente reconhecida como uma área promissora e necessária, sua implementação enfrenta desafios significativos em termos de estrutura, financiamento e cultura institucional nas três universidades analisadas. Cada programa possui uma abordagem distinta, influenciada pelo perfil acadêmico ou profissional de suas pós-graduações.

Na UEPG e na UFSC, onde o perfil dos programas é mais acadêmico, a pesquisa aplicada é vista com interesse, mas ainda ocupa uma posição secundária em relação à produção teórica e crítica. A falta de tradição e cultura institucional voltada para a aplicação prática, somada à carência de financiamento e parcerias interdisciplinares, impede que produtos inovadores sejam desenvolvidos de maneira consistente. As professoras reconhecem que há espaço para a pesquisa aplicada crescer, mas identificam uma estrutura que não favorece iniciativas mais práticas.

Por outro lado, a UFPB, que abriga um mestrado profissional, apresenta uma abordagem mais voltada para a produção de produtos jornalísticos aplicados. No entanto, mesmo com esse diferencial, os desafios permanecem, especialmente em relação à viabilidade e continuidade dos projetos após a conclusão do curso. A falta de parcerias duradouras e de equipes multidisciplinares é uma limitação apontada, embora professoras como Alves (2024) demonstrem uma visão proativa, buscando aproximações com áreas técnicas e incentivando colaborações que possam dar sustentabilidade a esses projetos.

Em resumo, a análise sugere que a consolidação da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil exige uma série de mudanças estruturais e culturais, que incluem maior incentivo financeiro, criação de laboratórios interdisciplinares e

estabelecimento de parcerias com o mercado. Para que essa modalidade de pesquisa alcance seu pleno potencial, é fundamental que os programas adaptem suas estruturas e práticas, possibilitando que a aplicação prática ganhe um espaço mais consolidado e sustentável dentro das instituições acadêmicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou examinar o estado da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, com foco nas experiências das três únicas universidades que oferecem programas de pós-graduação *stricto sensu* dedicados exclusivamente à área. As entrevistas realizadas com professoras das universidades UEPG, UFSC e UFPB, aliadas a um diálogo teórico com autores como Franciscato, Santos, Santaella, Arendt, entre outros, ofereceram uma análise abrangente e multifacetada sobre os desafios, potencialidades e caminhos para consolidar a PA como eixo estruturante do campo acadêmico e profissional.

Os resultados encontrados confirmam a hipótese inicial de que a pesquisa aplicada em jornalismo enfrenta barreiras significativas em sua consolidação, principalmente devido a fatores estruturais, culturais e epistemológicos. Entre os principais obstáculos, destacam-se a falta de financiamento, a ausência de cultura institucional voltada para a interdisciplinaridade, a resistência do setor privado em colaborar com a academia e a sobrecarga de demandas impostas aos docentes.

Na UEPG, as professoras Paula Melani e Cíntia Xavier destacaram a predominância de abordagens teóricas no programa e a falta de tradição na condução de pesquisas aplicadas. A ausência de financiamento específico e a pouca integração com outras áreas do saber, como tecnologia e design, emergem como fatores limitantes. A UFSC, representada por Raquel Longhi e Rita Paulino, apresentou um cenário mais híbrido, onde se reconhece a importância da PA, mas onde ela ainda ocupa um espaço secundário em relação à produção teórica. Já a UFPB, por meio das vozes de Paula Paes e Kellyanne Alves, destacou-se por ter um programa de mestrado profissional que prioriza a PA, mas que enfrenta dificuldades de sustentabilidade e continuidade dos produtos desenvolvidos.

Esses resultados refletem uma realidade apontada por autores como Franciscato (2007), que reconhece o potencial da PA em promover um diálogo mais direto entre a academia e as demandas práticas do jornalismo, mas alerta para a necessidade de uma cultura institucional que incentive essa prática. A análise das entrevistas também revelou um paradoxo semelhante ao discutido por Santaella (2003): enquanto a PA tem o potencial de conectar teoria e prática, a academia muitas vezes privilegia modelos que reforçam a separação entre esses dois

campos. Além disso, a crítica de Santos (2018) sobre a desconexão entre a produção acadêmica e as demandas do mercado encontra eco nos relatos das entrevistadas, especialmente no que se refere à dificuldade de estabelecer parcerias efetivas com o setor privado.

A interdisciplinaridade emergiu como um tema central nas entrevistas e na literatura consultada. Para Alves (2024), por exemplo, a falta de integração com áreas como ciência da computação e design é um dos maiores entraves para o desenvolvimento de produtos jornalísticos inovadores. Essa visão está alinhada com Santaella (2003), que defende a necessidade de ampliar as fronteiras da pesquisa em comunicação para incluir áreas tradicionalmente distantes, mas complementares. No entanto, a falta de financiamento e de cultura institucional que valorize a interdisciplinaridade dificulta a implementação prática dessa visão.

Além disso, a questão da sustentabilidade dos produtos de PA foi amplamente discutida, especialmente pela UFPB. Paula Paes e Kellyanne Alves enfatizaram que muitos projetos aplicados perdem sua relevância após o término do mestrado, uma vez que não há recursos ou estrutura para garantir sua continuidade. Essa problemática é alinhada à crítica de Arendt (1996) sobre como a pressão institucional para "produzir" muitas vezes desvia o foco do impacto e da qualidade das pesquisas.

A resistência cultural e epistemológica em abrir a pesquisa acadêmica para demandas mercadológicas foi outro ponto levantado nas entrevistas. Paula Melani, por exemplo, destacou que muitos professores temem que a PA se torne uma extensão dos interesses do mercado, diluindo o papel crítico da academia. No entanto, autores como Franciscato e Carvalho argumentam que, com uma gestão ética e equilibrada, é possível estabelecer parcerias que respeitem a autonomia acadêmica ao mesmo tempo em que respondem a problemas concretos do setor. Na UFSC, essa resistência é mais visível, com uma valorização maior da produção teórica. Por outro lado, a UFPB tenta estabelecer um equilíbrio, propondo parcerias com o mercado, mas esbarrando em questões estruturais e de financiamento. Essa situação reflete o que Santos (2018) define como um "dilema epistemológico", em que a academia precisa decidir entre manter sua independência ou buscar formas de impacto social direto.

A análise conduzida aponta que a consolidação da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil requer mudanças significativas tanto no âmbito estrutural quanto cultural. As universidades precisam investir em infraestrutura para a pesquisa aplicada, incluindo a criação de laboratórios interdisciplinares e mecanismos que garantam a sustentabilidade dos produtos desenvolvidos. Além disso, é essencial que a PA seja reconhecida como uma forma legítima e necessária de produção de conhecimento, com políticas institucionais que incentivem sua prática sem que isso comprometa a qualidade acadêmica.

Autores como Santaella, Franciscato e Santos fornecem um arcabouço teórico robusto para repensar a relação entre teoria e prática na pesquisa acadêmica. É possível, como sugerido por Alves (2024), criar modelos de pesquisa que sejam tanto críticos quanto aplicados, respondendo às demandas contemporâneas do jornalismo e contribuindo para sua evolução como campo do saber.

Por fim, este trabalho conclui que a pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil está em um estágio emergente, mas promissor. Para que ela se consolide, será necessário superar desafios históricos, culturais e epistemológicos, abraçando uma visão mais aberta, interdisciplinar e voltada para a transformação prática da realidade jornalística. A academia, ao equilibrar tradição e inovação, poderá se posicionar como um agente central no desenvolvimento de um jornalismo mais conectado às necessidades sociais, tecnológicas e éticas do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Tássia; AQUINO, Maria Clara. Pesquisa aplicada como inovação metodológica no jornalismo: dimensões teórica, empírica e experimental. **Revista Observatório**, Palmas, v. 7, n. 3, p. 1-23, jul.-set. 2021.

ARENDT, Ronald. Pesquisa básica versus pesquisa aplicada. **Temas em Psicologia**, n. 3, p. 71-78, 1996.

ASSIS, Francisco. Pesquisa aplicada em jornalismo: o desafio da construção do objeto. **Comunicação & Inovação**, v. 19, n. 41, p. 133-148, set.-dez. 2018.

Disponível em:

https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5518/2560. Acesso em: 07 mai. 2024.

CARVALHO, Guilherme; RIBEIRO, Alexsandro Teixeira; FERRO, Jeferson. Pesquisa aplicada em jornalismo: um retrato quantitativo dos últimos 10 anos. In: **Anais do 32º Encontro Anual da Compós**, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas: Galoá, 2023. Disponível em:

<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/pesquisa-aplicada-em-jornalismo-um-retrato-quantitativo-dos-ultimos-10-anos?lang=pt-br>. Acesso em: 14 jul. 2024a.

_____; FERRO, Jeferson; RIBEIRO, Alexsandro Teixeira. **Os desafios para a pesquisa aplicada em jornalismo: dados de entrevistas com pesquisadores**. Relato de pesquisa sobre mapeamento da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil (2012-2022). Centro Universitário Internacional Uninter, 2022. Disponível em: <https://www.opa.jor.br/post/pesquisa-aplicada-em-jornalismo-corresponde-a-0-2-das-publica%C3%A7%C3%B5es-em-peri%C3%B3dicos-cient%C3%ADficos>. Acesso em: 19 set. 2024b.

_____; RIBEIRO, Alexsandro. OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Com a prática, a teoria é outra**. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/pesquisas/com-a-pratica-a-teoria-e-outra/#:~:text=Em%20partes%2C%20os%20desafios%20para,a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20conjunta%20de%20solu%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 19 nov. 2024.

_____, et al. Em busca de parcerias? Dilemas crônicos para a pesquisa aplicada em jornalismo. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 8., 2023b. **Anais do 8º Seminário de Pesquisa em Comunicação**. 2023. p. 222.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCISCATO, Carlos. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. In: **IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste**, 2007, Salvador – BA. **Anais...** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0596-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, Josenildo. **A Abordagem Estratégica da Qualidade em Jornalismo: Inovação, Tecnologia e Pesquisa Aplicada**, Comunicação e sociedade [Online], 44 | 2023, posto online no dia 07 dezembro 2023, consultado o 16 janeiro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/cs/10274>

MACHADO, Elias. Pesquisa aplicada ao desenvolvimento. **Observatório de imprensa**. Edição 324, 11 de abril de 2005.

MANZINI, Eduardo. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiros. In: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

_____. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MEDITSCH, Eduardo. Estudos em jornalismo. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 93-107, jul./dez. 2004. Entrevista concedida a Carlos A. de Carvalho Moreno.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática – como elaborar TCC**. Brasília: Thesaurus, 2016.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes do; LUZ, Maria Aparecida Carvalho Alencar. Pesquisa Científica: conceitos básicos. **Id Online: Revista de Psicologia**, v. 10, n. 29, 2016.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANT'ANA, Fabiano. **Pesquisa básica e pesquisa aplicada: o que são e suas importâncias**. 14 de novembro de 2017. Disponível em: < <https://galoa.com.br/blog/pesquisa-basica-e-pesquisa-aplicada-o-que-sao-e-suas-importancias/>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa – Projetos para Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Marcio Carneiro. Pesquisa aplicada em comunicação: o estranhamento da interdisciplinaridade que nos assombra. **Comunicação & Inovação**, v. 19, n. 41, p. 18-33, set.-dez. 2018.

SILVA, Mary. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2005.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

STOKES, Donald. **O quadrante de Pasteur**: a ciência básica e a inovação tecnológica. São Paulo: Editora UNICAMP, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Entrevistas

ALVES, Kellyanne Carvalho. Entrevista concedida a Alanna Della Possa Contador. Ponta Grossa, nov. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “G” dessa monografia].

LONGHI, Raquel Ritter. Entrevista concedida a Alanna Della Possa Contador. Ponta Grossa, out. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “D” dessa monografia].

MELANI, Paula. Entrevista concedida a Alanna Della Possa Contador. Ponta Grossa, out. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “B” dessa monografia].

PAES, Paula de Souza. Entrevista concedida a Alanna Della Possa Contador. Ponta Grossa, nov. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “F” dessa monografia].

PAULINO, Rita de Cássia Romeiro. Entrevista concedida a Alanna Della Possa Contador. Ponta Grossa, out. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “E” dessa monografia].

XAVIER, Cintia. Entrevista concedida a Alanna Della Possa Contador. Ponta Grossa, out. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” dessa monografia].

Documentos

BRASIL. Ministério da Educação. Qual a diferença entre pós-graduação lato sensu e stricto sensu. [Brasília]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu>. Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Documento de Área Área 31: Comunicação e Informação. [Brasília]. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/comunicacao-pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Programa de pós-graduação em jornalismo, 2024. Dissertações. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgjor/dissertacoes/>. Acesso em jul. 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Programa de pós-graduação em jornalismo, 2024. Dissertações. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/menu/pesquisa/dissertacoes>. Acesso em jul. 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Programa de pós-graduação em jornalismo, 2024. Teses e Dissertações. Disponível em: <https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/>. Acesso em jul. 2024

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	89
APÊNDICE B – ENTREVISTA PAULA MELANI (UEPG)	90
APÊNDICE C – ENTREVISTA CÍNTIA XAVIER (UEPG)	96
APÊNDICE D – ENTREVISTA RAQUEL LONGHI (UFSC).....	102
APÊNDICE E – ENTREVISTA RITA PAULINO (UFSC).....	111
APÊNDICE F – ENTREVISTA PAULA PAES (UFPB).....	126
APÊNDICE G – ENTREVISTA KELLYANNE ALVES (UFPB).....	140

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Qual a relação do programa com a pesquisa aplicada em jornalismo? Alguma orientação em andamento? Publicações?

Existem grupos de pesquisa ou projetos em pesquisa aplicada em jornalismo no programa?

Como vê o desenvolvimento da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil?

Por que o programa tem pouca publicação em pesquisa aplicada?

Qual o lugar da pesquisa aplicada em jornalismo? É um tipo de pesquisa que ode oferecer respostas ao jornalismo?

Quais são as principais dificuldades para desenvolver a pesquisa aplicada em jornalismo?

Apêndice B – Entrevista com a professora Paula Melani (UEPG)

Alanna

[00:00:00] Bom, professora, então são seis perguntas, você pode responder como você quiser, ou quanto você quiser, fica à vontade, tá? Então, primeiramente, eu queria entender qual que é a relação do programa da UEPG com pesquisa aplicada, se vocês têm orientações, publicações nesse sentido.

Paula

[00:00:19] Do programa de pós-graduação? O nosso programa de pós-graduação, ele faz muito pouca orientação e pesquisas aplicadas, é praticamente inexistente. Quando tem, são casos isolados. Não tem essa cultura da pesquisa aplicada em jornalismo. A gente desenvolve mais na graduação.

Alanna

Tem algum motivo específico pra isso?

Paula

Eu acho que primeiro é os grupos, as linhas de pesquisas e dos pesquisadores, e das pesquisadoras que compõem o nosso programa. Nós tínhamos uma professora que fazia, que era a professora Maria Lúcia, ela estava, inclusive, no nosso programa. Ela estava na área de pós-graduação, mas ela aposentou, saiu. E ficou muito tempo na pós porque pegou justamente o período de aposentadoria dela. Então, eu acho que é mais pelas linhas de pesquisa dos professores e das professoras, né, do que qualquer outra coisa, né? Por isso que eu acho que tem pouca outra orientação de trabalho nesse sentido na pós-graduação.

Alanna

[00:01:27] A senhora sabe se existe algum grupo de pesquisa? Ou projeto que está em andamento em pesquisa aplicada?

Paula

[00:01:33] Hum, não, eu desconheço. A, a, nós fazemos no grupo de gênero, a gente participa daquelas pesquisas do monitoramento global de mídia, né, mas aí elas são sazonais, né, e é um projeto maior.

Alanna

[00:01:48] Uhum. Como que você vê o desenvolvimento da pesquisa aplicada no Brasil, considerando que aqui na UEPG a gente não tem tanto? Como que você imagina que é o desenvolvimento?

Paula

[00:01:58] É, eu acho que na nossa área, no Brasil, ele ainda é muito pouco produtivo, pouco realizado, e acho que isso é um problema. Então, você vê alguns programas que fazem, mas estão mais, é, linkados aos professores ou as, ou as professoras que desenvolvem esse tipo de pesquisa, né, não o programa em si. Isso é ruim porque, que nem quando a professora sai, aí, é, fica esse hiato, né? Eu acho que a nossa área, o que é um paradoxo, paradoxal, porque ela tem, como é uma ciência sociais aplicada, como o nosso, o fazer jornal, o conhecimento do fazer jornalístico envolve conhecimento teórico e prático, é, eu acho que há um campo aí que deveria ser mais explorado. Inclusive pra trazer contribuições, né, e gerar tecnologias.

Alanna

[00:02:49] E por que que você acha, então, que o programa de pós-graduação tem pouca publicação? Seria exatamente por isso que a senhora falou de não ter professores específicos?

Paula

[00:02:58] Eu acho que porque tem pouca produção. Porque a publicação, ela é o resultado de produções, ela é o resultado de pesquisa, né, é, que você desenvolve e aí os resultados você publica, né, em artigos, capítulos, sei lá. É, então eu acho que nós temos pouca, porque de fato tem pouco desenvolvimento de pesquisa nesse sentido.

Alanna

[00:03:16] E você acredita que esse pouco desenvolvimento de pesquisa que a gente tem, pesquisa aplicada em jornalismo, tem quais tipos de dificuldades pra ter essa falta de interesse? Quais as dificuldades, talvez, que as pessoas não tenham tanto interesse em desenvolver pesquisa aplicada em jornalismo? Pelas pesquisas, assim, que eu tenho visto, eu levanto algumas possibilidades, é, talvez questões estruturais?

Paula

[00:03:54] Houve uma discussão aqui no nosso programa e uma das fortes aqui que foi colocada pelos professores era o receio de virar mercadológico, ou seja, fazer pesquisas em parcerias com as necessidades do mercado. Teve uma iniciativa, não sei se você chegou a ver, dos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo com duas universidades, a Unesp de Paulo e a USP, né? Também não sei o quanto andou. Ah, então quando teve essa discussão, logo no início do próprio programa, em 2013, quando o programa é criado, 14, a gente chegou a ter, assim, um pouco essa discussão, inclusive tinha uma professora que vinha da UFSC que trabalhava com isso também, né? Esqueci de falar. É, mas o receio era esse, era cair em questões mercadológicas. Ah, o jornal tal pede e é um desvio, como há em algumas áreas. Então eu acho que aqui o maior receio foi esse.

Alanna

[00:04:51] Tá, entendi. Talvez questão financeira, você citaria também, ou não? Porque talvez a gente precise de um respaldo...

Paula

[00:04:58] Eu acho que, aí nem tanto, porque, por exemplo, são bolsas, é, a gente não vai deixar de ter bolsa, né, por causa disso. Então eu acho que não é o financeiro, era mais aonde ficaria, separaria, né, porque é uma linha muito tênue da questão mercadológica e da universidade, da pesquisa.

Alanna

[00:05:17] E talvez questões históricas, a tradição de pesquisa em jornalismo ser mais voltada pra pesquisa básica do que pra aplicada?

Paula

[00:05:25] É que, ah, se você olha as pesquisas em jornalismo, elas têm uma historicidade, né, que também estão muito alinhadas com os programas, com quem está nesses programas, com a linhagem dessas pessoas que vêm dos programas e tal. É, eu acho que já teve, acho que já até teve mais, se a gente olhar um pouco pra história ali, né, do século XX, o que se discutia, não aqui, claro, porque nós nem existimos quanto programa. Mas eu acho que é da nossa cultura mesmo, da nossa área de pesquisa. Talvez seja ainda novo, isso bem que não, né? Não justifica.

Alanna

[00:06:03] É, os números da UEPG, o que eu encontrei no site de vocês, de 2015 a 2024, vocês tiveram 59 dissertações no programa. E nenhuma delas se classificou como pesquisa aplicada. O que vem da UEPG, eu tenho três eventos, três participações em anais de eventos que tem parceria com a UNINTER, né, com o OPAJor, inclusive. E um artigo em revista, porque não tem essa relação conosco, mas de fato 0% da UEPG vem da...

Paula

[00:06:28] Não, a gente não faz. É, quando teve essa discussão, foi por causa dessa questão mercadológica de não ter. Então nós não desenvolvemos, não tá nem nas nossas linhas, se você olhar, não entra essa palavra. É, já na graduação a gente faz, né, eu já orientei dois trabalhos de graduação de pesquisa aplicada, eu sei que a Graziella, que também tá no programa, orientou. Mas o nosso, a linha de pesquisa do nosso programa realmente não tem.

Alanna

[00:06:54] E por que será então que esses projetos que estão na graduação não evoluem pra pós? Por causa da linha de pesquisa mesmo?

Paula

[00:07:02] Isso eu não saberia te responder, porque, por exemplo, os que tiveram, ele veio pra pós, o Ângelo. Ele fez e veio, continuou, só que aí ele vai desenvolver uma pesquisa teórica, que é sobre a realidade virtual. A discussão dele, então ele tinha feito uma pauta, como seria a pauta pra produções jornalísticas em realidade virtual. Quando ele vem, ele traz o tema pro mestrado, só que ele desenvolve, porque ele quis levantar, qual que era a historicidade desses estudos? Então ele trouxe França, desculpa, Espanha, Estados Unidos, ele foi pra outra linha teórica. E o André, que fez, o TCC dele foi muito interessante, porque naquela época não tinha tanta publicação em Instagram de jornalismo. Ainda tava começando. E aí ele vai desenvolver como fazer isso, inclusive com imagens, né? Como pensar pauta, uma complementando a outra. Ele vai pra pós, ele entra pro mestrado, mas ele desenvolve outro projeto.

Alanna

[00:08:00] Entendi. Então é como se os projetos morressem ali na graduação, né?

Paula

[00:08:04] O do Ângelo não morreu, ele deu continuidade. Deu continuidade no mestrado e tá dando no doutorado.

Alanna

[00:08:10] Ah, bom, e falando no doutorado, inclusive, o professor Guilherme comentou comigo, né? Que vocês foram aprovados aí pelo doutorado. Vocês têm algum plano, talvez, pra levar algum tipo de linha de pesquisa que beneficie pesquisa aplicada?

Paula

[00:08:21] Ah, isso eu ainda não saberia responder. Por quê? O doutorado acabou de ser aprovado. Tá muito recente, né?

Alanna

[00:08:26] Mas agora falando contigo como profissional mesmo, qual que é o lugar da pesquisa aplicada em jornalismo na nossa área? Você acha que é um tipo de pesquisa que poderia ajudar o jornalismo a obter mais respostas, a evoluir de alguma maneira?

Paula

[00:08:43] Eu acho que sim. Mas eu acho que tem que tomar um cuidado, né? Quem desenvolve, pra justamente não cair nessa questão mercadológica, né? Eu compartilho desses respaldos, vamos pensar assim. Mas eu acho que sim, que tem e que é necessário. Porque, por exemplo, quando a gente discute as transformações, inteligência artificial, a própria, conforme a tecnologia entra, né? Os que veio com o home office e ficou. Então eu acho que tem coisas, tem um campo muito fértil pra ser desenvolvido. E tem países que fazem isso muito bem, né? Então eu acho que é subaproveitado. Eu concordo.

Alanna

[00:09:26] E só pra finalizar então, professora, essa questão mercadológica que a senhora tá comentando. Quais seriam os malefícios que a senhora citaria pra gente levar a pesquisa aplicada pra esse campo mercadológico?

Paula

[00:09:39] Eu cito muito na área da agronomia. Então, o que significa? A universidade desenvolve pesquisas sobre adubos, venenos, que são úteis pro plantio. Porque as empresas financiam. Só que isso tem danos. Então você acaba, a universidade acaba trabalhando pra empresa. Desenvolvendo o interesse da empresa. E não um interesse pensando na sua área. Na sociedade. Nas funções que você tem que exercer ali. É nesse sentido.

Alanna

[00:10:14] Entendi. Perfeito. Então é isso. MUITÍSSIMO obrigada. Obrigada.

Apêndice B – Entrevista com a professora Cíntia Xavier (UEPG)

Alanna

[00:00:09] Muito bem, professora, muito obrigada por ter aceito participar. Só te dando um contexto, então, a ideia do meu TCC, eu tô mergulhando um pouco mais a fundo nas três universidades que oferecem mestrado e doutorado, no caso, em jornalismo no Brasil, e eu levantei os dados de pesquisa aplicada, né, fui cruzando esses dados. Então, eu levantei algumas perguntas, são seis perguntas, pra entender qual que é a relação do programa com pesquisa aplicada e tentar levantar algumas hipóteses, tá? Fica bem à vontade pra responder o quanto você quiser, bem tranquilo, e tudo que eu falar de pesquisa aplicada é especificamente em jornalismo, tá? Então, primeiramente, professora, com a tua experiência na área, como que você vê o desenvolvimento da pesquisa aplicada no Brasil?

Cíntia

[00:00:54] Bom, a gente tem algumas áreas do país que tem uma facilitação maior pra esse tipo de desenvolvimento de pesquisa, algumas áreas ligadas especialmente à saúde, a empresas de tecnologia do campo e essas dimensões, a gente costuma ver com mais frequência, né, até mesmo a área de engenharia de materiais, a gente vê com mais frequência a pesquisa aplicada. Por quê? Porque, de certa maneira, é mais comum ver problemas na hora de, ou deficiências ou faltas, mais concretas, na forma de algum tipo de material, algum tipo de técnica, algum tipo de produto, e aí a universidade é acessada pra fazer esse tipo de atividade de pesquisa, né. Então, elas são pesquisas que a gente pode dizer que são pesquisas (inaudível), ou seja, é desenvolvida dentro da universidade, mas também tem o incentivo da iniciativa privada para fazer esse desenvolvimento.

Alanna

[00:02:05] Agora falando um pouquinho mais do programa da UEPG em si, qual que é a relação dele, como que ele se posiciona com relação à pesquisa aplicada? Eu fiz o levantamento de dados de 2015 a 2024, pelo menos no site ali, são 59 dissertações da UEPG. E delas nenhuma se aplica ali onde a gente colocou na nossa plataforma do OpaJor, do Observatório da Pesquisa Aplicada, nenhuma se

encaixou. O que a UEPG oferece para nós são três eventos, anais de eventos, participação, com parcerias com a UNINTER, com o Guilherme, por exemplo, e uma revista, uma publicação em revista. Então como que a UEPG se encaixa aí na pesquisa aplicada?

Cíntia

[00:02:42] A grande questão da pesquisa aplicada, Alanna, está nessa associação entre aquilo que o mercado, precisa e aquilo que a universidade consegue produzir em termos de pesquisa. E aí uma coisa que eu não falei quando estava te respondendo na pergunta anterior, é daquilo que eu observo como uma certa problemática das pesquisas aplicadas, que tem essa parceria com as empresas. O que eu percebo em alguns casos? Bom, primeiro, quando essas pesquisas são aplicadas, são trabalhadas de maneira associada, ou seja, que tem financiamento externo de iniciativa privada, em geral, aquilo que é produzido dentro da instância da universidade não é público. Ou seja, a empresa que financia detém a patente. Isso já é um problema, porque a gente tem aqui uma visão de que aquilo que a gente produz em termos de ciência, deve ser posto para o bem comum. Outra questão que eu considero bastante complicada e complexa, é a autonomia nos resultados da pesquisa. Ou seja, se eu não tiver um resultado necessariamente satisfatório, bom, naquela pesquisa, no caso de uma autonomia do pesquisador que está trabalhando sem estar associado com a empresa, ele pode abandonar, ele pode rever, ele pode reconduzir os seus dados. No caso, às vezes, da iniciativa privada, isso fica muito mais difícil, porque a iniciativa privada está esperando algum resultado. Então eu considero isso um problema também. E aí eu volto para te responder a pergunta que você me fez, como que é a nossa função. Bom, tem duas condições que nós precisamos ter dentro da própria condição da instituição, ou seja, da UEPG, para que ocorra a pesquisa aplicada. A primeira delas é o interesse. Ter pesquisadores, tanto alunos quanto professores. Hoje a gente não tem, na nossa realidade, professores interessados em desenvolvimento, a não ser o Guilherme que está aqui conosco também. É ele que faz mais esse trabalho. E a outra é uma demanda. Ou seja, se o mercado, vamos chamar assim, nem sempre gosto de falar de mercado, mas vamos usar o termo mercado, não tem interesse em fazer parcerias para, para desenvolver soluções de problemas, a gente também

não tem como forçar o interesse da iniciativa privada de trabalhar nesse sentido. Então é uma situação que fica pendurada dentro desse universo. É um problema não ter pesquisa aplicada? De certa maneira, a gente poderia talvez ter uma atuação um pouco mais, forte um pouco, assim, nesses termos, para o mercado de trabalho, se a gente tivesse. Mas também fica realmente complicado, por quê? Porque existe muitas vezes um bloqueio da própria empresa, e a gente enquanto, às vezes nem é um interesse uma pesquisa aplicada, é uma entrada dentro do universo da empresa. O que é difícil. Muitas empresas não permitem pesquisadores, têm resistência a pesquisadores, então também existe uma resistência muito grande do mercado de trabalho naquilo que a gente desenvolve quanto pesquisa. Não sei dizer por que, não sei qual é a, o problema que eles encontram em ter o pesquisador lá. Então isso também é uma objeção significativa.

Alanna

[00:06:36] Então hoje, por acaso, a professora sabe de algum tipo de projeto que está sendo desenvolvido aqui, algum grupo de pesquisa, que tem um pouco a ver com pesquisa aplicada ou não?

Cíntia

[00:06:45] Dentro da universidade?

Alanna

[00:06:46] É, daqui da UEPG.

Cíntia

[00:06:47] Do jornalismo? Não.

Alanna

[00:06:48] Pensando então nos dados que eu trouxe para você, a gente tem 0% vindo da UEPG de pesquisa aplicada. Qual você diria que é a maior dificuldade além dessas? Algumas hipóteses que eu tenho são questões financeiras, questões de recursos humanos, acho que a professora já falou, professores que tenham essa especialidade. Mas você acha também que questões históricas, pela tradição da

pesquisa básica, é algo que pode ser uma dificuldade do programa ou dos alunos já virem com essa bagagem mais de pesquisa básica?

Cíntia

[00:07:20] Eu acho que está mais, não é só histórico na perspectiva local, é um histórico de uma tradição. Quer dizer, há pesquisa em comunicação e há pesquisa em jornalismo no país e não tem essa tradição de fazer pesquisa aplicada. Então, sem se vislumbrar esse tipo de, de situação, fica muito complicado mesmo desenvolver.

Alanna

[00:07:47] Alguma outra possibilidade? Pensando talvez não só nesse programa, mas pensando na pós-graduação em jornalismo no geral no Brasil, vê alguma outra dificuldade que a gente possa levantar?

Cíntia

[00:08:01] Olha, se o financiamento para desenvolvimento de pesquisa que não esteja nessa seara já é um tanto escasso, eu vejo que tem uma escassez ainda maior desse segmento. Embora o que eu vejo é que às vezes até existe um interesse das próprias agências de fomento de incentivar algum tipo de pesquisa diferenciada que a gente poderia observar como pesquisa aplicada, mas que não se encaixa na realidade nossa mesmo, ou seja, a gente não consegue mobilizar instrumentos de pesquisa e de associações com a vida social para, de fato, conseguir demonstrar que seria o caso de financiar. Então, realmente, ela é um desafio.

Alanna

[00:08:50] E o fato do programa ser um programa acadêmico também atrapalha? Porque, veja, hoje nós temos a Federal da Paraíba, que é um mestrado profissional, onde a gente tem mais desenvolvimento de pesquisa aplicada. Acha que isso também é um viés?

Cíntia

[00:09:05] É, eu acho assim, eu acho, não sei, eu realmente não sei se seria essa a questão, de ser um mestrado acadêmico. Eu acho que dentro da própria pós-graduação que tem esse perfil acadêmico, existe muita pesquisa aplicada. É lógico que tem um facilitador, quando você tem a questão do... Uma linha de pesquisa mais profissional. Isso, a questão do mestrado, doutorado profissional, eles têm mais vocação para isso. Mas eu não vejo isso como um impedimento. Eu acho que tem outras questões aí, que ainda... E às vezes eu acho que a resistência pode existir dentro de uma falta de caracterização desse universo, mas ela também é uma falta de identificação do mercado em olhar para a universidade como um potencial para trabalhar em conjunto.

Alanna

[00:10:03] E para finalizar então, professora, com a tua vivência dentro da área, você acha que a pesquisa aplicada é um tipo de pesquisa que pode oferecer respostas para o jornalismo?

Cíntia

[00:10:14] Eu acho que sim, eu acho que sim. É lógico que careceria de fóruns e atividades que pudessem fomentar isso. Porque às vezes é a própria falta de... De oportunidade mesmo, né? Eu acho que teria alguns pesquisadores que teriam essa vocação para isso. Mas não consegue observar também pela própria... Esse isolamento, tanto na perspectiva do mercado quanto em algumas vezes uma separação maior das universidades também, né? Mas eu não atribuo esse isolamento, eu não atribuo tanto das universidades como atribuo para o mercado. Eu acho que o isolamento acontece mais pelo mercado do que pelas universidades. É, não se observou isso como um potencial para desenvolvimento de novas formas e tudo mais. Eu acho que tem também muita resistência. O mercado quer fazer as coisas muito... Essa é uma leitura minha bem particular. Às vezes quer resolver esses problemas por si mesmo. E não olha na possibilidade de trocar com a academia como uma potencialidade para resolver essas coisas. Vai resolver? Nem sempre. Mas esse diálogo poderia ser mais profícuo.

Alanna

[00:11:57] Era isso. MUITÍSSIMO, obrigada.

Apêndice C – Entrevista com a professora Raquel Longhi (UFSC)

Alanna

[00:00:00] Professora, primeiramente, muito obrigada por aceitar o convite para me ajudar aqui na minha pesquisa de conclusão de curso. Vou te dar uma contextualizada bem breve, então, sobre o meu projeto. Então, eu faço jornalismo na Uninter, eu sou orientanda do Guilherme Carvalho, eu sou bolsista do projeto do OPAJOR, que é o Observatório de Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil. Então, a gente tem uma grande plataforma onde a gente todos os anos faz um relatório, faz o levantamento dos dados de pesquisa aplicada em jornalismo. E o intuito do meu trabalho é mergulhar um pouquinho mais a fundo nas três universidades que oferecem pós-graduação, stricto sensu, em jornalismo aqui no Brasil. E eu queria entender um pouquinho mais a relação desses programas com a pesquisa aplicada. Então, por isso até fiz o levantamento de alguns professores que tivessem relação com pesquisa aplicada na UFSC, tanto a Rita Paulino quanto você já tiveram algum tipo de publicação na área. Então, por isso a minha escolha de conversar com vocês, tá? A ideia é ser uma conversa bem breve, tá? Então, fique bem à vontade para você responder o tanto que você achar necessário. Se você também quiser me fazer alguma pergunta, fica bem à vontade, tá?

Raquel

[00:01:17] Tá legal.

Alanna

[00:01:19] Perfeito, professora.

Raquel

[00:01:20] É, como eu te falei, eu trabalhei, escrevi um artigo num determinado momento, né, falando de pesquisa aplicada. Eu não tenho trabalhado muito com isso. Então, vamos ver se eu consigo te ajudar em alguma coisa.

Alanna

[00:01:33] Tá joia, tá joia. Com certeza vai ajudar bastante. Só fazendo um, salientando para você, tudo que eu falar de pesquisa aplicada aqui, professora, é pesquisa aplicada em jornalismo, tá? Eu não estou indo para o campo da comunicação, estou indo especificamente em jornalismo, ok? Então, tá bom. Então, primeiramente, professora, eu queria entender você como profissional da área, como que você vê o desenvolvimento da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil?

Raquel

[00:01:59] Eu acho que nos últimos anos tem crescido o número de colegas pesquisadores que têm feito pesquisa aplicada, mas tem crescido também a visibilidade desses trabalhos. A gente viu, por exemplo, a SBPJOR recentemente, de alguns anos para cá, colocou uma categoria de premiação em pesquisa. Em pesquisa aplicada, né? O que se viu também é que ainda são poucos trabalhos que concorrem nessa categoria, porque não são muitos, mas efetivamente esse crescimento certamente vai dar frutos daqui uns anos. Provavelmente a gente vai ter um cenário com um número bem maior e mesmo esse reconhecimento que creio que vai só se fortalecer. Porque o trabalho na pesquisa aplicada, especialmente dos colegas, continua, né, e está sendo reconhecido e o pessoal tem trabalhado bastante nisso. Então, acho que vejo com um olhar bem positivo.

Alanna

[00:03:17] Que bom, que bom. Inclusive, esse ano o prêmio da SBPJOR foi para o OPAJOR. O professor Guilherme recebeu aí a notificação semana passada, então a gente ficou bem contente.

Raquel

[00:03:27] Muito legal. Muito legal, né? Muito legal. Reconhecendo o trabalho, né, que é importante e que só vem a colaborar com o campo da pesquisa aplicada, né? Fora que para os programas, para as instituições, para os alunos, né, é muito importante esse desenvolvimento, né? Um trabalho reconhecido, muito bacana.

Alanna

[00:03:51] Com certeza, a gente ficou bem feliz. Agora falando um pouquinho mais do programa de pós-graduação da UFSC, qual que seria a relação que a gente tem hoje do programa de pós-graduação aí da Faculdade Federal com a pesquisa aplicada? Você sabe se a gente tem alguma orientação em andamento, algumas publicações, grupos de pesquisa?

Raquel

[00:04:13] Eu acho que o nosso grupo, o FJOR que faz parte do grupo Hipermídia e Linguagem, cadastrado junto a CNPq. Então, a gente tem, dentro do nosso grupo, tem o núcleo de, né, a gente tem o núcleo de pesquisa aplicada, né, de estudos e produção hipermídia aplicados ao jornalismo. Esse grupo dentro faz parte da linha de pesquisa tecnologia, linguagens e inovação no jornalismo, né? Esse grupo é coordenado por mim. E desse grupo participa também a professora Rita Paulino e a professora Fabiana Piccinin, e a professora Stefanie Carlan da Silveira. E assim, os orientandos também das colegas, assim como os meus orientandos, ali estão trabalhando nas suas pesquisas. E nesse sentido, o nosso grupo tem produzido bastante coisa, especialmente os orientandos da professora Rita Paulino, né? Paulino, né? Então, e temos muita visibilidade junto ao programa, né, muito reconhecimento também. Recentemente, a professora Rita, creio que se você já conversou com ela, ela deve ter lhe falado, que daí ela fez um evento junto até a um programa parceiro na UFSC, que é o programa daí de engenharia e gestão do conhecimento. Mas ela trouxe, eles trouxeram, enfim, para conversar com os alunos, e daí pesquisadores nossos do NEFJOR, do grupo Hipermídia e Linguagem, também participaram, desse evento, falaram sobre pesquisa aplicada e pesquisa em jornalismo em redes sociais, né? Então, eu acho que a gente tem um trabalho bem importante, o programa dá todo o apoio e percebe como fundamental também no nosso programa esse trabalho em pesquisa aplicada, sabe? Isso é muito importante também.

Alanna

[00:06:25] Legal, perfeito.

Raquel

[00:06:27] Agora, eu tenho uma orientanda que está trabalhando com, na verdade, ela está fazendo uma aplicação de uma ferramenta que, infelizmente, foi descontinuada, que é a NETLITIC, porque era uma ferramenta que permitia estudar o Twitter, hoje X, e com a compra do Twitter pelo Elon Musk, ele fechou a API. Então, mas essa orientanda, ela vai defender mostrando como se fosse um retrato de um momento histórico, enfim, no Twitter, e falando sobre agendamento e mostrando as relações no Twitter, relações de agendamento entre vários atores da rede usando essa ferramenta, que é uma ferramenta que a professora Rita também usou bastante nas suas pesquisas sobre, análise de redes sociais, então, eu diria que está dentro aí desse escopo da pesquisa, mas no sentido de usar uma ferramenta, né, que foi importante, enfim, né, e a professora Rita Paulina, ela deve falar melhor do que eu, também está com alguns orientandos dela desenvolvendo pesquisa aplicada.

Alanna

[00:07:51] Ainda não tive oportunidade de conversar com ela, ela tem agenda bem apertada, mas também vou falar com ela aí nos próximos dias. Apesar da gente ter bastante incentivo na UFSC, que é alguns projetos em andamento, quando a gente estratifica os dados, professora, a gente percebe que tanto no mestrado, quanto no doutorado, representa uma porcentagem muito baixa. Quando eu falo, por exemplo, dos mestrados de vocês, a gente tem sete dissertações que se encaixaram com uma pesquisa aplicada de acordo com o nosso levantamento, e três teses, né. Então, quais os principais motivos que a senhora acredita, que o programa aí da UFSC, que ainda tem pouca publicação em pesquisa aplicada?

Raquel

[00:08:33] Você fala publicação em termos de teses ou em termos de artigo científico? Porque você falou de dissertações e teses, né. Isso. Publicação por pedido de teses e dissertações?

Raquel

[00:08:43] Isso, teses e dissertações, exatamente.

Alanna

[00:08:45] Eu acho que tem duas coisas aí. Tem, nós temos poucos professores que orientam pesquisa aplicada, eu não oriento efetivamente pesquisa aplicada, mas alguma coisa eu colaboro, né. Então, eu não sou uma pessoa que me coloco lá na listagem como uma professora que oriente pesquisa aplicada. Então, nós temos uma professora que orienta pesquisa aplicada, que é a professora Rita, e temos também a demanda, né. Então, nós temos que conseguir dar conta de uma determinada demanda, e realmente nós não temos muitos que orientam pesquisa aplicada ali e que fazem pesquisa aplicada. Então, eu, por exemplo, trabalho mais com estudo das narrativas no ciberjornalismo, né, e também jornalismo imersivo, etc, etc. Então, eu não me dedico muito, por isso eu não me coloco à disposição para orientar. Então, a nossa demanda é a demanda de acordo com o que a gente oferece, né. Nesse sentido, o número é o número que a gente conseguiu, né, definir até agora, a partir dessa relação entre oferta e procura.

Alanna

[00:10:01] Tá, então você acha que essa questão, assim, de recursos humanos, vamos dizer assim, né, de professores, demanda, seria a número um, a razão número um, isso?

Raquel

[00:10:10] Não, eu acho que, sim, a gente, como tem poucos recursos humanos oferecendo orientação em pesquisa aplicada, os interesses também que vêm de fora, né, eles são de acordo com o que a gente pode oferecer, né. À medida que a gente tiver mais professores que se dediquem à pesquisa aplicada, nós teremos, certamente, mais capacidade de responder a uma determinada demanda. Sabe, eu não sei se você já conversou, só para lhe dizer mais ou menos como que é o panorama do interesse pelas pesquisas, por exemplo, em nível de pós-graduação, né, a gente oferece algumas vagas, né, de doutorado e de mestrado, e cada um de nós, professores do programa, que somos poucos, na verdade, o nosso programa não é numeroso, nós somos 14 professores nesse momento. Então, não é muito numeroso também o número de professores, nós somos 14 divididos em três linhas de pesquisa, né. Então, se você pensar, e o professor, nós não temos condições

do que ter mais de X, né, orientandos de mestrado e de doutorado, inclusive há uma exigência da CAPES, há uma limitação, né, então a gente segue também alguns parâmetros da própria CAPES, então, isso leva a esse panorama que a gente tem, né, que, na verdade, eu não considero pouco porque basicamente nós temos uma professora lá que orienta pesquisa aplicada então eu acho que na verdade quando a gente fala pouco ou muito depende do universo que a gente está considerando e algumas variáveis, então algumas dessas variáveis eu já coloquei pra você.

Alanna

[00:12:14] tá, entendi, é quando a gente realmente estratifica e coloca isso em porcentagem por exemplo, as teses estão gerando por volta de 8% delas em pesquisa aplicada e as dissertações por volta de 4% então colocando nos números ainda é um pouco baixo, a pesquisa básica de fato ainda é muito mais procurada. Uma das hipóteses assim que a gente tem levantado, eu tenho levantado no meu trabalho é que talvez a gente tenha algumas dificuldades além dessa dos recursos humanos, a senhora acredita que questão de questões financeiras por exemplo, ou até questão histórica da pesquisa da tradição de pesquisa em jornalismo também possa ser um fator impactante?

Raquel

[00:12:57] A questão financeira sempre vai fazer diferença, né a gente tem pouco apoio das agências de pesquisa a gente tem dificilmente muitos de nós por exemplo entram em editais que a gente tem o mérito, mas não tem não consegue a bolsa no caso isso obviamente que impacta eu mesmo nas minhas pesquisas sobre jornalismo imersivo eu paguei do meu bolso eu investi em câmeras 360 porque por mais que eu tivesse mérito no meu projeto que eu mandei para o CNPq em algumas tentativas eu não tive dinheiro, tinha dinheiro disponível para a minha classificação ali e assim acontece com vários colegas eu acho que apoio sim é uma coisa que faz diferença acho que se a gente conseguisse mais apoio certamente esse quadro poderia ser melhor e nós temos uma alta carga na graduação também, isso é, a gente na pós-graduação, a gente não pode pensar que a gente está só numa pós-graduação e que pode só fazer pesquisa e dar aula

e mesmo assim esse só fazer pesquisa e só dar aula não é só como a gente sabe a nossa carga realmente administrativa é muito grande e isso não nos dá muito fôlego para desenvolver muitas coisas que a gente não pode fazer a gente gostaria a gente muitas vezes não tem condições de desenvolver muito que a gente tem ideias de fazer e não consegue porque a nossa carga especialmente a administrativa nós não somos professores... Tem uma diferença entre universidades particulares e universidades públicas na particular você tem servidor você tem técnicos você tem gestores que são contratados nós temos que fazer gestão muitas vezes nós temos que fazer serviço também de servidores porque a gente fica sem servidor e a universidade não nos coloca outros então isso tudo aumenta a nossa carga e prejudica muito o nosso trabalho como pesquisador então isso afeta a nossa produção científica e de pesquisa obviamente então eu acho que esse é realmente então temos uma situação aí que não é ideal para um professor pesquisador que quer se dedicar a graduação, ao ensino a pesquisa e a extensão e a pós-graduação essas duas instâncias mais as instâncias da extensão e da pesquisa porque a gente tem que assumir cargas às vezes de gestão para as quais nós não estamos não fomos preparados e aí temos que aprender tudo temos que muitas vezes deixar nossas pesquisas de lado, enfim é todo um, um contexto que não é dos mais favoráveis acho que sim pode haver também uma questão de tradição de pesquisa a pesquisa aplicada em jornalismo é relativamente recente e você sabe que isso precisa de todo um tempo para se desenvolver, para ser reconhecido, para reforçar-se e assim para produzir mais frutos

Alanna

[00:16:41] perfeito, professora. Eu nas minhas pesquisas percebi que a gente tem, então, hoje duas faculdades que oferecem essa pós-graduação acadêmica em jornalismo e a gente tem a Federal da Paraíba que oferece uma pós-graduação profissional em jornalismo. Essa questão mercadológica que a pesquisa aplicada pode carregar consigo, a senhora acredita que é um fator? Porque eu percebo que talvez, por exemplo, a UEPG, ela se mantenha um pouco menos mercadológica nas suas pesquisas, né? Isso é um fator importante para vocês na UFSC dentro do programa ou não?

Raquel

[00:17:17] Isso seria importante se a gente tivesse mais condições de trabalho, porque, ou, talvez a minha frase eu possa reformular, peraí. Isso seria importante se a gente tivesse mais apoio para pesquisa, mais tempo para fazer essa interface com o mercado, saliento que no Brasil nós não temos uma, uma, situação na universidade, como nos Estados Unidos, por exemplo, onde se dá muito essa parceria entre empresas, mercado e universidade. Nós não temos essa tradição no jornalismo, na comunicação no Brasil, isso ainda está, vamos dizer, engatinhando. Então, eu acho que sim, nós temos dificuldades nesse sentido, pela falta de tradição, mas nós temos também iniciativas que estão, que podem tentar mudar esse quadro. Nas áreas mais de exatas, por exemplo, da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente na engenharia mecânica, isso é uma realidade já há alguns anos e o curso é um dos, se não for o melhor do Brasil, enfim, e tem essa parceria com empresas muito, muito forte. Então, eu acho que, claro que depende de todo um contexto, talvez essa tradição universidade, talvez da própria pesquisa em comunicação e jornalismo com o mercado, ainda precise ser mais trabalhada, enfim, mas realmente é uma tradição que a gente se tem ainda, é muito pouca. Então, é algo que teria, vamos dizer, é um desafio. É um desafio, é um desafio que a gente teria que conseguir cruzar aí essa linha, né, daí eu acho que isso realmente colaboraria com muitas iniciativas.

Alanna

[00:19:25] Perfeito. E agora, para finalizar, professora, falando de novo aí da tua experiência, você acha que a pesquisa aplicada é um tipo de pesquisa que pode oferecer respostas para esse momento do jornalismo?

Raquel

[00:19:38] Eu acho que pode, sim, eu acho que pode, a gente está vendo muita pesquisa, sendo desenvolvida com inteligência artificial, por exemplo, e a gente sabe quanto a inteligência artificial para o jornalismo, ao mesmo tempo que pode ser uma, que pode ser, pode abrir oportunidades, ela também é uma ameaça, então é um desafio lidar com isso, né, mas eu acho que sim, eu acho que é de

extrema importância que sejam feitos esses estudos, já se vê alguns estudos nesse sentido, enfim, não é, o próprio estudo de análise de redes sociais é um estudo importante, enfim, estudos na área dos newsgames, por exemplo, também, colaboram muito com o jornalismo, o desenvolvimento e os desafios do jornalismo, eu acho que sim.

Alanna

[00:20:32] Perfeito, professora Raquel, era isso, me ajudou muito, muito, muito mesmo, é legal ver perspectivas diferentes, eu já conversei com uma professora da UEPG e essa questão mercadológica foi muito forte, muito forte para o programa deles, né, interessante ver esse lado da UFSC também, então, excelente, muitíssimo obrigado pela colaboração.

Raquel

[00:20:49] Tá, de nada querida, espero que a Rita possa te ajudar mais também.

Alanna

[00:20:53] Obrigada, viu, excelente fim de semana para a senhora. Obrigada, tchau, tchau.

Apêndice D – Entrevista com a professora Rita Paulino (UFSC)**Alanna**

[00:00:00] Prometo que eu não vou tomar muito tempo da senhora.

Rita

[00:00:02] Tá bom. Não, tudo bem.

Alanna

[00:00:04] Já me organizei aqui. Que bom, professora. Então, primeiro, para contextualizar um pouquinho sobre mim e sobre a minha pesquisa. Eu sou estudante de jornalismo lá da Uninter. Eu estou aí seguindo para o trabalho de conclusão de curso. Eu sou orientanda do Guilherme. Eu faço parte do grupo de pesquisa de iniciação científica que deu origem ao OPAJOR, ao Observatório de Pesquisa Aplicada no Brasil. Inclusive, cheguei a encontrá-la o ano passado em Brasília, no SBPJOR. A gente apresentou um trabalho lá, falando um pouquinho sobre a nossa pesquisa. E eu trouxe um pouco dessa pesquisa para a minha pesquisa de TCC. Então, eu quero mergulhar um pouquinho mais profundamente nos programas de pós-graduação em jornalismo no Brasil. Então, eu estou voltando o meu foco para a UEPG, para a UFSC e para a Federal da Paraíba. E eu quero entender um pouquinho do panorama desses programas e pesquisa aplicada. Então, tudo que eu vou te perguntar aqui hoje, são seis perguntinhas, tem a ver com pesquisa aplicada em jornalismo. Estou falando especificamente da área do jornalismo. Tudo bem? Então, professora Rita, a primeira pergunta que eu queria te fazer, com todo o teu conhecimento da área, a tua experiência, como que você vê o desenvolvimento da pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil? No Brasil, de forma geral?

Rita

[00:01:26] Olha, Lana, eu acho que, assim, já estamos melhor, mas eu ainda acho que é pouco, assim, sabe? Para tudo que a gente pode conseguir de ganhos para a área, em termos não só de produto, como de processo, na resolução de problemas da área também, eu acho que a gente poderia, no caso da pós-

graduação, focar mais, talvez assim, colocar mais energia na pesquisa aplicada para que a gente possa entender de forma mais aprofundada. Na graduação, eu não sei se é uma impressão minha, aqui na UFSC, talvez até você possa me falar como é que é na Uninter, eu acho que na graduação a gente está melhor, sabe, porque aqui a gente, na graduação, o aluno, ele pode fazer ou um produto ou uma monografia, monografia é raro, né, todo mundo faz produto, e aí a gente consegue ver algumas coisas legais, novas, sabe, do pessoal empreendendo também, né, por exemplo, ano passado, ano passado não, agora, no semestre passado, eu coorientei uma aluna que ela tem necessidades especiais, assim, ela é cadeirante, e ela fez um trabalho tão interessante para o nicho que ela se enxerga, que ela se coloca, que ela criou um site de moda inclusiva, e aí ela só fala sobre isso, né, até por experiência dela, né, e esse projeto ganhou olhares do governo aqui em Santa Catarina, e ela passou numa seletiva, e eles estão, assim, dando fomento para ela entender todo esse contexto do empreendedorismo, assim, estão ajudando ela a realmente colocar no mercado o produto dela. Então, eu acredito muito nisso, se a gente partir para essa questão de trabalhar produtos para a nossa área, inovar, né, eu acho que toda a área ganha, sabe, e aí, claro, que a pesquisa vem junto também, sabe, uma coisa puxa a outra. Na pós-graduação, eu acho mais devagar, assim, eu acho que as pessoas se prendem, muito, às pesquisas mais teóricas, empíricas, nada contra, mas eu acho que, assim, acho que a gente teria que ir um pouco mais adiante, sabe, já que a gente está mergulhado em fazer análise do que já tem, pelo menos que a gente tivesse, né, alguma, algo a oferecer, olha, eu estou vendo isso aqui, não é possível que eu não veja algo um pouco mais além, né. Mas as pessoas estão muito acostumadas, eu acho, sabe, acomodadas, eu acho que eu tenho, não sei, inquieta, sabe.

Alanna

[00:05:01] Falando um pouquinho mais, então, sobre o programa especificamente aí da UFSC, a senhora sabe se existe algum grupo de pesquisa específico, de pesquisa aplicada em jornalismo, ou talvez em andamento, algum trabalho que está acontecendo agora?

Rita

[00:05:16] Não, o que que tem aqui, né. Na pós-graduação, eu acho que eu sou a única, assim, que, tipo, boto a mão na massa, assim, para experimentar, né, acho que uso o meu campo de pesquisa para isso, eu não consigo fazer de outro jeito. Talvez porque eu venho já de uma área mais prática, né, eu sou diagramadora de formação, né, então, então eu já, a gente nem usa mais esse termo, né, diagramação, mas eu comecei na diagramação, né, então é um exercício, né, da gente experimentar formas de empacotar um conteúdo, de mostrar um conteúdo, então, eu acho que eu já venho nessa linha, né, desde que eu comecei, desde que eu me encantei pelo jornalismo, assim, né. Então, para mim, eu não consigo ver de outra forma, então, se eu olho algo que está me inquietando, né, e eu comecei na pós-graduação com os experimentos em tablets, eu achei aquilo fantástico o tablet, né, uma linguagem que, que ao mesmo tempo eu podia usar toda aquela minha diagramação do impresso, né, que é um pouco diferenciada de sites, né, no tablet, ainda com conteúdo interativo, eu achei aquilo maravilhoso, né, e aí eu comecei lá em 2013 já a fazer na pós-graduação, na pós-graduação, os experimentos, e aí fazia, né, eu tive que aprender processo, eu tive que aprender ferramenta, então, é trabalhoso, né, e depois eu comecei a testar, e isso é uma, algo que também a nossa área não faz, é testar com usuários, com os leitores, testar a usabilidade, ver se aquilo que eu estou imaginando está sendo efetivo ou não, né, então, eu não consigo ver de outra forma, então, eu não consigo ver de outra forma, preocupo muito com essa questão da recepção também, sabe me preocupo e gosto de fazer, né, gosto de testar, então sempre que eu tenho oportunidade eu tô indo nessa área, assim né, depois dos tablets eu me lembro que eu comecei a trabalhar com aplicativos, né o tablet foi até lá 2018, mais ou menos e logo entrou já os aplicativos mesmo aí de novo, aprende novos processos, aprende ferramentas né, e aí nasceu o JOR Convergente que é algo que eu já que o Guilherme conhece, que a gente apresentou, né em vários eventos, né que também era tipo um ambiente, na verdade que eu não sei como é que é também na Uninter, mas aqui na UFSC no JOR, eu comecei a notar que lá no jornalismo, cada área caminhava sozinho então, ah, tinha uma cobertura de eleições o rádio fazia uma o vídeo fazia outra, né nos seus projetos e tal o pessoal do impresso fazia outra, site também tinha uma galera que fazia alguns projetos separados sabe, e aí o que eu fiz no JOR Convergente? eu criei esse

ambiente pra que todos os projetos que fossem fazer uma cobertura única, tivessem um local só pra colocar o seu material, né e aí eu comecei a estudar as formas de apresentar aquilo, né é, claro que eu queria algo diferenciado, que todo mundo pensasse em conjunto eu não consegui isso mas pelo menos eu consegui um ambiente único e que estavam todos os projetos ali foi muito legal sim, sabe, claro que teve esse limitador mas, quando a gente apresentava os projetos não era cada um separado né, a gente conseguia mesclar as linguagens então isso também foi um ganho, né eu consegui fazer pesquisa em cima disso, mostrar o que que foi legal, os processos que foram usados, o que que não deu certo, né, então gera muita pesquisa aplicada na verdade, ela gera muita pesquisa teórica né, e isso eu gosto também, eu acho muito bacana né assim, a minha crítica maior nisso tudo é que às vezes a nossa própria área da comunicação e do jornalismo não aceita muito bem a pesquisa aplicada né, eu tenho dificuldades, né, quando eu submeto as pesquisas em revistas né em congressos é mais tranquilo mas principalmente as revistas eu sinto que as críticas são sempre as mesmas professora, faltou pesquisa teórica, mas eu não queria fazer pesquisa teórica, entendeu e aí às vezes eu acabo lançando as minhas pesquisas na área da computação na área disciplinar na área das exatas por quê? Porque lá eles já estão acostumados a isso né, de mostrar processos e produtos como que foram feitos, então a gente acaba tendo mais lugar lá do que propriamente na nossa então assim, eu acho que a gente está caminhando, eu achei muito legal o projeto do Guilherme, porque lança a mão desse olhar, né como está faltando incentivo nessa área como na pós-graduação, como eu te falei eu acho que na graduação até a gente está caminhando assim talvez mais incentivo falte um pouco assim de estrutura para os alunos, né mas eu acho que eles ainda conseguem, né, sempre tem alguma coisa diferenciada ou um site que eles façam, né, então eles tentam pelo menos, né após eu acho que ainda está faltando isso sabe, nos darem mais lugar

Alanna

[00:11:39] e corroborando com as suas primeiras respostas você acredita que esse jornalismo do aluno que vai para a pós-graduação talvez seja pela exigência

de ser um profissional super multidisciplinar para desenvolver pesquisa aplicada então ele se acomoda ou não?

Rita

[00:11:57] É, eu acho que assim tem as dificuldades, né então assim, não é uma como eu te falei a gente tem que ter um tempo para conhecer novas ferramentas, né às vezes até uma área que você não transita, né então, por exemplo teve uma eu estou nessa época ainda, né de fazer análise de mídias sociais de redes sociais eu precisei entender o que era a teoria dos grafos que isso não não é da nossa capacitação, né no jornalismo eu precisei entender ferramentas novas então eu acho que isso assusta um pouco sabe, os nossos alunos que entram para a pós talvez procurando mais a pesquisa mesmo e aí eles acabam ficando muito no empírico de analisar o que já tem só que a minha preocupação é que se eu ficar só analisando o mercado eu não gero inovação a nossa área da academia, ela não vai inovar né, e eu acho particularmente que o aluno que faz toda uma análise teórica faz o levantamento da da da , assim, um acompanhamento da revisão sistemática em determinada área ele tem muito a falar né, ele tem muito a dizer, olha os autores falam isso, então tem tais gargalos, poxa, vamos então tentar inovar no que precisa, né então eu acho que aí tem um gap aí para a gente acaba ficando mais na análise sabe, não que isso seja ruim, mas eu acho que a área perde um pouco sabe e se tu me pergunta se é comodismo ou não, eu não sei mas eu sei que não é uma coisa é algo que o aluno vai precisar de tempo e energia e vontade para conhecer outras coisas, outras áreas outros métodos que vão lhe ajudar então, às vezes com o que a gente tem não é o suficiente às vezes a gente precisa até procurar parceiros da área da computação para nos ajudar, porque a gente vai até certo nível até certo ponto eu também sou assim tem coisas que eu não domino e aí quando eu entendo que não dá eu tento chamar colegas, olha, vamos escrever junto eu consegui até aqui e tal isso para mim é bem tranquilo vários parceiros tem o professor Marcos Seruffo lá do Pará que ele, nossa, ele me coloca em todos os bolsistas à disposição professora, se precisar porque ele é da computação e o que ele precisa? de ideias, ele precisa de problemas, nós temos os problemas então, nossa, ele é super parceiro e como eu acho que eu consigo isso todos os colegas podem, sabe nas suas áreas, em

prospectar se aproximar também de outras áreas acho que isso ajuda muito legal só mais esses limites assim, sabe a melhorar, tipo ah, eu não consigo tudo bem então, né, tenta né, não sei.

Alanna

[00:15:25] Olhando os números da UFSC professora, e comparando também com UEPG comparando também com a Federal da Paraíba a UFSC é um destaque, né porém, quando a gente transforma isso em porcentagem quando a gente pega a quantidade de publicações que vocês têm disponível no site de vocês tanto para mestrado, quanto para doutorado esse número diminui então, hoje a gente tem por volta de 8% das publicações das teses de doutorado voltadas para a pesquisa aplicada e quando a gente fala de mestrado a gente está falando de por volta de 4% ainda é muito pouco, né a UFSC tem alguma iniciativa que talvez a gente possa pensar em um salto que seja para os próximos anos? que seja para os próximos anos?

Rita

[00:16:13] olha, é um pouco disso tudo que eu te falei, né o nosso programa, ele é muito pesquisa teórica sempre foi, ele é uma referência nessa área o que eu falo de referência sim, porque foi o primeiro curso de mestrado doutorado da América Latina então, ele tem essa gênese na teoria, né o que aconteceu? quando eu entrei lá em 2013 12 ou 13 eu me senti até meio perdida o que eu estou fazendo aqui será que eu vou não sei, será que vão me aceitar será que eu já tinha essa pegada da pesquisa aplicada mesmo até sem entender muito assim, né e não foi fácil foi difícil talvez esses números aí eles comprovam mais ainda o que eu estou falando então eu estou um pouco solitária ali mas uma coisa que eu conversei com o Guilherme, que chamei a atenção dele é que aonde o projeto de vocês pesquisa, pesquisa aplicada é justamente onde a gente não tem vez e aí quando saiu esse último, eu conversei com Guilherme, eu falei, Guilherme, mas eu tenho tantas pesquisas que eu fiz justamente com o professor lá do Pará e não estão aqui na verdade esse índice talvez melhorasse um pouco aí ele me disse que as revistas que vocês analisam aí ele me citou algumas e eu falei, pô mas é justamente essas aqui que eu não vou entrar nunca e aí que eu

te falo a gente acaba procurando às vezes outras áreas de publicação porque a gente tem maior visibilidade lá e tem aceites lá, né às vezes a mesma pesquisa você submete numa Compós você não consegue, aí submete numa revista conceituada da área multidisciplinar, você é aceita.

Alanna

[00:18:34] então...

Rita

[00:18:36] eu acho que poderia ser melhor essas esse desnível talvez pudesse ser até um pouco melhor ali em termos de resultados ali pro nosso programa mas eu notei que tem essa questão, né que aí o Guilherme falou que ia analisar tal, né, não sei como é que vai ser, mas esse é um problema da área, sabe e talvez até mascara outros colegas que estão fazendo também, como o professor Márcio Carneiro, o Márcio é uma referência nossa, né também, toda a pesquisa dele, ele disserta sobre algo que ele fez, né e o Márcio também, né, a gente chora junto

Alanna

[00:19:23] É, de fato o Guilherme comentou conosco sobre as suas observações do OPAJor, aproveito pra elencar também com uma pergunta, o nosso processo ele é muito ainda manual, né então veja, hoje nós estamos em duas bolsistas do projeto, eu sou uma delas, e a gente ainda visita, programa por programa, revista por revista edição por edição, então ainda é muito manual você tinha comentado essa questão da estrutura, né, da falta de estrutura, então eu digo que talvez da nossa parte também falta estrutura pra trazer uma pesquisa mais completa, o que você poderia me dizer um pouco mais sobre isso, talvez essa dificuldade da falta de estrutura na pesquisa aplicada

Rita

[00:20:06] Olha, eu vou te falar que, é talvez, eu não sei se vocês tem no grupo, alguns alunos da computação porque hoje tá, a gente já tem mecanismos tá, pra trabalhar grandes massas de conteúdo, né é, mas é eu não conseguiria né,

porque aí já entra na computação assim, mas a gente tá vendo esses avanços com a inteligência artificial e por exemplo eu até tive contato com um projeto que analisa as patentes nacionais e internacionais tá e é uma base americana que contém toda essa base de patentes então tudo que é inovação na área vai pra esse pra esse órgão internacional e esses dados são públicos e aí eu tenho um colega que eu até tô ministrando uma disciplina com ele, ele é da área da computação né, eu não tô ministrando essa disciplina no JOR, eu tô ministrando em outro programa que eu tô começando a entrar justamente por esses problemas assim na área, tá que é no programa de pós-graduação em engenharia e gestão do conhecimento, que foi aonde eu fiz meu doutorado então eu tô lá agora como colaboradora e peguei uma disciplina pra ensinar as técnicas de análise de redes sociais e chamei o professor Alex porque ele é um especialista em IA nessa área também e ele me mostrou alguns trabalhos assim que são muito legais que aí dão essa estrutura que você tá falando que aí eu tenho que garimpar a cada, né então eles fizeram esse trabalho super monstruoso assim pegando todas essas bases todos esses todas essas descrições das patentes pra justamente mostrar fazer uma análise qualitativa claro que nesse contexto das patentes né, mas que áreas elas estão aonde elas estão números então tem o quantitativo também né e isso tudo tem inteligência artificial rodando né então o que eu te falo talvez né, falaria pro Guilherme também é começar a se aproximar de outras áreas da área da computação, ter um bolsista que domine isso pra ajudar porque fazer manualmente realmente é brabo então assim já elencar bases que tenham esses trabalhos de forma pública a gente tem né com Pós é tudo público né sim é deixa eu ver eu até tava me mexendo num programa eu posso até te compartilhar aqui deixa eu ver se se eu tenho se eu tô com ele aqui aberto mas depois eu te compartilho é que ele deixa eu ver se é esse aqui não, tava até até passei por uma uma aluna minha eu tô com tanta coisa aberta aqui que eu não vou me achar mas eu te compartilho depois que ele faz essa revisão sistemática digamos em várias bases é uma inteligência artificial você entrega pra ele tudo que você tá coletando e ele te traz faz análises ali né monta textos sobre aquele você faz perguntas sobre todo esse material que você tá oferecendo pra ele

Alanna

[00:24:14] então assim...

Rita

[00:24:16] eu acho que hoje já tem condições de, de ajudar vocês nisso sabe e fazer gráficos essas coisas todas mas precisa que eu te falei né a gente vai até um certo ponto e aí depois aí teria que ter ajuda aí dos colegas da computação

Alanna

[00:24:36] A senhora acha que a questão financeira também é uma dificuldade expressiva na área?

Rita

[00:24:45] depende, claro que eu graças assim encontrei o professor Marcos no meu caminho, até ele tava numa Intercom lá em Belém do Pará lá que a gente começou a conversar mas a gente tem por exemplo essa dificuldade no nosso programa de ter um bolsista pra manter a nossa a nossa divulgação científica pra sociedade né, a gente não tem mais pernas pra fazer isso e aí a gente conseguiu através dos projetos de extensão da graduação a gente conseguiu bolsistas lá na graduação pra nos ajudar, então claro esse bolsista tá sendo pago né, pela instituição é um valor pequeno mas pelo menos a gente conseguiu ali um bolsista cada semestre a gente vem conseguindo mas se não tem a gente não dá conta eu imagino vocês também numa estrutura dessa vai ter que correr atrás desses fomentos pra dispor não só de recurso humano, mas equipamento também provavelmente vocês usam os equipamentos de vocês então isso tudo isso é estrutura então mas eu acho que o Guilherme é um menino muito articulado então eu acho que isso já deve tá na previsão dele participar desses editais CNPq, CAPES pra ajudar

Alanna

[00:26:20] sim, com certeza. Falando um pouquinho também de uma das hipóteses professora, que eu tô trabalhando na pesquisa é sobre a falta de professores que tem experiência com pesquisa aplicada para que os alunos vão até eles então isso corrobora com algumas das entrevistas que eu já fiz alguns

professores já comentaram que por termos poucos especialistas na área de pesquisa aplicada os alunos não vão atrás da pesquisa aplicada, a senhora concorda?

Rita

[00:26:49] olha eu acho que assim na minha experiência tá até na graduação e na pós-graduação também então quando eu entrei aqui no jornalismo claro que eu entrei nessa parte prática tanto pra fazer sites trabalhar com jornalismo online inclusive a parte da mídia impressa também quando era eu sempre ouvia muito dos meus colegas falarem assim que essa parte não seria com eles que essa parte, tipo assim, não o aluno corre atrás e vai se ambientar e vai eu sempre fiquei com essa com esse sinalzinho de interrogação porque nas aulas eu sempre via muita dificuldade dos alunos a descobrir coisas por si, entendeu mas quando eu já levava alguma coisa pronta olha, é assim que se faz nossa os resultados eram muito bons então eu acho que tem um pouco da dificuldade do professor também de lidar com essas tecnologias talvez a gente devesse ou tivesse que ter um suporte pra isso também até pra professores de lidar com essas outras ferramentas e a tecnologia evolui muito rápido mesmo a gente tem que estar sempre eu sempre falo que é uma ansiedade isso porque a gente não para... [Há uma interrupção de conexão neste momento] A gravação novamente, aí, prontinho. Onde é que eu estava? Onde é que eu parei?

Alanna

[00:30:11] Você estava comentando sobre como as tecnologias mudam de forma muito rápida, né? E aí os professores talvez tenham que correr atrás disso. É, exato, né?

Rita

[00:30:30] E isso, claro que, isso denota tempo, né? É disposição, às vezes a gente, a vida de professor é muito corrida, né? A gente, é muita coisa acontecendo no mesmo tempo, né? Atividades de pesquisa, de ensino, de extensão, administrativas. E isso, às vezes, faz mesmo, né? Que o professor não tem aquele tempo, né? Aquela disposição para fazer cursos, para, né? A gente até tem uma

época de capacitação, né? Mas eu vou te confessar que eu nunca tirei esse momento, porque eu nunca tenho. Eu acho que o, assim, os colegas, né, sentem essa dificuldade também, né? Com certeza. Mas eu acho, assim, ó, que se você colocar condições para o aluno, ele voa. Sim. Entendeu? Eu tenho, eu não consigo, assim, eu vejo, eu vejo as dificuldades que eles têm, né? De entender uma tecnologia, às vezes não tem nem equipamento adequado. E quando você apresenta as possibilidades, eu vejo, assim, eu gosto muito dos resultados, sabe? Então, eu não sei, eu ainda acho que, talvez, até tem alunos que têm mais interesse, talvez, em ir atrás ou condições, mas a grande maioria, eu acho que tem uma dificuldade nisso, né? E se você aprende. Apresentar um cenário, né, melhor, né, ensinando a fazer o básico, sabe? Eu acho que aí ele vai, sabe? Por experiência mesmo de sala de aula, eu tenho a impressão de que é assim, não dá para deixar, olha, tecnologia é por tua conta, entendeu? Eles não sentem tanta dificuldade quanto a gente sente, eu acho. Então, eu acredito muito, assim. É, eu não consegui fazer isso, aliás, eu até tentei, eu tinha um laboratório que se chama, não laboratório, ele não existe fisicamente, né, que era o Lab Projor. Então, no Lab Projor, na época do Tablets, eu conseguia fazer isso, eu criava projetos de extensão, sem grana nenhuma, sem verba nenhuma, e aí eu montava grupos, tipo assim, olha, quem quer aprender? Fazer aplicativo para Tablets. Cara, sempre tinha aluno que vinha para o laboratório para aprender, simplesmente para aprender, entendeu? Então, eu acho que pode ser uma boa, assim, fazer esses workshops, oficinas de tempos em tempos, sabe? Mostrar essas coisas, o básico, pelo menos, para ele se encorajar e tentar entender, pá, que legal essa tecnologia, né? Posso aplicar? Posso aplicar aqui no jornalismo, posso aplicar na área que eu gosto, né? Então, assim, talvez falte um pouco de incentivo nessas coisas, né, nessas áreas.

Alanna

[00:33:52] Professora, e falando um pouquinho na questão mercadológica, a pesquisa aplicada, ela precisa se voltar, né, muitas vezes para o mercado. Qual que é a postura do programa aí da UFSC com relação a isso? Eu percebo que alguns programas se põem um pouco mais avesso, olham com maus olhos essa

relação. Entre empresas, o privado e o público, né? Como que a Federal de Santa Catarina se posiciona aí no programa com relação a isso?

Rita

[00:34:18] Olha, eu acho que a gente caminha um pouco, assim, tem também essa mesma percepção que a tua, assim, sabe? De, talvez não, a gente analisa o mercado, mas a gente não, não propõe, propõe coisas para o mercado até melhorar os seus processos e, porque eu vejo como é uma cadeia, uma rede, entendeu? Por isso que eu falo assim, que eu acho que a gente vai até um certo ponto de analisar, mas a gente não propõe nada. Então, o mercado não nos procura, entendeu? E isso é algo que em outros países não é assim. O mercado vai até a universidade, propõe projetos em conjunto, mas para quê? Para que o próprio, para que a academia possa resolver os problemas, né? Isso sim, isso é o, eu acho que fecha esse círculo da inovação, né? Mas a gente não, não consegue, né? A gente vai, a gente analisa, né? A gente analisa, critica. Aponta problemas, mas a gente não, né? Eu tento, às vezes, resolver isso com os meus alunos, quando eles me procuram para orientar, né? Então, eu sempre falo, você está afim de fazer pesquisa aplicada? Vamos pensar um pouco mais? Vamos pensar além, né? Então, eu sempre incentivo que ele faça alguma coisa de tudo, de toda a pesquisa que ele fez, entendeu? Não é possível que ela não tenha uma visão ou uma prospecção de algo que possa melhorar ou que possa impactar naquilo que já está hoje, né? E tem, sempre tem, sempre o aluno consegue, sabe? Depois de ficar estudando anos e anos, né? Uma determinada situação, um problema ou área, né? Então, eu acho que, assim, eu vejo com bons olhos essa aproximação com o mercado. Ainda é muito tímida, quase inexistente, né? Mas, eu acho que é essa dificuldade um pouco, sabe? Da gente, talvez, ter eventos que possam chamar a atenção do mercado, né? Vejo mais ou menos assim. A gente está, talvez, esteja precisando melhorar, sabe? Esses processos e até quem sabe, conseguir parcerias de fomento das empresas, né? Não só ficar só na academia para participar, que é difícil, que é competitivo demais, né? É difícil você conseguir. Eu consegui, eu acho que, um fomento para desenvolver um jogo, né? Inclusive, eu acho que esse jogo, não sei se está lá no Opajor, mas foi, essencialmente, pesquisa aplicada. Jogo sério, jogo que trabalha a temática da Agenda 2030.

Alanna

[00:37:50] Ah, foi o que a senhora apresentou ano passado em Brasília, né?

Rita

[00:37:53] Foi, eu acho que o único projeto meu, assim, de pesquisa que eu consegui uma verba de fomento para desenvolver. Isso me possibilitou criar uma equipe específica, né? Para desenvolver, isso me deu estrutura. Aí é outra coisa, né? Aí é, passei um ano desenvolvendo, sabe? Então, aí que a gente vê, né? Sem estrutura é complicado, né? Eu teria um outro jogo também, que nós fizemos um demo, que é sobre colocar o jornalista no ambiente de campos, campo de refugiados e imigrantes. Para o aluno, é como se fosse o estudante aprendendo ali na prática a lidar com as situações. Nós fizemos um demo, né? E esse eu estou tentando com a Universidade de Dortmund, que tem a expertise, né? Da pesquisa sobre jornalismo e coberturas jornalísticas em campos de refugiados, né? Mas a gente conseguiu ir só até o demo, né? Não deu para desenvolver realmente o jogo. A ideia está aí, o problema está aí, falta estrutura.

Alanna

[00:39:10] Sim, sim. E professora, para finalizar então, falando aí novamente da tua experiência pessoal com a pesquisa aplicada, você acha que é um tipo de pesquisa que pode oferecer essas respostas que o jornalismo está precisando?

Rita

[00:39:25] Olha, tem tantas coisas que o jornalismo está precisando, mas eu acho que a gente tem que ficar, né? Muito atento a isso. A gente tem que pensar, como eu te falei, a inovação ela não vem sozinha, entendeu? A gente precisa, é uma série de atividades, né? Que fazem com que a gente possa gerar inovação numa área. A começar pelo problema, entendeu? Então, assim, a gente já falou de várias condicionantes, assim, que são, que dificultam esse processo como um todo, né? Então, eu gostaria muito que a gente conseguisse mais projetos de pesquisa aplicada, né? Na pós-graduação, que é onde o aluno tem mais tempo para se aprofundar em determinado área, problema, né? E pensar, né? Algo que possa

ajudar o próprio jornalismo, né? Então, assim, tem muita coisa, eu acho, que dá para a gente. Hoje a gente tem a inteligência artificial, né? Que é mais vista como algo, talvez, de problema para o jornalismo do que de uma oportunidade. Eu já vejo como uma oportunidade, né? Eu acho que a gente tem que se apropriar da tecnologia, né? Para nos ajudar a melhorar como área, né? De conhecimento. E não ficar com medo da tecnologia, né? Mas sugar o que ela tem de melhor para nos ajudar, né? Então, se o problema é fake news, vamos tentar olhar. A gente já sabe que tem fake news, entendeu? Vamos tentar melhorar os nossos processos, vamos tentar melhorar a forma de empacotamento da informação. Vamos tentar criar mecanismos nas próprias mídias que possam fazer essa separação, né? Do que é fake news. Vamos ensinar os nossos alunos a identificar isso, né? A se posicionar. Então, eu acho, assim, que falta um pouco da nossa área a entender, né? A entender um pouco do que a pesquisa aplicada pode nos ajudar como área, né? Falta incentivo, talvez, né? Para outros professores, né? De estruturas, como você falou, né? Acho que isso tudo são pedrinhas no caminho, né? Eu sempre falo assim, ó, aqui para o Márcio, né? A gente está é como se fosse formiguinhas, né? A gente vai indo aos pouquinhos, mostra aqui, mostra ali algumas coisas, né? Um dia a gente chega lá, né? Um dia a gente chega, né? Então, eu acho que é importante dar essa visibilidade, né? Quando o Guilherme lançou o Opajor, eu falei, pô, que legal, né? Porque é mais um mecanismo que vai mostrar o que a gente tem, os problemas também que a gente enfrenta. E que bom, né? Que vocês estão aí, que, né? Mantenham o projeto aí por muito tempo.

Alanna

[00:42:57] Amém, amém. Professora, muitíssimo obrigada. Foi uma aula, acho que corroborou muito aí com o que eu já ouvi, né? A professora Raquel, também já conversei com ela. Ela também ilustrou bastante aí sobre o programa. Muito obrigada pelo teu tempo, pela tua disponibilidade. Agradeço muito todas as informações. Com certeza vou levar para o Guilherme também todas as sugestões. E a gente vai aí levando uma pedrinha por vez. E a gente vai fazer a pesquisa aplicada seguir cada vez mais forte.

Rita

[00:43:25] Tá bom, querida.

Alanna

[00:43:27] Eu agradeço a oportunidade aí, tá? Obrigada mesmo. Excelente resto de semana. Até. Tchau, tchau.

APÊNDICE F – Entrevista com a professora Paula Paes (UFPB)**Alanna**

[00:00:00] Bom, professora, muito obrigada por ter aceitado participar desse papo comigo. Confesso pra você que tá sendo um pouquinho desafiador encontrar duas professoras que topem falar comigo lá na Paraíba. Eu falo de Ponta Grossa, eu tô no Paraná, eu sou estudante de jornalismo da Uninter. Eu já morei aí.

Paula

[00:00:19] Eu já morei aí. É.

Alanna

[00:00:20] Então, eu moro aqui já faz uns 10 aninhos, já que eu moro aqui. E aqui não é PG, é jornalismo integral, né? Então, infelizmente, como eu tenho que trabalhar, eu não consegui fazer aqui não é PG. Mas, enfim, tô indo aí pro meu último ano de curso na Uninter. E o meu TCC eu tô desenvolvendo em pesquisa aplicada, porque eu sou bolsista de um projeto da Universidade da Uninter. Inclusive, nós desenvolvemos o OPAJOR, que é o Observatório da Pesquisa Aplicada em Jornalismo no Brasil, né? E aí eu quis me aprofundar um pouquinho mais nos programas de pós-graduação em jornalismo. Que a gente tem no Brasil e entender qual tipo de desenvolvimento de pesquisa aplicada que a gente tem dentro desses três programas, né? Eu já conversei com duas professoras aqui da UEPG, conversei também com duas professoras da Federal de Santa Catarina. E agora, pra finalizar, tô em busca aí de duas professoras da Universidade Federal da Paraíba. Então, a ideia, eu tenho seis perguntinhas aqui, tá? Você pode me responder o quanto você quiser, tá? É mais pra gente entender qual que é o tipo de desenvolvimento. Que a gente encontra aí na Paraíba. E tudo que eu comentar com você, professora, é sobre pesquisa aplicada em jornalismo, tá? Nesse primeiro momento, eu tô investigando os programas de jornalismo. Talvez um dia a gente fale de comunicação, mas por enquanto eu tô falando de jornalismo, tá bom?

Paula

[00:01:42] Isso aí.

Alanna

[00:01:43] Então, vamos lá. Então, a primeira pergunta que eu queria fazer pra você, como profissional, como professora da área, como que você vê o desenvolvimento de pesquisa aplicada hoje no Brasil?

Paula

[00:01:55] Olha, é.... Eu confesso que eu fiquei pensando, né? Nessa entrevista, assim, que que eu iria falar, porque eu não, eu acho, e aí até a sua pesquisa talvez eu chegue nesse resultado, melhor do que eu, que não tem, assim, editais voltados pra começar pra jornalismo, né? Assim, pra ciências humanas, né? Sociais, né? Quiçá pra jornalismo, né? Então, por exemplo, eu desenvolvo atualmente um projeto, é financiado, mas que não contemplava jornalismo, né? Então, assim, mas eu consegui financiamento e aí eu acabo desenvolvendo da minha forma, né? É, tentando dialogar com o que o edital pedia, né? Então, assim, como que eu vejo? Eu acho que, é, eu acredito que seja algo ainda em desenvolvimento, né? Até essa noção de jornalismo aplicado, enfim, pesquisa em jornalismo aplicado, na maioria dos programas também, eles são acadêmicos, né? Que eu saiba, então eu acho que a gente tem o profissional aqui e tem o do Maranhão, né?

Alanna

[00:03:07] É, o do Maranhão é comunicação, ele não chega a ser jornalismo.

Paula

[00:03:10] Ah, tá, então não é jornalismo, tá. É, mas mesmo aqui, a gente divide em dois. É, tem as dissertações, que aí é como acadêmico, e tem as pessoas que operam pra fazer o produto. Aí, né, talvez, que a gente entenda, área que é profissional. Que esses produtos vão dialogar com o que você está falando, com o que você entende como jornalismo aplicado, com pesquisa em jornalismo aplicado. Então, eu acho que é isso. Não é uma prática muito comum na academia, mas tem se falado. Há uma emergência dessa temática. Em outras áreas também. Muita gente falando de produtos, dos doutorados mesmo trazerem produtos, não só o

texto acadêmico, o sinal de processos de pesquisa. Eu acho que é isso. Existe uma dificuldade digitais. E também acredito eu que é uma área que está crescendo agora, as discussões teóricas. Então, acho que nesse momento, a área, os professores, até os debates, que tem muito debate no topo do ensino, é uma área que está se consolidando na pesquisa. Então, talvez por isso também. Mas, assim, tem gente que faz. Por exemplo, acho que na Uni, não sei se é na de Pelotas, eu posso até olhar para você aqui agora, tem um mestrado, vou olhar aqui para você rapidinho, que eles desenvolveram, por exemplo, eu sei de uma menina que ela desenvolveu um aplicativo, que ela desenvolveu um aplicativo, de curadoria de informação. Durante o mestrado, ela desenvolveu esse aplicativo. Deixa eu ver qual que é. Então, eu acredito que essa também seja uma, uma, eu não achei aqui agora, mas eu posso te mandar, eu tenho salvo aqui em algum lugar. Mas assim, a gente vê aqui, a colar, né, a colar, por exemplo, né, o SBPJOR, ele tem uma premiação agora, né, para pesquisa aplicada, né. Eu acredito que seja uma coisa nova, acho que tem os prêmios antes, esse vem depois, isso eu não tenho como confirmar, mas acredito que sim. Então, acho que é isso. Vamos continuar me perguntando mais e eu vou desenvolvendo.

Alanna

[00:05:44] Inclusive, o prêmio do Adelmo Genro Filho do SBPJ foi para o Opajor, desse ano. Exatamente. A gente ficou bem feliz aí com esse reconhecimento. Então, professor, eu queria entender, tanto a UEPG quanto a UFSC, que elas oferecem o mestrado acadêmico em jornalismo, né, e a Federal da Paraíba é a única que a gente tem hoje no Brasil que oferece o profissional. Então, como que funciona essa dinâmica dentro do programa? Você está sabendo de algum tipo de grupo de pesquisa ou de publicação que está em andamento aí de pesquisa aplicada? Você acha que o fato de ter que desenvolver um produto acaba corroborando com a maior produção de pesquisa aplicada ou não?

Paula

[00:06:28] Ah, acredito que sim. Acredito que há um interesse de alunos que vem para o nosso mestrado querendo desenvolver principalmente aplicativos, sabe assim, a gente vê que tem uma coisa que dialoga aí com a sociedade em geral,

com nossos usos, consumo de notícias, como a gente consome hoje. Então, eu sei de alunos que desenvolveram aplicativos para, por exemplo, ajudar usuários de ex-dependentes de drogas. Então, aí criou e a gente fez uma espécie de convênio com um laboratório que desenvolve aqui na Federal, chamado LAVID. E desenvolveu um aplicativo e tal. Não sei se está ainda em andamento, mas ela conseguiu, o aluno conseguiu botar em prática esse projeto. Tem também uma menina que criou uma rádio web, que funciona até hoje. E agora eu sei, peguei uma turma de agora, tem dois, três alunos que querem fazer um, fazer um podcast. O outro também é um aplicativo para desinformação, ajudar no combate à desinformação na Paraíba, para alunos. Aí ela escolheu o nicho. Então, alunos não no ensino superior, nas escolas. Enfim, eu acredito que há uma demanda, tem alunos que querem, não são a maioria, eu tenho que dizer isso, são a maioria. Mas assim, eles também desenvolvem o produto um trabalho, uma monografia, uma dissertação também, não é só para fazer produto. Tem que ter um debate teórico sobre o que eles querem desenvolver, enfim. Então, com certeza, a partir do momento que a gente vê esses produtos sendo feitos, acho que isso só aumenta, enfim, as investigações sobre o tema. Agora assim, você perguntou se tem alguma coisa aberta sobre editais, você fala de?

Alanna

[00:08:32] Eu digo mesmo dentro do programa, se você sabe de algum grupo de pesquisa, ou de no momento algum aluno está desenvolvendo alguma pesquisa aplicada.

Paula

[00:08:41] Então, tem o JAE, que é Jornalismo Audiovisual Expandido, J-A-E, é, que eu acredito que lá eles estejam desenvolvendo, assim, porque pelas orientações dos alunos que eu vejo hoje, imaginei que alguns professores estão, né, talvez lá eles estejam desenvolvendo, sim. Tem duas professoras que são as coordenadoras e a vice, deve ser elas que você está contactando, né, não sei. Como é o nome dela? É, é a Patrícia e a Fabiana.

Alanna

[00:09:14] Então, a Patrícia eu entrei em contato com ela, mas ela não me retornou, tanto via e-mail quanto via WhatsApp, e a Fabiana também entrei em contato com ela, ela também não me retornou. Quem me passou alguns contatos foi a Zulmira mesmo, ela me passou alguns contatos, mas eu entendo que tem muita gente que está no evento da SBPJor agora essa semana, né, então está sem tempo. Tem isso, mas tem também uma coisa, a gente está no recesso agora.

Paula

[00:09:36] Tem isso, mas tem também uma coisa, a gente está no recesso agora. Ah! Então, pode ser por isso, então espera mais um pouquinho, aí dia 25 volta.

Alanna

[00:09:44] entendi, entendi. Até lá eu já vou ter que ter empregue já o TCC, mas tudo bem, a gente dá um jeito, não tem problema.

Paula

[00:09:53] Mas tem, assim, agora não tem um grupo específico para, a gente tem um grupo de pesquisa para quem vai desenvolver produtos, não, e como os alunos, cada professor pega um aluno de acordo com a temática, então não tem uma coisa específica, né, eu estou num grupo de pesquisa que é teoria, mas se o aluno desenvolver uma temática que eu consiga orientá-lo, eu vou pegar, então não tem essa divisão, não.

Alanna

[00:10:14] Agora, professora, falando um pouquinho das dificuldades em fazer pesquisa aplicada, na verdade o título do meu TCC é isso, as dificuldades de fazer pesquisa aplicada segundo os professores, quando a gente estratifica os dados da Federal da Paraíba e a gente transforma isso em porcentagem, a gente percebe que de todas as dissertações que temos disponíveis lá no site do programa de vocês, apenas 8% a gente considera, né, tá ali catalogado no OPAJOR como pesquisa aplicada, né. Então, quais seriam os principais motivos, na sua opinião, da gente ter só 8% ainda de pesquisa aplicada vindo de um programa de mestrado profissional em jornalismo?

Paula

[00:10:59] Tem duas coisas, uma coisa que eu queria falar é, o site não está totalmente atualizado, mas tudo bem, você pode colocar isso, parece que as 23 não estão lá, mas de toda forma, a gente sabe que é menor, essa informação é correta. A gente tem mais dissertações do que produtos, né. Eu acho que a principal dificuldade aí falando do nosso programa é a viabilidade, como manter esse produto, né. Teve uma aluna, por exemplo, que ela fez um Mesacast e acabou que, no final das contas, ela fez com o dinheiro que ela tinha. Ela era jornalista, ela investiu na feitura, enfim, desse Mesacast. Era um tema muito pro esporte regional daqui que aqui tem um time de basquete famoso, em Capina Grande e tal. Então, assim, tinha uma demanda ali, um interesse social que tem crescido, enfim, por esse esporte aqui na região e tudo, né. Tem interesse público, porém, ela realmente não conseguiu. Então, eu lembro que na banca que eu participei, eu cheguei a perguntar e aí, como vai manter isso? E a resposta foi desesperançosa nesse sentido. Então, acho que a grande dificuldade é a viabilidade mesmo. Porque a gente precisa sair um pouco do jornalismo, né. A gente precisa enfrentar com a galera da computação, ou com o design, ou galera das ciências de dados também, enfim, a gente tem que sair um pouco da área do jornalismo. E isso acaba sendo difícil, às vezes. Até que aqui a gente tem, igual eu falei, tem o LAVID, que desenvolve muita coisa. A gente fez parceria já com eles lá, o programa já fez. Mas aí, depois, como manter esse produto? Então, assim, a web rádio, ela está no ar, porque teoricamente é mais fácil, né. Você tem um site ali, YouTube, mas esse programa, fazer Mesacast, que tem um estúdio, precisa de microfone, câmera, não sei o que, acredito que não tem ido pra frente. Então, acho que é isso. Financiamento, é a viabilidade mesmo de botar no ar. E em tão pouco tempo, porque se pensar em um produto em dois anos, e depois conseguir corrigir justamente, ver a audiência que você tem, tentar corrigir isso aí, o que você está oferecendo, quem está disposto até mesmo a financiar, é difícil, né. E também se pensa pouco em outras formas de financiamento, qual é o crowdfunding, a gente vê poucos alunos mobilizando isso também. Então, a gente tem uma certa dificuldade de imaginar modelos de negócios, sabe, apesar de ter tanto potencial

na web, assim, a gente vê. Mas a gente vê, talvez, os alunos não pensando muito nisso.

Alanna

[00:13:47] De como manter aquilo ali, né. Sim. Eu acho que isso corrompeu bastante com o que eu já ouvi, as hipóteses do meu trabalho, é sem dúvida a questão financeira, essa questão também de recursos humanos, a gente percebe que a pesquisa aplicada exige um grupo multidisciplinar enorme, né, e às vezes a gente não tem essa sinergia entre os programas, né, isso é bem complexo. Mas, uma outra coisa que eu queria perguntar pra você, você acha que a questão do conhecimento do pesquisador influencia? Porque veja, hoje eu tenho a Rita Paulino, que é uma pesquisadora bem expoente na pesquisa aplicada, e a gente tem uma concentração bem grande de pesquisa aplicada na Federal de Santa Catarina. Você acha que a questão do conhecimento do pesquisador está nesse programa, atrai o aluno? Como que você acha?

Paula

[00:14:32] Sim, com certeza, porque, se não me engano, eu não estou decorrendo o currículo dela, mas se não me engano, ela tem uma formação em engenharia? Então, então, acho que já disse tudo, né, ela já flerta com outras disciplinas, ela já encara os objetos de uma maneira diferente, na via, por exemplo, de alguns professores daqui. Então, eu acredito que sim, eu acho que o conhecimento do pesquisador, ele não é, ele pode ser um atrativo, mas ele também não quer dizer que ele impede. Sim. Porque, como eu falei, eu posso estabelecer parcerias, né, que foi o caso, né. Por exemplo, voltando mais na questão de viabilidade, ó, recentemente, a partir de um edital aqui da prefeitura, de uma pessoa, a gente, a gente que eu estou falando, tá, são professores, não necessariamente eu envolvida, né. Uma professora, um grupo de professores se uniram com a ciência da computação, fazendo junto, e eles criaram o Alumi, que é uma rede de fact-checking pra combater a desinformação e tal. Mas aí, todos juntos dentro de um edital, específico com dinheiro, né. Então, juntou o RP, jornalismo, comunicação, é, a galera da tecnologia, a gente fez uma parceria lá, pra eles criarem um algoritmo pra fazer a varredura nas redes, baixar as informações.

Então, assim, a coisa que pode acontecer, mas geralmente através do edital que conseguem unir, né. Então, acho que é isso, acho que sim, acho que a formação do professor, né, eu já ia citar ela, né, que eu acho que ela realmente é uma profissional diferente, né, a Rita Paulino, ela tem esse diferencial aí. Isso acaba atraindo, né, quem quer desenvolver um produto acaba, talvez, pensando no programa X, porque tem professora, né. Sim. Mas o que é normal, né, normalmente os alunos também escolhem os programas, escolhem mais professores do que programas, às vezes.

Alanna

[00:16:24] Sim.

Paula

[00:16:25] Sim.

Alanna

[00:16:26] Então. Uma coisa interessante, professora, que eu queria entender é a questão mercadológica. Eu percebi nessas minhas entrevistas que alguns programas têm posicionamentos diferentes com relação a deixar o mercado entrar dentro da universidade. Como que o programa de jornalismo aí da Paraíba vê essa questão mercadológica, criar uma sinergia entre empresa e universidade, como que vocês encaram isso?

Paula

[00:16:53] Olha, eu penso que é difícil falar em nome, assim, do programa, mas é, né, porque, assim, eu confesso que em contato com a coordenadora, com quem eu tenho um diálogo mais direto, eu sei que existe interesse, né, de a gente trazer, privado, da SEBRAE, por exemplo, a gente estava pensando deles instituir um prêmio para pesquisa, porque aí a gente submete quem defendeu daqui do programa o melhor é ganhar um prêmio, aí eles financiam o prêmio, né, coisas do tipo, assim. Então, é uma coisa que a gente pensa, sim, mas eu sei que isso pode, não sei como é que o grupo, como eu falei, o grupo todo, penso, colegiada, todos os professores que foram no programa, mas é uma coisa que a gente tem

pensado, assim, mas tudo através de editais, né, sejam coisas que não interfiram, obviamente, na nossa rotina e nem nos nossos temas. Assim, nos temas que o aluno quer desenvolver, né, aquilo também que a gente pretende avançar, mas, por exemplo, na premiação, ou ajudar em realização de eventos, ou até mesmo financiar através de materiais, né, por exemplo, estudar, às vezes, alguma coisa e fornecer materiais, enfim, a gente pensa nessa, mas é muito difícil, é muito difícil conseguir, eu acho.

Alanna

[00:18:14] Você acha por questões burocráticas ou por falta de interesse do mercado?

Paula

[00:18:23] São os dois, mas acho que parece falta de interesse, assim, não sei, assim, o que é que, né, que de fato eles vão ganhar com isso, assim, talvez seja esse o pensamento, mas pode ser que eu, né, eu nunca entrei em contato, assim, né, de fato, mas, assim, ao mesmo tempo a gente procura também, né, os órgãos públicos, né, como eu falei, né, tem uma agência nova aqui de uma pessoa, né, da prefeitura, né, no estado, que está investindo em inovação, pode ser até interessante para o seu trabalho, chama Inovatec, né, então, você vai ver lá que tem TV digital, tem editado de TV digital, que a gente conseguiu, a professora do nosso programa, Kellyanne, que talvez pode ser interessante você entrevistar ela.

Alanna

[00:19:04] Acho que já peguei o telefone dela, inclusive, ela está na SBPJor, ela pediu para eu entrar em contato com ela na segunda-feira.

Paula

[00:19:11] Exato, então, ela trabalha bem, ela, inclusive, conhece o LAVID, acho que ela vai te ajudar bastante, porque ela tem trabalhado com essa coisa, com essa pegada mais experimental

Alanna

[00:19:20] de fazer e tal, acho que ela vai te ajudar nisso aí. É, porque algumas pessoas torcem um pouco o nariz para a questão da pesquisa aplicada justamente porque talvez uma empresa traga seus problemas para dentro da universidade, a universidade desenvolve um produto e leva uma tentativa de resolução e daí eles, vamos dizer assim, não fica dentro da universidade esse conhecimento, né, ele vai para o mercado, então eu percebo que algumas pessoas podem até torcer o nariz por essa questão, né.

Paula

[00:19:48] Então, é, mas isso aí é uma demanda até aqui dessa agência Nova Tech, isso foi falado para a gente, assim, de que o interesse era financiar esse, essa anomia que eu te falei, né, essa agência dos fact-checking, mas que ela prestasse um serviço para a sociedade, que ela virasse para isso, não ficar uma coisa do departamento de jornalismo, que virasse uma coisa maior e que prestasse um serviço mesmo, uma noção de serviço, né, o que eu acho que já está fazendo, assim.

Alanna

[00:20:16] Bom, professora, então minha última pergunta é o seguinte, novamente falando aí da tua experiência, você acha que a pesquisa aplicada é um tipo de pesquisa que pode oferecer respostas para esse momento do jornalismo? Ó, acredito

Paula

[00:20:30] que sim, é porque são tantas respostas que a gente tem que oferecer, mas acredito que sim. Eu vejo com bons olhos, assim, essa coisa, né, de se imaginar produtos, né, pensar em modelos, de negócio, arranjos econômicos novos, né, eu só acho, assim, realmente difícil fazer isso em dois anos, eu acho isso complicado, tem que ser uma pessoa que já tem uma experiência no jornal muito grande e que já tenha pensado nisso há muitos anos, aí já chega, aí eu acho que consegue sair algo mais de ponto, assim, né, algo que realmente nos ajude a responder algumas questões, né. Mas, de toda forma, eu acho que todo debate, toda discussão, ela passando pela pesquisa aplicada ou não, mas talvez

principalmente pela aplicada, ela levanta questões, sabe assim? Né, então essa pesquisa que depois eu posso te mandar aí do aplicativo, foi justamente, né, a Luna queria justamente criar uma curadoria para informações locais, né, tendo em vista que muitos jornais locais perderam essa referência com o local, né. Vários portais locais, eles estão com notícias sobre o Lula, sobre a eleição dos Estados Unidos, né. Então, assim, entende, isso já é um indício de alguma coisa, isso já levanta um debate sobre alguma coisa, né, agora a dificuldade é realmente manter isso, né. Talvez a gente não pensar necessariamente em produtos, pensar em serviços, eu fico pensando nisso, assim, serviços que ajudem as empresas jornalísticas, aí eu acho que talvez possa ser interessante também, porque às vezes o produto você vai ter que como manter, o serviço você pode oferecer, se você realmente for de ponta, como cientistas de todas as áreas, ele pode interessar, sei lá, no Folha de São Paulo, como conseguir assinantes, ou repensar o Paywall, por exemplo, como ele pode ser aplicado, né. Mas é complicado, assim, porque, né, não sei se você também vai chegar nesse tipo de indicador, né, mas essa coisa das plataformas é muito difícil, a gente perdeu muito lugar, né.

Alanna

[00:22:47] É, o que eu percebo, a gente já investigou algumas das pesquisas que a gente tem cadastrada, catalogada lá no OPAJOR, a maioria não seguiu, são muito embrionárias, né, porque realmente o pesquisador não tem condições financeiras de seguir, e por mais que ele vá para um mestrado, por exemplo, que é o que pode acontecer ali na Federal de Santa Catarina, depois não se mantém, não se sustenta, então, de fato, sair desse embrião e de fato fazer a diferença é muito difícil.

Paula

[00:23:16] É, é. É verdade, e às vezes o que a gente sente falta aqui também é que eu sinto que os alunos vêm com produtos muito, que eu acho muito batido, assim, essa coisa de fazer um podcast, ou então, sabe, assim, porque às vezes falam que existe uma atraso da universidade, mas a própria demanda dos alunos que vêm do mercado às vezes não está acompanhando também, né. Então, talvez, aí entra aí a questão da formação, né, porque não tem formação, não

conseguem talvez desenvolver algo, a questão de algoritmo, né, porque realmente a gente não tem uma formação que permita isso, né, lidar com essas outras ciências aí, né, da computação, da tecnologia, né. Mas, assim, mas eu acho que, né, tá, existe, né, existe até um prêmio, existe uma, existem formas institucionalizadas de reconhecer essa pesquisa aplicada, mas acredito que, né, é emergente, assim, uma coisa que tá, né, em ascendência, talvez, não sei, se tá aumentando.

Alanna

[00:24:19] A gente tem um relatório, a gente faz o levantamento desde 2010 da pesquisa aplicada. Em 2010 a gente teve dois trabalhos, né, e agora em 2023 a gente contou 31 trabalhos no ano, né, então sim, tá subindo. A gente teve uma queda ali no governo passado, onde realmente a gente não teve fomento pra nenhum tipo de pesquisa, né, então de fato caiu, mas agora já tá se restabelecendo novamente, então a gente também acredita que é um tipo de pesquisa que tá em ascendência, e espero que o meu trabalho também colabore aí pra colocar esse, essa temática em voga.

Paula

[00:25:00] Exato, é que tipo de conhecimento e serviço, por exemplo, a universidade poderia oferecer, sei lá, falando de Londrina, sei lá, pra qualquer jornal, né, eu acho que tem vários, inclusive todos os dados produzidos na universidade, se alguém conseguisse compilar, fizesse numa plataforma bonitinha que fosse formalizada, seria fonte pra os jornais locais, do mínimo, né, podendo até servir pra outros jornais, enfim.

Alanna

[00:25:25] Tem bastante opção. Professora, era isso, muitíssimo obrigado pelo seu tempo, pela sua atenção, pelas suas respostas, vai ajudar muito, espero conseguir falar então a partir de segunda-feira com a Kellyanne, né?

Paula

[00:25:38] Kelliane Alves, porque ela é bem da, ela já participou do LAVID, né, que é esse laboratório, então acho que ela já desenvolveu e ela tá com o edital, esse edital que eu te falei, de Nova Tech, de TV digital. Legal, perfeito, tá, espero conseguir falar. E aí, provavelmente ela tá trabalhando com alunos que desenvolvam com a ciência da computação, sabe, com mídias digitais, eu sei que ela tá, então ela saiu um pouco também do jornalismo, ela se alerta com outras, né.

Alanna

[00:26:03] Sim, legal. Mas muitíssimo obrigado, professora Paula, obrigada mesmo, excelente fim de semana aí, obrigada mesmo. Até, tchau, tchau. Boa sorte. Obrigada.

Paula

[00:26:13] Quero ver o trabalho.

Alanna

[00:26:14] Tá bom, pode deixar. Obrigada, tchau, tchau. Tchau.

APÊNDICE G – Entrevista com a professora Kellyanne Alves (UFPB)**Kellyanne**

[00:00:02] E eu sou recém-credenciada ao programa. É, os seis eu me credenciei, que eles abriram o credenciamento, porque eu estou como professora agora efetiva da UFPB. Primeiro eu fui substituta, depois fui para a UFPB, agora vai fazer dois anos que eu estou no Departamento de Comunicação, onde eu dou aula na graduação de Rádio e TV, posso dar aula em Cinema e Audiovisual e também em RP. Mas aí eu sou credenciada, que é o mesmo centro, que é o CCTA, que é o Departamento de Jornalismo, que é o Programa de Pós-Graduação de Jornalismo Profissional. E essa é a primeira. É o primeiro semestre que, em março, se eu não me engano, março desse ano, então eu peguei agora, que começa agora o semestre, em agosto, eu estou dando uma disciplina que chama Arquitetura de Produtos Jornalísticos, que é a disciplina que realmente pensa justamente essa questão dessa pesquisa aplicada, né? Junto com o professor Marcelo, a gente está adquirindo essa disciplina, me foi ofertada, porque pelo meu perfil, que eu faço pesquisa aplicada desde a graduação, né? Assim, mas não sempre, nem sempre voltado ao jornalismo. Minha primeira pesquisa foi, sim, ao jornalismo, que foi, eu não sei se você conhece aqui, que existe o LAVID, que é um núcleo de pesquisa.

Alanna

[00:01:41] A professora Paula comentou comigo. A professora Paula chegou a comentar comigo sobre o projeto.

Kellyanne

[00:01:47] É, então desde a minha graduação, eu entrei no LAVID antes mesmo do TCC, no TCC. E no meu TCC, eu fiz um protótipo do Telejornal Futura Interativo. E até o Canal Futura chegou até a gravar, eu lembro umas cabeças, mas acabou pela questão do tempo, do prazo. Não deu para ficar num aplicativo, né? Assim, a própria apresentadora dela fazendo. Mas, eu não sei quem é que está tocando aqui na minha voz, eu tenho que ir lá atender. Tranquilo, tranquilo. Perdão, sem problema. Pronto, voltei. Maravilha.

Alanna

[00:04:29] Não, mas acho que não, é tranquilo professora. As minhas perguntas são bem assim para a gente entender da tua experiência. Com pesquisa aplicada. Que você já comentou comigo, que você tem. E para entender como que talvez o programa visualiza a questão da pesquisa aplicada.

Kellyanne

[00:04:46] O primeiro ponto é a minha experiência, que eu posso falar, era só explicando justamente isso. Mas assim, eu tenho o meu mestrado também foi uma aplicada. Tanto que virou pesquisa financiada pela rede nacional de ensino e pesquisa, que fez um aplicativo, uma ferramenta aqui em 2000. Isso era 2010, que hoje chama j-collab, que era jornalismo colaborativo a partir de uma rede social e através de um estúdio. Antes mesmo não existia esse conceito de estúdio. A gente criou um estúdio, que aí eles faziam o conceito de jornalismo colaborativo, que muito, é caro. A questão da interação, eu fiz o telejornal Futura Interativo junto com a colega Deise Fernanda, que hoje ela está no pós-doc na USP, também fez doutorado na USP e ela é coordenadora da Casper Líbero do curso de jornalismo na Casper Líbero. Então no meu mestrado também que eu fiz em TV digital, é também dessa ferramenta j-collab, eu não sei, mas ela ainda está, que inclusive ela gerou, gerou um registro de software e depois eu fui caminhando para outras coisas, muito de televisão e outros aplicativos. Inclusive atualmente eu estou até com um projeto, eu coordeno um projeto com a Inovatec, a agência de inovação aqui de João Pessoa, a gente está fazendo dois, a gente está fazendo aplicativos para a TV 3.0, que é a televisão que está vindo aí, que ainda está sendo finalizada a escrita da norma e a partir dessa escrita da norma, em 2025 o ministério das comunicações vai chancelar, vai virar norma da ABNT e aí todas as TVs que começarem a serem produzidas no Brasil vão ter que vir esse padrão e a gente já está antes, já fazendo e testando essas funcionalidades interativas para educação, saúde e educação e saúde dentro aqui com a parceria com a TV Cidade também. Só lhe informando um pouquinho, que pesquisa aplicada é fácil, eu comecei no jornalismo, mas assim, eu estou voltando, tenho um orientando meu que é minha linha de pesquisa, lá é com IA, que eu tenho também pesquisado um pouquinho sobre isso e o projeto dele, mas assim, ele entrou agora, daqui a pouco você sabe como o TCC, a gente entra com o projeto, então no projeto dele eu estou

estimulando ele a gente fazer alguma coisa que eu não posso dizer agora mas assim, alguma coisa prática com IA e direitos humanos porque eu tenho também colegas lá do LAVID do área como eu tenho a ver muito com esses colegas que eu sou pesquisadora credenciada do núcleo LAVID no centro de informática então a gente tem essa possibilidade então sim, já antecipando que um dos meus orientandos tenho dois orientados apenas porque só tem seis meses não tem nem seis meses que eu entrei no programa então assim, todos os dois um é com a questão da desinformação e eu estou também instigando ele para a gente fazer alguma coisa que dê assim que é com saúde e desinformação e isso me interessa e o outro é jornalismo e direitos humanos e questão do viés da IA como a gente poderia fazer ferramentas e aí eu estou estimulando eles para fazer mas assim, eles estão pagando disciplina então assim a minha intenção é justamente ver alguns editais que há uma tendência de vir alguns editais aí e a gente possa também porque como a gente está num programa já antecipado para você um programa que é de profissional eles não têm bolsa então a gente tem que buscar financiamento.

Alanna

[00:08:53] Que interessante...

Kellyanne

[00:08:55] Seria junto com as próprias emissoras. As empresas de jornalismo, mas também a gente pode ver alguns. Além de CNPq, CAPES e fundações e agências. Mas também alguns desses editais.

Alanna

[00:09:08] Entendi.

Kellyanne

[00:09:10] Só a introdução.

Alanna

[00:09:12] Sim, sim, obrigada. Falando um pouquinho do contexto brasileiro Professora Como que você vê o desenvolvimento da pesquisa aplicada em jornalismo hoje?

Kellyanne

[00:09:25] Eu, assim, como eu disse a você eu acompanho muito. Não muito perto porque assim, quando eu estou muito voltada agora que eu estou voltando mais para a questão a partir do PPJ. Mas assim, pelo que eu acompanho, eu tenho algumas redes. Como por exemplo a de vocês né? Tem a também a da Rita Paulino, né? E eu acredito assim que tem, tem um professor também, Márcio, eu acho que Márcio Carneiro que ele também participa do fórum da SET. Eu também participo da Sociedade Brasileira de Engenharia e Televisão e assim, eu acredito que tem melhorado bastante tem crescido. Até porque é uma tendência porque é uma tendência? Não é que assim a pesquisa tem que ser aplicada. O que eu digo sempre para os meus alunos: Não existe esse negócio de teoria e prática. Uma coisa leva a outra e é muito interessante a gente perceber que nós, enquanto jornalistas a gente pode também, cada vez mais a partir de toda essa questão do ecossistema midiático digital e todo esse desenvolvimento computacional a gente precisa dessas equipes multidisciplinares né? E aí a gente e para que essas ferramentas que o jornalismo ele é atravessado desde o seu começo com tecnologias né? Desde o seu começo ele é atravessado pelas tecnologias né? E ao mesmo tempo por exemplo, quando você vê se a gente pensar no telejornalismo ele vem a partir da linguagem, do formato né? Ele pega um pouquinho a linguagem do audiovisual, do cinema e vai ali trabalhando para chegar mas aí a gente chega e a gente precisa e pensa eu lembro que na época quando eu estava na redação da TV que eu trabalhei na TV Cabo Branco que é afiliada da Globo aqui a gente usava ferramentas, a gente precisa usar ferramentas né? Como Easy News essa ferramenta de e por que não a gente não só os engenheiros que chegam com soluções e por que não a gente enquanto jornalista que está no dia a dia e isso já na graduação que é o que eu tento muito aqui pensar nessa questão. Como eu não estou dando aula na graduação de jornalismo porque eu sou locada no departamento de comunicação e aqui são departamentos separados mas na pós-graduação de jornalismo eu estimulo isso porque eu já estimulo isso na graduação

de rádio e televisão. Para que ele pense e tem alunos que trabalham com jornalismo também ali, né? Por mais que não é da formação na formação da graduação e a gente tem que buscar inovação e a gente tem que buscar e essa pesquisa aplicada é a busca de solução, né? Então a gente tem um problema, a gente tem que buscar a solução e essa solução quando a gente participa dessa construção eu acredito que principalmente pensando, por exemplo na questão da IA, né? Você vê as vezes eles trazem solução, mas eles não por não conhecerem a questão do jornalismo em si acaba, às vezes vindo, trazendo outros problemas que até o que eu disse na minha palestra que eu dei sobre IA e credibilidade jornalística na SETI que é o maior evento de mídia e entretenimento. E já é a segundo ano que eles trazem essa questão da IA e eu tive a oportunidade de estar nesses dois, né? E nesse último ano eu falei sobre o jornalismo e a questão da credibilidade e como isso, né? Como essas ferramentas elas nos trazem problemas, mas não é que a gente não vai usá-las que é isso que eu estou pensando de fazer com o meu aluno, né? É tentar ver o problema e buscar uma solução. Que a gente possa trazer essas tecnologias como auxílio para que elas possam auxiliar os nossos processos melhorar os nossos processos, mas não descaracterizar o nosso jornalismo.

Alanna

[00:13:35] Sim, com certeza e acho que um dos grandes objetivos da pesquisa aplicada é trazer essas problemáticas e as respostas, né? Então vejo como fundamental. Falando um pouquinho agora, professora quando a gente tem esses três programas no Brasil oferecidos em pós-graduação em jornalismo a gente tem a UEPG e a UFSC que são programas acadêmicos e a gente tem a da Paraíba que é a única profissional. Então pensando nesse destaque da Paraíba, né? De ser profissional de tentar fazer pensar num produto jornalístico a senhora sabe, tem conhecimento de algum grupo de pesquisa que exista aí dentro da Federal que estimule a pesquisa aplicada?

Kellyanne

[00:14:22] Em jornalismo?

Alanna

[00:14:23] Em jornalismo, isso.

Kellyanne

[00:14:26] Não, né? Não assim, tem uma proposta. Foi feito um levantamento, foi feito um dossiê não sei se a Paula falou. A gente está fazendo uma nova, a gente está olhando. Eu entrei no PPJ justamente nesse momento que ele está se autoavaliando, né? E aí nesse olhar inclusive da Zulmira junto com o professor Pedro Nunes e outros fizeram, tem uma comissão em que pensou algumas fragilidades e pensou as potencialidades e o que a gente poderia melhorar dentro da pós, né? Pensando no futuro até mesmo de um doutorado e uma das questões que foram sugeridas é justamente a criação de um laboratório de jornalismo aplicado. De pesquisa aplicada em jornalismo. Dentre os grupos existentes não tem um assim com essa vamos dizer essa tem pesquisa. Não estou querendo dizer inclusive dentro desse dossiê foi visto que grande parte eu só não tenho aqui exatamente, mas eu posso depois dar uma olhada para você procurar, porque tem um percentual, mas de todos os trabalhos finais do programa a maioria é dissertação. E a gente por ser um programa não acadêmico e sim profissional ele tinha que ter mais produtos do que dissertação. Então assim esse olhar para dentro não sei se a Paula antecipou, mas a gente está passando estamos criando comissões né então está sendo avaliado para poder justamente pensar e melhorar o que é que a gente pode melhorar. Porque é que tem tanto né o que é que está precisando melhorar e foi sugerido uma das questões né além disso é um laboratório né, um grupo de pesquisa. Eu participo atualmente do grupo de pesquisa que coordenado pela professora Fabiana que é Jornalismo Audiovisual Expandido mas eu não sei, como eu disse a você né tem também é não sei se tem tanta pesquisa aplicada. Como eu disse a você até o próprio programa em si né eu estou entrando agora então assim por isso que eu fico com muito receio de estar falando muito porque eu estou, eu vou dizer se eu sou novata pode se dizer né mas que a minha intenção é sim porque desde a minha graduação eu posso dizer que pelo meu contato né, por eu ter entrado muito cedo num laboratório de informática e ter um foi meu coorientador sempre. Na graduação e do mestrado também foi o professor Guido Lemos que é da informática então acabei muito ficando nessa né nessa via assim mesmo de pesquisa aplicada. Então eu acredito que isso não sei

quanto tem já tem esse dado que eu estou lhe dizendo que a grande parte eu posso depois procurar saber ou você pode perguntar a Zulmira que ela tem exatamente o número o percentual. Isso é um dado né, isso quer dizer que assim está precisando aplicar mais né. Não são produtos né mas saber que temos são pesquisas mais conceituais né são pesquisas básicas, não é pesquisa aplicada né. A pesquisa aplicada ela te traz solução, ela te traz um produto ela te traz uma proposta uma solução dentro do mercado né dentro daquele escopo que está sendo analisado e pesquisado.

Alanna

[00:18:09] A professora Paula não tinha comentado comigo, só de saber que vocês chegaram nessa conclusão de que algo que falta né é uma excelente notícia excelente notícia tá. Agora olhando um pouquinho para o programa da Universidade da Paraíba o que eu tenho nos dados do OPAJOR que é o Observatório da Pesquisa Aplicada em jornalismo no Brasil eu consultei o site da pós-graduação de vocês e quando a gente transforma isso em porcentagem se eu não me engano, a gente tem cerca de 8% de todas todos os trabalhos publicados resultantes do programa que foi considerado por nós ali uma pesquisa aplicada né. Ela pode ser uma pesquisa bibliográfica, descritiva, ou experimental a gente chegou ali a 8% o que ainda é pouco né se a gente for olhar o panorama geral por ser um programa profissional né e aí a gente está levantando no meu trabalho estou levantando algumas hipóteses para esse número ainda ser baixo né agora eu queria te questionar com relação a isso. O que você acha que é o grande desafio da pesquisa aplicada, quais são os motivos que levam só a esses 8%.

Kellyanne

[00:19:21] Eu acho que o desafio da pesquisa aplicada é porque é necessita muito desse perfil, vamos dizer assim de pessoas que tragam é na sua história vamos dizer assim às vezes até os professores né às vezes não quero... explicar tem pessoas que tem uma larga trajetória e se atenta muito né estimula ou então assim o aluno entra no produto e pode ser que fique mais fácil e é desenvolver não que é mais fácil desenvolver teoria não, de jeito nenhum estou

dizendo assim que trabalhar com tecnologias você vai fazer vai fazer eu fiz no meu mestrado o flow da ferramenta quando terminei meu mestrado abri um edital e aí eu vi o edital então eu escrevi o edital numa rede ensino e pesquisa junto com o LAVID que é um laboratório ou seja precisou também eu estava no laboratório era pesquisadora do laboratório a gente escreveu e ganhou um financiamento. Eu tive uma equipe comigo para além do conteúdo do jornalismo eu tive equipe de desenvolvimento, então assim se eu não tenho uma equipe de desenvolvimento como é que eu vou pensar se for eu estou muito aqui pensando muito na tecnologia acho que você viu minha veia muito mais assim nessa pesquisa mais desenvolvendo aplicativos ferramentas né plataforma então essa j colab era muito além não era um site ela tinha toda uma estrutura por trás é tanto que foi, é teve é um software entendeu que como por exemplo, se for pensar ela tinha ela tinha uma interface que era de rede social e por trás ela tinha ela era uma ferramenta como a gente usa nas redações de estúdio né e que amparava toda a produção de um telejornal e a partir de um workflow que eu mapeei dentro do mestrado que no mestrado eu não tive como desenvolver porque você precisa a gente para além da nossa né, a menos que por exemplo daqui um tempo acredito eu que os próximos futuros né jornalistas já vão vim com um mínimo de programação de conhecimento sobre alguma programação sobre linguagem né, essa linguagem essa nova linguagem aí porque tá estudando desde às vezes já no ensino médio né ali certo e eu falando muito claramente aqui em relação ao que é a questão de desenvolver desenvolvimento de aplicativos né desenvolvimento de ferramentas tecnológicas que nos ajudam a solucionar problemas das nossas rotinas produtivas do jornalismo. Entendeu, tem até um agora que eu estou nessa disciplina que tem uma que não sou eu que estou orientando mas ela vai fazer um aplicativo na área de saúde desinformação então assim nessa seleção eu participei da eu fui da comissão de seleção desses projetos e tiveram é eu vi ainda que tem muito ainda que entra né ele já entra ela né certo você vai desenvolver esse aplicativo como você sabe programar assim né como você vai porque assim você tem uma parceria né porque se o programa não tem um laboratório que tem pessoas que possam né porque

você sabe que pesquisa é você não faz sozinha. Você faz pesquisa aplicada sozinha?

Aalanna

[00:23:33] Não, é quase impossível né. Tem que ter uma equipe multidisciplinar.

Kellyanne

[00:23:39] É isso, pesquisa aplicada requer uma equipe multidisciplinar então por isso que eu acho que a minha vinda né ao PPJ eu é pouco é meu interesse até porque eu gosto muito de fazer isso né e é e aí eu tô tentando fazer essa aproximação também né como ele diz nesse meu orientando né, tentando já perceber já entrar em contato com meus colegas que tem também outros orientando se mestrado em doutorado na informática para que a gente possa por exemplo as duas pesquisam possam caminhar juntas ele faz na parte que é do jornalismo que vai né que requer todo nosso know-how enquanto do jornalista, e eles também e junto se faz essas pesquisas mestrado junto com mestrado né doutorado e assim a gente vai desenvolvendo até mesmo buscando editais de projetos para que essa pesquisa continue, vamos dizer assim nesse ambiente você pode até se descobrir também como um pesquisador né assim como um pesquisador de inovação que vai ajudar nesse contexto né.

Alanna

[00:25:22] Que legal.

Kellyanne

[00:25:23] Bom e eu tô tentando fazer isso né é isso eu tô lhe dizendo já tô me antecipando que eu tô tentando fazer essa parceria com um orientando meu mas assim depende também algumas, ele ainda tá concluindo algumas disciplinas e tudo a gente né pra que a gente posso fazer algo prático né espero que ele né, segundo ele era interessante então de transformar uma coisa que não seria apenas, seria ele queria fazer reportagens trabalhando com assim sobre a IA não faz alguma coisa desse problema e a gente não

traz uma solução quem sabe porque às vezes também pode ser desde a graduação entendendo isso vem por isso que é importante a pesquisa aplicada cada vez mais ela começa já na graduação para que esse entendimento não é para quando chegar sem escrever um projeto no mestrado você já escrever a partir não vou escrever uma proposta eu vou ver esse problema não vou só me aprofundar que é importantíssimo.

Alanna

[00:26:34] Aham.

Kellyanne

[00:26:35] Estou querendo dizer aqui, meu doutorado eu já fiz teórico mas eu fui nas redações e acabei trazendo uma proposta de um conceito, mas eu ficava muito pensando como é eu poderia fazer também nem assim quando você tem um que traz a partir dessas pontas ativas e que eu penso em fazer alguma coisa aplicada para poder em cima desse problema você está entendendo, nesse sentido desse olhar aqui está eu conheço me aprofundo nisso mas eu tenho como propor uma solução e tentar fazer essa solução acontecer.

Alanna

[00:27:43] Nesse sentido professora, agora falando um pouquinho em relação a isso talvez até comentando que é mercado que não vem até academia né. Qual que seria a posição aí da Federal da Paraíba, como que vocês lidam com essa questão mercadológica que envolve a pesquisa aplicada.

Kellyanne

[00:28:19] Bem eu acho que a gente tem que melhorar mas por exemplo já tem recentemente tem na graduação uma parceria que ainda não é produto é conteúdo né produção de conteúdo mas já é uma abertura para trazer aí quem sabe, é fazer algo que poderia assim dentro de uma buscar uma solução né é questões das eleições também ouvindo não sei se cortou... Estou ouvindo bem certo e é eu sei que por exemplo ela tem com a

Maurício de Nassau e a questão de checagem de dados e até eu falei com um dos colegas né é porque que vocês não fizeram conosco né aqui né e acredito que sim que vai aparecer possivelmente futuramente né mas essa questão com as empresas eu acho que tem que melhorar é a gente tem que elas tem que olhar pra gente como laboratórios e eu lembro que é uma coisa que a gente que era que eu via muito na Espanha é esses laboratórios as próprias emissoras tinham dentro laboratórios e trabalhava esses laboratórios junto com as universidades é porque eles precisam de, se eles buscam né, a gente tem a gente encontra o LAVID que é esse núcleo né lá é que eu participo de é aqui da UFPB aqui do centro informática a gente tem empresas que buscam mesmo assim nela por elas saberem que por fazer já já trabalhos e de pesquisa aplicado por resolver várias soluções de problemas, problemas né é elas vem em busca do centro de informática em busca dos laboratórios com olha a gente tem esse problema aqui vocês né tem como resolver como é a gente faz um projeto entendeu então assim já tem nesse sentido no jornalismo no departamento no centro é não consiga enxergar isso ainda né no PPJ mas acredito que algo que a gente possa é trabalhar assim porque na UFPB já acontece né em outros centros eu não sei se você referia a universidade ou se você se referia ao meu centro de ensino.

Alanna

[00:31:02] Não acho que no geral deu para entender bem, talvez temos visões diferentes né. O da UFPB é um pouco já tem né algumas conexões mas talvez o jornalismo ainda precisa melhorar um pouco essa questão né.

Kellyanne

[00:31:15] Isso eu não sei se isso seria também pela parte das próprias empresas de jornalismo também de enxergar e não vir buscar apenas para poder fazer conteúdo mas também para poder trazer a pesquisa ali dizer olha, a gente tá com problema aqui e a gente precisa pensar na solução aqui dentro do nosso do nosso processo produtivo, dentro aqui do dessa é dessa nossa rotina e ela trabalha com inovação e ela tem desde 89 eu

lembro da TV digital nessa questão de 89 ela tem pesquisadores ela recentemente ela criou aquele media lab é e eu não sei agora parece que mudou o nome mas enfim ela mantém sempre um núcleo quando eu fui na Intercom em 2010, Globo foi pesquisa Globo e eles mostraram pra gente e eles tem lá um núcleo de pesquisa de pessoas que é justamente para pensar os problemas da empresa nessa e trazer soluções são pessoas que trabalham para empresa e eu acho que as empresas locais né que a gente não passa né se for não pensar que a gente tá numa cidade que é que tem emissoras que foi aprovado é pela Inovatec que foi um edital pra montar um laboratório de desinformação agência de inovação tecnológica de João Pessoa Laboratório de checagem, a intenção é que esse laboratório esse esse além de desenvolver esse bot para checagem chama Alumia você pode procurar já tem Instagram e e aí eles estão começando a desenvolver porque nessa nessa nesse edital que aconteceu, esse edital era justamente pra poder é aqui no tem um centro que a universidade o que o o proponente pudesse montar esse laboratório que era muito faltado para as universidades para que eles montassem um laboratório e assim tivesse um centro de checagem. Que foi já até usado uma checagem foi até usado durante as eleições aqui municipais né assim foi um dos dados bem é que eles fizeram a checagem né em tudo assim que está inicial eu acho que não sei tem três meses né então eles recentemente se você procurar justamente eu posso te mandar o Instagram é para você. Aí tem um departamento de comunicação que tem esses três cursos que eu lhe falei radialismo, cine audiovisual e relações públicas acho que tem uma colega que é de relações públicas e eu não sei mais bem porque eu não participei porque eu já estou com esse outro projeto sim mas que bacana que bacana que já está caminhando né para montar isso para montar e aí vai ser chamar Alumia é um laboratório que para continuar na verdade esse edital é de tal que te dá um dinheiro.

Alanna

[00:35:37] Você acha que a pesquisa aplicada em jornalismo é um tipo de pesquisa que pode sim de fato trazer respostas para o jornalismo?

Kellyanne

[00:35:48] Com certeza, não tenho dúvida não tenho dúvida eu acho que tem que semear cada vez é mais estimulada eu acho que eu assim é o mercado quer né esse vamos dizer assim esse novo ecossistema midiático digital ele pede isso pra gente também né e a gente precisa formar dentro da nossa graduação dentro da pós graduação e estimular cada vez mais pessoas que se dediquem porque às vezes ela não vai parar às vezes ela pode até depois é ser contratada né você analisa muito alguns contratos né eu estava vendo assim você vê que o mercado é algo que ele tá requerendo né isso né então assim para além de só responder o mercado eu acho que também pra trazer.

Alanna

[00:37:20] Acho que corroborando um pouco que a senhora tá falando a gente faz um relatório anual pra ver a pesquisa aplicada né e a gente percebeu que lá em 2010 a gente teve uma leve queda nos anos do governo passado que acho que a gente não tinha nenhum respaldo pra pesquisa no geral né então a gente teve essa queda ali nos anos da pandemia mas a gente percebe que a coisa tá evoluindo a gente tem o prêmio agora né da SBPJOR.

Kellyanne

[00:38:23] Também tá se atentando para isso né que outras áreas né dentro da academia já fazem isso e a gente aqui na comunicação acho que a gente ficou achando não a gente só avalia né outra ou só não a gente também né pode aplicar e fazer importante.

Alanna

[00:38:41] Enfim meu trabalho vai tentar trazer um pouco de respostas para essa para as dificuldades né da pesquisa aplicada espero que possa contribuir. A senhora contribuiu muito acho que é dá para a gente entender bem no tom do programa da Paraíba é um programa profissional que está aberto essas questões mercadológicas claro com suas dificuldades como a

senhora falou mas me ajudou muito muitíssimo obrigada era isso que eu precisava.

Kellyanne

[00:39:04] Eu que agradeço. Quero ver seu TCC.

Alanna

[00:39:07] Eu mando para você.

Kellyanne

[00:39:36] Obrigada tchau tchau tchau.